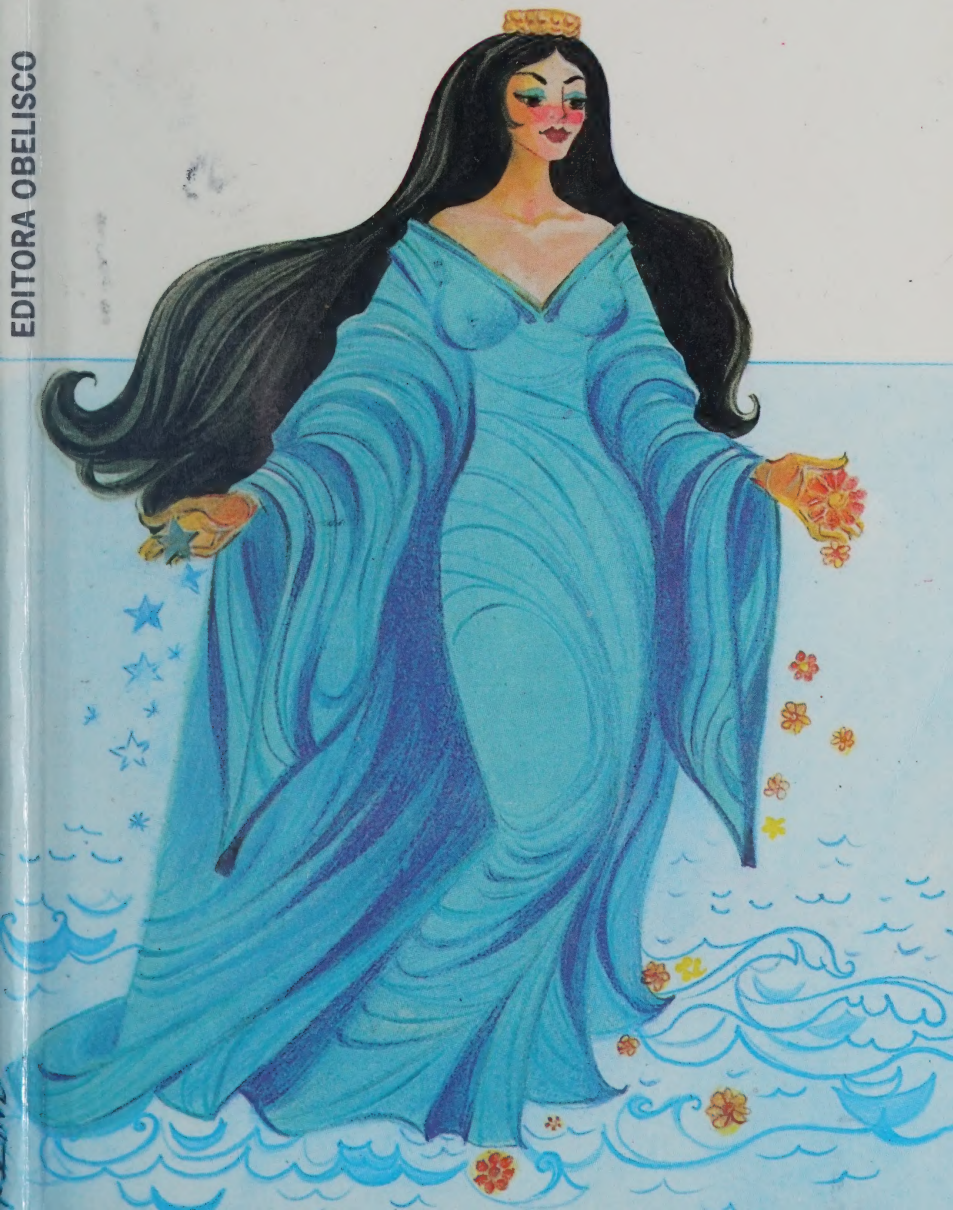
J. EDISON ORPHANAKE

CONHEÇA A UMBANDA



EDITORA OBELISCO

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
STACKS

CENTRAL CIRCULATION BOOKSTACKS
The person charging this material is responsible for its return to the library from which it was borrowed on or before the **Latest Date** stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.
TO RENEW CALL TELEPHONE CENTER, 333-8400
UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY AT URBANA-CHAMPAIGN

APR 28 1993

When renewing by phone, write new due date below previous due date.
L162

J. Edson Orphanake

CONHEÇA A UMBANDA

1ª EDIÇÃO

EDITORA OBELISCO

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of Illinois Urbana-Champaign

https://archive.org/details/conhecaumbanda00orph

299.67
Or 7c

PREFÁCIO

Ao lançarmos a público a presente obra, houvemos por objetivo principal complementar a anterior, ou seja, o livro "A UMBANDA ÀS SUAS ORDENS", de modo paralelo, sem dependência de um a outro, à vista da multiplicidade de ocorrências e atividades ritualísticas e doutrinárias notadas no labor diário das centenas de milhares de tendas, terreiros e templos umbandistas espalhados por todo o Brasil e mesmo fora dele — eis que já exportamos Umbanda — comentando e explanando suas práticas, não só a leigos e principiantes, como a adeptos militantes com vários anos de trabalho profícuo na seara espiritualista, para obterem visão mais ampla da Religião.

Logicamente, este livro não esgota todo o assunto. A Espiritualidade é imensa, infinita e complexa, cujo panorama universal, mais profundo, vai-se descortinando à medida que também alcançamos degraus mais elevados na evolução anímica, clareando-se e mostrando realidades e maravilhas que nos passam despercebidas, face ao obscurecimento imposto pela matéria densa a turvar o entendimento e o alcance mental do espírito a ela preso e limitado. Não existem religiões donas da verdade total. Esta é que é a verdade. Erros, falhas, deficiências, atrasos e mesmo ignorância, com que nos revestem irmãos de crenças contrárias, em opiniões e conceitos anti-fraternos, são conseqüência da pretensão vaidosa de cada seita ou grupo pretender interpretar como um Todo apenas fragmentos desse Todo, de que é possuidor, tomando a parte relativa à verdade inteira como Realidade Absoluta, esquecendo-se de que tudo promana de uma só e única Fonte. As diversidades, interpretações, exteriorizações, crenças, verificadas não só conosco, mas com todos os credos, atualmente, são produtos da nossa atual evolução psíquica, ainda em estágios intermediários, onde cada facção se localiza e se une por afinidades ideológicas, vendo, por conseguinte, as coisas de modo próprio, peculiar, conferindo-as pelo padrão interpretativo que adota ou nível de entendimento em que se situa, e procurando, daí, impor como norma ou lei inflexível, aquilo que apenas, única e tão somente a compreensão do grupo acredita ser verdadeiro, imutável, absoluto.

Disse certo filósofo que "somente os sábios e os imbecis não mudam de opinião", consistindo tal afirmação em que praticamente todos somos instáveis em nossos conceitos, principalmente em relação às coisas espirituais, pois somente aos poucos, mercê de muito estudo, vivência e observações, vamos aproximando da

realidade divina. Unicamente as leis de Deus são justas, sábias e perfeitas, por isso, imutáveis; mas a criatura humana e todas as demais criações de Sua Mente Indefinível tendem, compulsoriamente, a um avanço rumo ao infinito, seguindo traçado pré-estabelecido por Seus sábios desígnios, os quais não compreendemos ainda, mas a que obedecemos em nossas transformações e vicissitudes dentro dos planos vibratórios, aprimorando o àtomo divino — o espírito — tal qual diamante bruto e opaco necessitando lapidação para transformar-se no valioso brilhante.

Portanto, e por conseguinte, nessa transição, também a Umbanda evolui, progride e aprimora-se, servindo de peça simples, modesta — como o parafuso ou a pequena mola — porém, imprescindível ao funcionamento perfeito do maquinário celeste, cooperando para o desempenho das tarefas de caridade que o Pai Supremo a ela confiou.

Acreditamos nada termos mudado na presente obra, relativamente aos conceitos gerais ou específicos emitidos na outra, principalmente na análise e síntese essenciais dos fatos. Apenas procuramos aperfeiçoá-la, abordar temas doutrinários análogos, omitidos na primeira, oferecendo novos ângulos a uma observação e interpretação dos fenômenos espirituais-ritualísticos. Ansiamos, outrossim, aqui, tornar o livro mais agradável, intercalando casos ilustrativos de comparação e, sobretudo, leitura simples, para que todos entendam as mensagens e ensinamentos que pretendemos transmitir. Se algum irmão praticar ritual divergente ou interpretar a ritualística de outro modo, não quer isto dizer, estejamos errados: nós ou ele. Mas leve-se a conta da própria heterotecnia da Umbanda, religião de um poli-sincretismo universal, bem ao gosto dos brasileiros, até certo ponto adaptável, prática e útil aos irmãos necessitados, além de unir criaturas sob a mesma bandeira: a da Caridade amorosa e fraterna.

O autor.

I — UMBANDA

QUE É UMBANDA

A Umbanda, religião que se vem firmando entre o povo brasileiro, é um agrupamento de seres humanos contendo as mesmas afinidades religiosas, isto é, que se encontram mais ou menos no mesmo estágio de evolução e mantém a mesma disposição espiritual. Para satisfazer suas práticas devocionais, essas pessoas usam de ritos, cerimônias, atos e procedimentos próprios que julgam adequados à finalidade de se harmonizarem com seus guias e deles obterem a proteção e ajuda na resolução de problemas materiais, psíquicos, psicológicos e espirituais ou lutarem contra as adversidades da vida. Cada adepto tem sempre obrigações a cumprir para agradar a seus protetores, angariar-lhes a simpatia e forçar seu auxílio nas lutas do dia a dia.

Mas, para que o guia ou protetor se manifeste em alguém, necessário se torna que esse alguém seja médium ou sensitivo, isto é, aparelho com disposição para se deixar incorporar por ele e deixá-lo agir em benefício de outros e do próprio médium, vulgarmente chamado "cavalo", por dar passividade ao espírito desencarnado, servindo de intermediário entre o guia e os irmãos encarnados.

A Umbanda é a reunião desse tipo de intermediários, cujas mentes se afinizam entre si, sob a direção de um dirigente, denominado pai ou mãe de santo, babalaorixá ou ialorixá, se este último for do sexo feminino, cacique, Chefe de terreiro, ou simplesmente babalaô, se for homem, e babá, se mulher.

Os trabalhos são feitos em salões, salas, templos, cabanas, cujo assoalho às vezes é de terra batida, ou de cimento, e no interior dos quais existe um altar chamado congá ou pegí, onde se colocam imagens de santos católicos, de índios e pretos-velhos. Há um espaço reservado para a assistência, com bancos ou cadeiras e outro, frente ao altar, vazio, no qual os médiuns recebem as incorporações e trabalham. Para cumprirem as missões que lhes são confiadas, utilizam-se de vários objetos e coisas próprias do ritual que irão proceder, tais como, velas, defumadores, flores, água para fluidificação, pembas (espécie de giz para riscar

pontos, (desenhos cabalísticos), roupa apropriada, geralmente branca, colares, banquinhos, cuias, bebidas, e outros.

Nos seus rituais, a Umbanda, ou melhor, seus praticantes se baseiam em três modalidades de culto: o de doutrina, o de magia e o misto (onde entram as duas primeiras modalidades).

Para os trabalhos baseados na doutrina pura de Umbanda, não são necessários grandes conhecimentos por parte dos médiuns, mas se exige do dirigente algum entendimento, para pautar os trabalhos dentro de uma ordem ou organização que se coadune com a harmonia das linhas que trabalham em diferentes vibrações. Para estes é imprescindível possuir conduta moral elevada, amor ao próximo, disposição para prestar a caridade, bom senso, paciência, tolerância e acima de tudo ser médium com alguns anos de prática. Geralmente o roteiro de um adepto dentro de uma tenda é o seguinte: a pessoa chega ao terreiro em situação crítica e precária, com problemas sociais, financeiros ou de saúde para consultar os guias. Alertado de sua mediunidade, caso seja este o motivo do desequilíbrio, necessitando desenvolvimento, a pessoa passa depois a freqüentar os trabalhos como assistente em desenvolvimento. À medida que comparece às sessões, cumpre obrigações receitadas pelos guias, o seu protetor vai-se aproximando e harmonizando suas vibrações com as do principiante, procurando envolvê-lo para posterior incorporação, processando-se tal medida progressivamente.

Uma vez perfeita ou quase perfeita a incorporação, o médium se cede passivamente ao guia, servindo-lhe de intermediário entre suas comunicações e os consulentes, já ministrando conselhos, receitando ervas, orientando, solucionando problemas e procurando dar alívio às dores do irmão sofredor. Em contato semanal com os outros irmãos e sob a orientação do pai ou mãe de santo, vai adquirindo experiências e tarimba para a perfeita união com a entidade espiritual, procedendo aos rituais necessários à obtenção de resultados satisfatórios dos trabalhos em que serve como apoio. Logicamente, semelhante aprendizado se refere à limpeza da aura, asseio corporal, banhos de defesa, de descarga, defumação, manifestações de respeito, lavagem de cabeça, aplicação do amaci (líquido com ervas maceradas), instruções e aprendizado da doutrina e dezenas de outras lições.

Quando se trabalha somente na doutrina, a chamada umbanda branca, os conhecimentos e trabalhos são mais simples e fáceis para os médiuns, pois utilizando-se da mediunidade, todo trabalho a ser feito o é pelos guias, que orienta, conduz e termina-o; entretanto, quando se trabalha com a magia, já o ritual é mais

complicado, visto necessitar de uma série de rituais complexos, conhecimento do quimismo astral, obediência a certos requisitos e à seqüência de pormenores ou atos que precedem a cada serviço, ciência das vibrações, trabalhos e atos mágicos, para conseguir o fim que se quer, mesmo sem a assistência dos espíritos. Aliás, hoje, com a mediunidade esparramada por todo o globo terrestre, já não é necessário tanto conhecimento porque o guia o instrui na prática mágica.

Antigamente, entre os feiticeiros, magos, bruxos, pagés, quibungos (espécie de pagé africano) eram comuns os trabalhos ritualísticos preparatórios para se conseguir uma manifestação de espíritos, por mais pequena que fosse. Atualmente, com a mediunidade quase geral e rotineira, já não há necessidade de danças grotescas, aparatos ritualísticos, queima de ervas odoríferas em excesso, preparações cabalísticas para conseguir um fenômeno espírita, ou o concurso de forças ocultas. Estas nada mais eram que a manifestação de alguma entidade desencarnada atraída pelo ambiente propício e convidativo que lhe ofereciam.

Os que lidam com trabalhos mistos, utilizam ambas as modalidades de culto: a mediunidade e a magia. A magia é o modo de obter-se, através de vibrações abstratas e invisíveis, resultados propostos, concretos e visíveis. Para tanto é indispensável o perfeito entendimento do assunto e o eficaz controle na manipulação das oscilações fluídicas dos objetos, coisas, animais e seres humanos, para atrair forças astrais que dêem o resultado procurado. Devido à complexidade do assunto e a ignorância de certos "curiosos" existentes na Umbanda, é que os trabalhos de magia pecam e não vingam em seus objetivos. Se todos soubessem lidar com ela e fossem realmente eficientes, a metade da população do globo já teria morrido ou estaria aleijada. Ademais, nem todos são vulneráveis a ataques de magia negra (esta utilizada na Quibanda, da qual falaremos logo mais), em virtude de fatores vários, entre eles o merecimento, a proteção do anjo de guarda, defesa do organismo não predisposto a tal e sobretudo obediência ao evangelho de Jesus.

Como estamos falando de magia, esclarecemos que ela é uma só. Quando utilizada para o Bem, chama-se Magia Branca; quando dirigida para o mal, Magia Negra. Sua ação equipara-se à corrente elétrica: esta, se aplicada em geladeiras, produz frio; se ligada a fogão gera calor, isto é, o mesmo calor que derrete

a banha, endurece o ovo na panela. Só que na energia elétrica, o resultado depende do mecanismo do aparelho receptor, quando na magia o processo é invertido, ou seja, depende da disposição do aparelho emissor.

QUAL A RAZÃO DA UMBANDA?

Ninguém desconhece a eterna luta entre o Bem e o Mal. Desde que mundo é mundo a luta existe. O Bem significa a virtude, a qualidade, o caráter, a bondade, o amor, a compreensão, o desapego das coisas ilusórias materiais de uma vida terrena passageira; o mal é simbolizado pelas nossas imperfeições, defeitos, maldade, deficiências, fraquezas, orgulho, inveja, prepotência, intolerância e uma rede de falhas morais que nos levam a prejudicar o nosso semelhante para podermos gozar de prazeres mundanos.

Pois bem, a Umbanda existe para combater o mal causado pela outra banda, ou seja, a da maldade. Ela representa um exército dentro da espiritualidade e no círculo de suas atividades, empunhando a bandeira branca da paz, simbolizando as forças do Bem. Seus soldados são os caboclos (índios), pretos-velhos, baianos, boiadeiros, erês (crianças), anjos de guarda e exus e vários outros que lutam espiritualmente contra as forças do mal. Personificando o Mal existe uma outra corrente, um outro exército, constituído de seres perversos que vivem a praticar toda sorte de iniquidades e mazelas físicas e morais; estes levam a bandeira negra e vermelha, cujas cores caracterizam o luto e o sangue, o desespero e a dor. Este agrupamento malévolo é comumente chamado de Quibanda e é integrado por quiumbas e exus maléficos (exu, nome genérico atribuído também a esses maldosos), que são entidades ainda imperfeitas e voltadas para o mal, revoltadas contra a situação que elas mesmas criaram, pois o caminho a seguir é livre e espontâneo. Cada um faz o que bem entende, desde, é claro, que depois sofra as conseqüências de seus atos. A luta é entre eles e nós, porisso somos os instrumentos desta guerra de ódios e ciúmes de um lado e de amor e benevolência do outro. Quem é bom, honesto, correto, vai cooperar, cerrando fileiras com os guias da Umbanda; quem é imperfeito, desonesto, incorreto, maldoso, vai servir às forças dos exus da Quibanda, atuando como instrumento (médium) desses agentes malignos.

Para se trabalhar na Umbanda, como médium desenvolvido, deve-se estar capacitado para enfrentar todo tipo de demanda que aparecer em defesa do irmão atacado pelas forças do Mal. Esse é aliado dos guias e protetores. Mas, forças do mal, não se subentende somente os trabalhos de magia negra, macumba, vinganças e ódios dos outros contra a gente. É imprescendível conscientizar que o mal pode vir também de nosso próprio interior. São os ciúmes, inveja, orgulho, vaidade, intolerância que, inconscientemente, trazemos escondidos dentro de nossa alma e que às vezes sobem à tona de nossa consciência e os exteriorizamos inadvertidamente contra até nós mesmos, pelo pensamento, idéias, vibrações e ações menos dignas, criando ao nosso redor, um cascão de sujeira psíquica a nos oprimir, causando mal estar, situações negativas, pessimismo, medos infundados, complexos, neuroses, estados enfermiços psicossomáticos (doença no corpo caracterizado por ação da mente), que abrem em nossa defesa, uma brecha por onde os espíritos das trevas agem, obsediando e nos levando a uma situação bem pior. Logicamente a ação desses obsessores se apoia em nossa conduta irregular, pois o mais obstinado dos exus não violenta nosso livre arbítrio, sem que o queiramos, sem que lhe demos um ponto fraco onde possam apoiar-se para prejudicar-nos.

Quem serve à Quibanda, recebe espíritos impuros ou compactua-se com eles para a prática do mal. Às vezes, contrata-os para determinados serviços pelos quais cobra vultosas importâncias, visando com isso prejudicar um semelhante incauto. Geralmente atinge o objetivo e faz o irmão sofrer, já que o espírito obsessor contratado apega-se à vítima e a castiga implacavelmente, satisfazendo ódios e vinganças cruéis de inimigos, antipatizantes, parentes falsos, esposas levianas ou amigos que a invejam. Logicamente quem faz o mal adquire uma dívida que, cedo ou tarde, terá de pagar, consoante a lei do equilíbrio e da reeducação moral. A Justiça de Xangô demora mas vem obrigatoriamente, cumprindo uma lei de Deus. Mas, aí é que entra a Umbanda. Procurando desfazer o mal feito, que foi bem feito, ela procura anular os seus efeitos terríveis, combatendo com armas apropriadas a cada combate. Se através de obsessão, pela desobsessão; se através da magia negra, com a magia branca; se por ponto firmado, desfazendo tal ponto. E na batalha que se desenrola, quem pode mais, chora menos, como diz o ditado popular. Assim, e por isso, a necessidade da experiência e da tarimba, do conhecimento de causa, visto os guias necessitarem do apoio do médium, em seus fluidos ou emanações vibráteis,

que dão substâncias semi-materializadas, para conseguirem meios de fazer frente ao adversário, lutando com as mesmas armas dele. Pois, na magia há a utilização de dois fluidos: o astral e o material. Além disso, precisa da fé, da vibração, da concentração, do sacrifício do médium umbandista para poder descer ao plano espiritual do desafeto e anular-lhe os trabalhos de magia negra. Falaremos mais adiante sobre os graus de vibração, onde vivem e agem as almas, para melhor entendimento do leitor.

O NASCIMENTO DA UMBANDA

Esta Umbanda atual, praticada na maioria dos terreiros, é baseada em quatro ramos diferentes no aspecto exterior de cada um, mas análogos em seu conteúdo. O primeiro ramo foi fornecido pelos cultos de nações, trazidos pelos escravos negros que vieram da África; o segundo foi imposto pelo catolicismo, religião dominante àquela época; o terceiro veio dos indígenas brasileiros que, juntando-se aos rituais africanistas, deu-lhe boa contribuição; e o quarto ramo deu-se pela assimilação da mediunidade regular e da filosofia cardecista, cujos conceitos acerca da Espiritualidade, são as mais lindas e perfeitas aparecidas até hoje. Vamos falar das contribuições.

A ÁFRICA

A África é conhecida como o "continente negro" por possuir a maioria de sua população constituída da raça negra. Os negros habitam desde o sul do deserto do Saára até o extremo sul do continente. Dessa raça negra, dois grupos étnicos dentre outros predominam: o grupo sudanês e o banto. O grupo sudanês ocupa a parte centro-ocidental, enquanto os bantos vivem nas partes central, meridional (sul) da África e grande parte da ilha de Madagascar, a sudoeste do continente. Além desses dois grupos predominantes, ainda constatamos a presença, embora em densidade menor, dos camitas, habitantes do deserto do Saára; dos semitas, localizados ao norte e representados pelos árabes e judeus; dos hotentotes e bosquímanos a sudoeste, próximo ao deserto de Kaalari; dos malgaxes e hovas, ocupando metade da ilha de Madagascar, juntamente com bantos; e dos pigmeus habitantes de vários pontos da floresta equatorial ao centro e oeste.

Como não podia deixar de ser, por serem mais numerosos, os escravos que vieram para o Brasil, logo após seu descobrimento até meados do Século XIX, constituíam-se, em sua quase maioria, dos grupos étnicos sudaneses e bantos. Naturalmente, vieram também de grupos menores. Mas, prevaleceram os dois agrupamentos maiores. Não falavam o mesmo idioma, mas dialetos próprios, nem professavam a mesma religião, muito embora pertencessem a seitas denominadas "fetichistas", por cultuarem os elementos "espirituais". Os elementos naturais eram para eles a personificação de espíritos de "encantados", como diziam, a quem chamavam orixás, com atribuições e atividades, bem como missões ligadas aos fenômenos naturais e sociais.

Durante o tráfico, os navios que conduziam os negros capturados, seguiam rotas diferentes. Os que procediam do norte da África, trazendo os sudaneses, cujo povo era subdividido em outras comunidades menores: nagôs, jejes, malês e minas, de acordo com a região ou o local habitados, preferiam desembarcá-los nos portos do norte brasileiro: Salvador, Recife, Belém, etc. e os oriundos do centro-oeste africano, os bantos, eram, geralmente, destinados aos portos do sudoeste e sul do Brasil, à vista da distância e da conveniência dos traficantes, principalmente nas cidades de Rio de Janeiro, Santos, Vitória, Porto Alegre e outros. Assim o termo Jeje é usado para identificar os povos e as culturas dos negros procedentes do Daomé. Nagô, classifica o escravos iorubas vindos da Nigéria. Malê é empregado para circunscrever os negros praticantes da religião Islâmica (dos muçulmanos). Mina é o nome geral atribuído aos negros africanos de dois grupos pouco numerosos: os Fanti e Ashanti. Banto é denominação genérica atribuída aos que habitavam o centro oeste e sul, abrangendo as nações do Congo, Angola e Moçambique.

Chegados ao Brasil e vendidos em leilões públicos, eram dispersos pelas fazendas, cidades e sertões. Os senhores de engenho, que os adquiriam, muitas vezes compravam lotes de vários integrantes de uma só nação ou dois, três de cada grupo étnico, sendo misturados nas senzalas. Reunidos, mas constituintes de nações diferentes, com hábitos, costumes e cultos religiosos divergentes, prevaleciam em suas reuniões de cultos às divindades, os rituais dos mais numerosos ou dos mais inteligentes. Como nos Estados do Nordeste e Norte do Brasil, a predominância pertencia aos sudaneses, estes sobressaíram entre os demais, o mesmo sucedendo em relação aos bantos nos Estados do Sudeste

e Sul do País. Espalhados pelo Brasil todo, os escravos nos legaram vários cultos relacionados aos seus próprios, nascendo então o Caatimbó, no Nordeste (em mistura com práticas indígenas dos silvícolas brasileiros); o Xangô, em Pernambuco, o Candomblé, na Bahia; influência posterior bem acentuada na Umbanda, no Rio de Janeiro e São Paulo; o Batuque, no Rio Grande do Sul, e outros de menor importância, como o Omolocô, etc.

Entretanto, a forma nativa do continente de origem não permaneceu intacta. Aqui no Brasil, com raríssimas exceções, sofreu influências de várias outras modalidades de culto, surgindo, daí, práticas mescladas, como o Candomblé de Caboclo, o chamado "Umbandomblé". Os cultos originais eram simples, não possuindo ídolos nem imagens, mas totens (objetos ou animais a que certos grupos primitivos se julgavam filiados e lhes deviam dedicar veneração) e máscaras representativas de seus deuses. As imagens, que hoje são colocadas em alguns altares, foram copiadas dos católicos, vez que os índios brasileiros não as adotavam. No princípio, o ritual era fetichista, puramente.

Dest'arte, como se depreende, em relação aos cultos africanos, nenhum deles, aqui praticados atualmente, pode ser considerado virgem, puro, original. Nem poderia ser de outra forma. Espalhados pelo Brasil inteiro e misturados entre si, escravos negros de várias origens tiveram de se adaptar à devoção de outros companheiros mais numerosos, confundindo seus orixás a outros deuses quase semelhantes, o mesmo acontecendo com a forma devocional originária. Dessa miscelânea, haveria, como é óbvio, de nascerem outros cultos, se não divergentes em sua essência, diferentes em sua forma exterior, bem como nas lendas e na genealogia dos orixás, razão por que se torna difícil, quase impossível, se estabelecer um paralelo no relato histórico através dos tempos, em razão da forçada mistura, a que se viram obrigados e mesmo porque adotaram práticas que, se não lhes foram totalmente estranhas, também não lhes eram familiares, como o caso dos cultos indígenas brasileiros, da liturgia católica romana e depois da comunicação com os mortos através da mediunidade de incorporação, fato anteriormente aberrativo para eles, por não aceitarem esse tipo de mediação, mas tão somente recebendo ou se deixando envolver pelos fluidos de seus orixás, sem, contudo, incorporá-los.

Sua devoção, todavia, não era bem vista e aceita pelos senhores brancos. Soberbos, intolerantes, superiores culturalmente, pressionados pela Igreja Oficial, que consideravam os cultos negros de feiticeiros, buscaram, como diziam, reeducar e cate-

quisar o negro ignorante, como já o tinham feito com os indígenas, impondo-lhes a religião dos padres, a quem respeitavam. Dest'arte, passaram a perseguir o escravo indefeso, proibindo-o de se reunir para louvar seus orixás, sob os mais severos castigos corporais. Os negros, porém, não eram assim tão ignorantes. Para poderem cultuar seus deuses, de modo a não deixar suspeita, passaram a utilizar-se de imagens de santos católicos, os quais eram colocados em altares à moda dos brancos. O disfarce se estendeu além. Deram o nome de seus orixás aos santos, procedimento que permanece até hoje, vez que o uso do cachimbo deixou a boca torta. Dessa prática disfarçada, assimilaram e adotaram muita coisa das igrejas: santos, velas, orações, bater cabeça, altar, etc.

Muitos grupos recebiam a adesão de índios e mestiços. Estes, culturalmente inferiores aos negros, terminaram por aceitar seus rituais, mesmo porque, tinham algo em comum e muito se assemelhavam, devido às danças, cânticos, fetiches (objetos relacionados aos orixás) além de deuses de origem e atividades quase idênticas. Dessa forma, não titubearam em aderir à ritualística negra, contribuindo com enorme bagagem de divindades que se misturavam às dos africanos. Cumpre esclarecer que se tratavam de deuses abstratos, ou melhor, mitológicos, que representavam forças da natureza, não espíritos de mortos, mas encantados, como hoje se afirma nos cultos afros, notadamente no Candomblé.

Finalmente, com o advento da Codificação do Espiritismo, levada a efeito por Allan Kardec, em que se ressaltou o papel da mediunidade, faculdade de se comunicar com espíritos de mortos, alguns grupos passaram, muito tempo depois, a incorporar essas almas falecidas e delas obterem comunicações diretas. Já temos aí um prelúdio da Umbanda, embora nem todas as nações adotassem esse procedimento, ficando fiéis à origem, ou seja, não dando passividade a espíritos de mortos, mas tão somente deixando-se envolver pelos fluidos dos orixás, que, como dissemos, são espíritos encantados da natureza ou forças naturais, entidades que como dizem, nunca passaram, pela forma humana e são apenas ligados aos recursos naturais, como mares, rios, fontes, cachoeiras, matas, etc., cada um com atividade dentro do campo onde atua. Antes de entrarmos na Umbanda propriamente brasileira, vamos falar um pouco dos orixás africanos, muito embora a Umbanda com eles não lide, como explicaremos adiante, mas sim, os outros cultos afros, nossos irmãos.

Os escravos trouxeram uma rica bagagem teogônica (conjunto de deuses) do continente de origem. Cada um deles rege um fenômeno meteorológico ou natural, onde atua em consonância à sua aura vibratória. Diferem pouco de nação para nação, quase imperceptível, já que aqui se misturaram; mas suas atividades são mais ou menos as seguintes:

OLORUM (nagô) — ZAMBI (Banto) — Deus supremo criador do céu (Obatalá) e da Terra (Odudua). Para ele não há culto. É homenageado através de orixás secundários.

OXALÁ — com duas divisões Oxalufã e Oxaguiã, ou seja, deus velho e deus moço, o maior de todos os orixás. É um deus branco e segundo a crença, durante seis meses é do sexo masculino e nos outros seis, feminino. A ele cabe as manifestações de religiosidade em geral, as ciências, as artes e o evangelho ou doutrina moral por excelência.

IEMANJÁ — Rainha dos oceanos, mares e água salgada, protetora dos marinheiros, dos pescadores, dos peixes, da flora marítima, das viagens por mar, etc.; conta para auxiliá-la com outras entidades femininas: as sereias, ondinas, ninfas, náiades e espíritos aquáticos. Em algumas nações existe também Olokum, que para os iorubanos é o deus do mar.

XANGÔ — Orixá da Justiça para uns e dos raios, relâmpagos, trovões, tempestades, para outros, com domínio também sobre as pedras e pedreiras. Possui três esposas que o auxiliam.

OGUM — deus da guerra, das demandas, do embate físico, das disputas materiais e espirituais, do aço, do ferro, do fogo, da espada e das armas bélicas.

OXOSSE — orixá das matas, florestas e bosques, protetor dos caçadores, da fauna e flora vegetal. Guia através das matas a quem se acha perdido.

IBEJI — deus gêmeo, protetor das crianças em geral, chamado também de erê, dos brinquedos e das diversões infantis.

OXUM — deusa dos rios, lagos, cachoeiras, córregos e da água doce.

OMULU — orixá das doenças, da peste e das epidemias. Médico procurado para curar moléstias, tidas por incuráveis.

IANSÃ — uma das esposas de Xangô, deusa dos ventos, raios, coriscos e tempestades. Algumas nações têm-na como guarda dos eguns (espíritos de mortos) nos cemitérios.

NANÃ BUROQUÊ — uma deusa velha já avó, ranzinza, simbolizando, na nação iorubana, a chuva e atuando também nos rios e ribeirões.

OXUM MARÉ — segundo algumas nações é um deus hermafrodita. Seis meses é do sexo masculino e seis do feminino. É o que sustenta o planeta terra e tem como representação o arco-íris. Em algumas nações, julgava-se fosse ele quem formava a chuva, chupando a água dos rios através do arco-íris e levando-a até às nuvens, de onde caia sobre a terra.

OSSÃE — deusa das folhas, dos frutos e dos brotos das árvores, regulando o seu emprego medicinal.

OBÁ — uma das três esposas de Xangô, juntamente com Iansã.

EXU — É o orixá dono de todas as encruzilhadas, lugares ocultos e perigosos. Em algumas nações era um espírito neutro cobrador de dívidas cármicas ou pecados. Em outras, era o mensageiro dos orixás.

BOMBONGIRO OU POMBA GIRA — Exú-mulher ou mulher de exú. Sobre ela falaremos mais adiante.

Eis em síntese os principais orixás do panteão africano ou teogonia iorubana (Jeje-nagô) e Banto (Congo, Angola e Moçambique), os dois cultos que efetivamente impuseram suas filosofias às outras nações: Mina, Malê, etc.

GUIAS E PROTETORES DA UMBANDA

Os médiuns de Umbanda, embora mantendo nomes de orixás em seus cultos ou rituais, sem dúvida alguma não trabalham com eles, isto é, não se deixam envolver em suas vibrações, mas incorporando guias e protetores que são espíritos que estiveram encarnados na Terra. Aí, a diferença básica entre Umbanda e Candomblé ou cultos de nações, como são vulgarmente chamados. Agora vamos aos guias umbandistas:

CABOCLOS — espíritos de índios e mestiços, notadamente os das tribus Tupi-Guarani. São silvícolas brasileiros que viveram antes e depois da descoberta do Brasil. Há uma certa analogia com Oxosse, orixá africano, dadas as características de ambiente: Matas.

PRETOS VELHOS — almas de negros e negras que morreram à época do cativeiro.

ERÊS — espíritos que mantém o psiquismo infantil e crianças brancas e negras que morreram em tenra idade.

BAIANOS — integrantes do povo que faleceram quando habitantes da Bahia ou Nordeste do Brasil.

MARINHEIROS — pessoal que morreu nos mares e eram marinheiros.

BOIADEIROS — vaqueiros que trabalharam nos sítios e fazendas, aí morrendo.

POVO D'ÁGUA — espíritos ainda envoltos em mistério, pois não falam e emitem um canto triste e mavioso.

EXUS — entidades, às vezes, neutras, de outras, más e perversas, que são invocadas para desmancharem trabalhos de magia negra ou fazerem o mal, conforme o caso, perseguindo as vítimas ou firmando pontos mágicos para prejudicá-las, a troco de presentes.

QUIUMBAS OU RABOS DE ENCRUZA — também chamados de exu, são espíritos de malfeitores, ladrões, bêbados que só fazem o mal e obsediam criaturas. São almas errantes, com a condição de serem maldosos.

ALMAS OU EGUNS — espíritos de gente comum, tidos como sofredores, levianos ou zombeteiros que não sabem ainda a condição de falecidos e que se encostam a encarnados, transmitindo-lhes suas dores, idéias, doenças, sofrimentos físicos e morais que os vitimaram, e outras perturbações, sem entretanto terem conhecimento disso.

GUIAS E SEUS TRABALHOS

Quando os guias se incorporam nos "cavalos", o fazem visando a algum trabalho ou missão de caridade. Vamos falar deles:

CABOCLO — A linha, chamada de "Oxosse" por sincretismo, adaptação ou inovação aos cultos afros, é constituída de índios e índias, geralmente brasileiros. Há uma infinidade deles: 7 Encruzilhadas, Caboclo Tupinambá, Araribóia, Pena Branca, etc. Quando nos terreiros, seus trabalhos são de desenvolvimento de mediunidade, descarga dos filhos, passes, conselhos, orientações, limpeza da aura dos consulentes, desobsessões, etc. São entidades autoritárias, enérgicas e às vezes intolerantes. Usam charutos, arco e flechas, penachos e objetos próprios dos indígenas, colares com fileiras de dentes, etc.

PRETOS VELHOS — constituída de pretos e pretas-velhas escravas que desencarnaram ao tempo da Escravidão. São simples, bondosos, pacienciosos, tolerantes, e apresentam-se tortos, capengando, como se os anos lhes pesassem no corpo. Seus tra-

balhos consistem em conselhos espirituais, materiais, psicológicos, curas através de ervas, passes, limpeza da aura do consulente, resolução de problemas. Vêm com os nomes que tinham quando vivos: Pai José de Aruanda, Pai João da Mata, Pai Antonio de Moçambique, João de Angola, Vovó Cambinda, Vovó Catarina, etc. Usam cachimbo ou pito, fumo, velas, defumadores, marafo (aguardente), bengalas, banquinhos, colares, rosários, etc.

CRIANÇAS — da Linha de Ibejí (sincretismo com os cultos de nações) — são espíritos que conservam a mentalidade infantil ou almas de crianças que morreram quando ainda pequenas. Vêm aos terreiros recordar a infância e fazem toda sorte de traquinices. Há-os brancos, pretos e indiozinhos. Não que eles sejam realmente dessa cor ou índios como espíritos, pois estes não têm cor, raça, nem sexo, mas que mantém essas condições quando regressam à Terra, por força do hábito ou circunstância. Gostam de doces, balas, refrigerantes e brinquedos próprios de crianças. Descem nos terreiros, simbolizando a pureza, a inocência e a singeleza. Seus trabalhos se resumem em brincadeiras e divertimentos. Podem-se-lhes pedir ajuda para os nossos filhos, resolução de problemas, fazer confidências, mexericos, mas nunca para o mal, pois eles não atendem a pedidos dessa natureza. Quando baixam, são usados flores, velas, brinquedos e guloseimas.

MARINHEIROS — da Linha do Povo d'Água ou de Iemanjá — Geralmente espíritos de pessoas que foram marinheiros, brincalhões que baixam para beber. Suas sessões são, freqüentemente, de passagem dessas entidades, mas podem-lhes ser pedidas coisas simples. Não é muito aconselhável a incorporação dessas almas, devido à bebida. Com a doutrinação e proibição, porém, eles não bebem.

BAIANOS — Constituídos de almas que integram o povo da Bahia ou do Nordeste do Brasil. É um povo recente na Umbanda. Descem para trabalhos de orientações, curas, conselhos, desenvolvimento, desmanche de trabalhos de magia e outros. Ultimamente começaram a aparecer espíritos famosos, como Lampeão, Maria Bonita, Corisco e outros que foram cangaceiros, que são utilizados para o bem ou para o mal.

BOIADEIROS — geralmente vaqueiros dos campos e prados do Brasil. Normalmente os terreiros dão-lhes passagem, isto é, incorporam-se para permanecer alguns momentos na Terra. Algumas tendas os utilizam para pequenos trabalhos.

POVO D'ÁGUA — Entidades, cuja essência ou personalidade ainda é um mistério. Há uma pequena semelhança com os orixás do Candomblé, pois parece assemelharem-se a encantados ou força da Natureza, como dizem. Não falam, nem dançam. Emitem um canto triste e mavioso. São utilizadas (geralmente se dizem sereias, ninfas, espíritos do mar) para limpeza e descarga fluídica astral dos filhos, dos terreiros ou dos lares.

OGUM — São caciques guerreiros, ou soldados romanos. Sérios, enérgicos, muito utilizados para demanda pesada com exus, trabalhos de desenvolvimento, desobsessões, curas, conselhos, orientações e desmanches de magia negra.

EXU — O exu na Umbanda é tido por um espírito impuro, perverso e maldoso, que só gosta de fazer o mal; no entanto, também é utilizado para o Bem desde que se lho peça. Doutrinado é de grande eficácia para o centro, pois, conhecendo bastante a Magia, é empregado para demandar com outro a fim de desfazer trabalhos de Quibanda. Trata-se de uma força de esquerda usada para equilíbrio vibratório de um trabalho. Quando vêm aos terreiros, usa-se pemba preta, velas pretas e vermelhas, pólvora , ponteiros, aguardente, capa preta e vermelha, tridente, charutos e outros.

POMBA-GIRA — mulher de exu ou exu mulher. Popularíssima e muito solicitada para trabalhos das mais diversas finalidades. Sobre ela falaremos mais adiante.

ALMAS — vulgarmente conhecidas por "eguns", dada a denominação buscada nos cultos afros. São espíritos de pessoas do povo que, não sabendo ou desconhecendo sua situação de falecidos, encostam-se nos filhos de fé, obsediando-lhes ou transmitindo os males de que foram vítimas. Se doutrinadas, podem ajudar.

CIGANOS — espíritos pertencentes às Almas, que foram ciganos; suas manifestações de incorporação são raras, mas atuam secretamente em médiuns com faculdades adivinhatórias.

PIRATAS — São quase desconhecidos nos terreiros.

Como se observa, a Umbanda difere totalmente dos cultos afros, embora tenha hoje ramos oriundos daquele continente. Tal fato se deveu a uma série de fatores, que passamos a explicar:

Antes do ano de 1908, havia somente cultos africanos, em que cada nação procurava praticar o ritual de conformidade com o de origem. E era uma mistura de cultos, pois os negros de uma só nação não permaneceram juntos como já explicamos.

Foram separados e espalhados pelo vasto território brasileiro. E embora se aproximassem no seu conteúdo e essência, diferiam na ritualística exterior e nas atividades de cada orixá, bem como nas lendas e mitos.

Vale notar, porém, que nos cultos de nações, como dizem, o orixá não incorpora o bacuro (médium), mas apenas o envolve como dissemos. Para obter-se uma resposta, solução de um problema ou outra coisa qualquer, o zelador do santo (dirigente de sessão, mãe ou pai-de-santo, babalaorixá, etc.) joga búzios e as respostas vêm através desses objetos, por inspiração ou intuição dos orixás aos que os jogam. O filho ou consulente não falava nem fala diretamente com o orixá, considerado este um intermediário entre o deus supremo e os homens; mas, representando forças da natureza.

Na Umbanda, o ato é mais prático e objetivo: o filho de fé fala pessoalmente com os guias, que são espíritos de mortos, obtendo deles a resposta ou solução do problema que o levou ao terreiro. Não se jogam búzios.

Por que essa diferença ou distinção e qual a razão desse fato e do afastamento da Umbanda dos cultos afros, se ela também é de ramo africano?

A explicação mais racional nos é fornecida por Ronaldo A. Linares, presidente da F.U.G.A.B.C., que pesquisou o assunto e resume-se no seguinte:

Antes de 1908, precisamente a 15 de Novembro, os cultos de nações não admitiam que seu bacuros, intermediários, médiuns, etc. incorporassem o que denominam de egum, ou seja, espírito de morto, repelindo-o caso isso se verificasse, pois não aceitavam e não o aceitam em lugar dos orixás (espíritos de encantados, forças da natureza ou entidades que nunca se encarnaram) que os envolviam em vibrações naturais. Também no Cardecismo, não se admitia que espíritos de índios ou de pretos velhos incorporassem em médium, à mesa, trazendo seus hábitos e costumes, pois pediam cachimbos, pitos, fumo, aguardente e cuspiam no chão. Aliás, nem estas duas classes de espíritos se sentiam satisfeitos em ambiente totalmente diferente do em que haviam vivido. O seu procedimento era uma irreverência intolerável. Ou mudavam os hábitos e viessem como os outros espíritos, mesmo que sofredores, batendo na mesa, sacudindo o médium, chorando e berrando, ou seriam enxotados sumariamente.

Ora, os pretos velhos e os índios, acostumados a seus modos e hábitos peculiares, não poderiam de forma abrupta e rápida mudarem o comportamento repentinamente, dado o condiciona-

mento psíquico de várias existências como encarnados. Por isso ficavam segregados: não podiam incorporar nos cultos afros e tampouco manifestar-se nas mesas cardecistas. Entretanto, necessitavam dar comunicação. Precisavam manifestar-se, porque havia uma parte do povo que não se dava bem nos cultos de nações e não entendia as mensagens das sessões de mesa branca. Precisavam de um ritual, um culto, uma devoção, que ficasse no meio. Um pouco de um, um pouco de outro. E, assim, a necessidade impôs o aparecimento da Umbanda, religião tipicamente brasileira, que viria preencher uma lacuna no campo religioso.

Tudo leva a crer que a primeira incorporação de Umbanda se deu no dia 15 de novembro de 1908, no médium Zélio de Morais, pelo caboclo das 7 Encruzilhadas, inaugurando a primeira tenda com o nome de Umbanda no Brasil. Aí começaram as incorporações em massa. Outros caboclos vieram, paralelamente à descida de pretos-velhos, crianças, exus, logo seguidos dos baianos, boiadeiros, etc. e virão, acreditamos, mais espíritos de atividades e raças diferentes, por que a Umbanda é ampla, baseada na mediunidade e cabem nela muitas correntes de guias e protetores.

Com o correr do tempo, forçoso é dizer, houve influências, adaptações e assimilações com outros cultos, notadamente com os cultos afros, os quais também já haviam sofrido mutações, do catolicismo e da pajelança (cultos dos índios), misturando-se em um sincretismo desordenado e enriquecendo-se de rituais, cerimônias, atos e mistérios. O que antes era simples na Umbanda inicial, complicou-se posteriormente. Mas, certas adaptações ou acréscimos se faziam necessárias, para que se oferecesse ambiente e condições para caciques e pretos-velhos trabalharem com mais liberdade e eficácia. Entretanto, as inovações foram tantas, que hoje ela se perde no emaranhado de rituais que seus adeptos adotaram, por necessidade, semelhança ou por defeito de aprendizado.

A profunda diferença entre Umbanda e cultos de nações, repisamos, provando que a primeira não é de origem africana, como querem muitos, mas bem brasileira, está no fato de se constatar que os negros na África não incorporavam espíritos de mortos, a que chamavam "Eguns", prática que só foi adotada posteriormente aqui no Brasil, alterando a infra-estrutura dos vários cultos de nações, quando nasceu a Umbanda, esta formada originariamente baseada na mediunidade de incorporação de espíritos desencarnados, sofrendo, depois, a influência dos cultos

africanos, em razão de sua disseminação entre a classe mais pobre, constituída de gente negra e pessoas humildes, que imprimiram nela particularidades do culto negro, cópias de características católicas e fragmentos do ritualismo ameríndio. Tanto é verdade que sua doutrina é baseada na comunicação com os mortos. Praticada por gente humilde, seus guias e protetores, também chamados de orixás, por interferência, mesmo quando dotados de grande cultura, vêm aos terreiros, na forma de espírito humilde. Desta maneira, puderam baixar caboclos (índios), pretos-velhos (escravos falecidos durante o cativeiro), erês (crianças índias, negras, brancas e depois orientais), exus (não como eram considerados na África, onde para uns é orixá, para outros mensageiros dos deuses), baianos (espíritos mortos no Nordeste do Brasil) boiadeiros (almas de habitantes desencarnados em nossos sertões), Pombas Giras (espíritos de mulheres levianas, mortas no Brasil e países sul-americanos, tais como Maria Padilha, Maria Molambo, Dama da Noite, etc., portanto, bem diferentes do "Bombongiro" dos africanos), indús e muitos outros, incluindo "eguns" (não africanos), mas almas errantes ou penadas como lhes chamam.

Se a Umbanda fosse de fato africana ou tivesse origem em um dos cultos de nações provenientes do continente negro, perguntamos: Por que a "Iemanjá", que veneramos, como rainha dos mares, tem sua reprodução em imagem ou estátua, apresentando uma mulher do tipo europeu, branca, cabelos lisos e de olhos azuis? Por que os "oguns" são soldados do tipo romano, branco, morenos claros ou louros? Qual a razão dos "exus" apresentarem-se branco-avermelhados, cabelos lisos? Estes tipos descritos eram totalmente desconhecidos entre as tribos africanas. Agora uma pergunta final: Na África existem tupis e baianos?...

RITUAIS DE UMBANDA

A Religião sofreu, como conseqüência de introdução, o influxo dos cultos de nações, grupos africanos que prestam devoção a espíritos da natureza ou forças elementais. Embora se notem em alguns terreiros marcante influência, ou mistura de africanismo, é de senso geral que ela se afasta completamente dos ritos e formas provenientes do continente negro, buscando sua própria individualização em contato com outras religiões, mesmo porque, sua finalidade criativa foi diferente como vimos

anteriormente, pois possuindo também raiz ou base espiritualista cristã, através da qual utiliza a mediunidade para comunicação com seus guias, espíritos simples e humildes, diverge bastante do princípio afro, tendendo mais para um tipo de espiritismo ritualístico praticado de pé.

Verifica-se, outrossim, dado o sincretismo com a religião católica e incluindo motivos indígenas e afros, que ela se tornou religião heterogênea, isto é, de muitos ritos, devoções, formas e trabalhos, que, comparando-se à sua criação original aqui no Brasil, confunde mesmo aqueles que a estudam. Há quem a condene pelo uso do charuto, aguardente, velas, imagens, pólvora e outros objetos, situando-a como baixo espiritismo, inferior, vulgar, etc.; outros a julgam como culto de nação banto deturpada, ou melhor, modificada em sua infra-estrutura africana original. Por isso, condenam-na, atacam-na, agridem-na. Mas, se assim procedem, é porque desconhecem os diferentes planos espirituais.

Algumas práticas e objetos nela utilizados, em parte, se justificam. Não se concebe Umbanda sem ritual. Mediunidade pura e simples não é religião. Cada qual, consoante o próprio estado evolutivo, tem maneira peculiar, particular, de cultuar a divindade. Quando a Umbanda, atentem bem, que não incorpora orixás, porque estes — segundo concepção de praticantes de cultos de nações — não são almas comuns, mas forças da natureza ou "encantados", como afirmam, e por tal não tomam os médiuns, ou melhor, "santo não baixa em terreiro", repetimos, quando a Umbanda começou a difundir-se, a descida maciça de índios, pretos-velhos e outros, obrigou seus adeptos a fornecer-lhes ambiente propício a seus gostos e temperamentos — já que são almas como as nossas — a fim de que pudessem trabalhar. Ora, para um preto-velho se sentir em casa, à vontade, sem inibições, tiveram de dar-lhe fumo, vela, marafo, bengala, banquinho, coisas com as quais estava habituado. Para os caboclos, cocar e tanga de penas, arco, flecha, charuto, objetos que lhes são familiares. Na vida física, um exemplo: quem contrata pedreiro para obra ou reforma de prédio, dá-lhe o material de que necessita: cal, areia, cimento, tijolo, a fim de o profissional poder executar o serviço. Daí, certos objetos e rituais usados na Umbanda, que não constam de suas origens, nem de cultos afros, pelo fato de também estes não possuírem caboclos e pretos-velhos... À medida que vieram baixando, seus apetrechos foram sendo reclamados e incluídos no ritualismo, a pedido deles mesmos.

Não é pelo simples fato de uma pessoa desencarnar e ingressar no astral, que vá perder seus gostos, temperamentos, dons, virtudes, defeitos, qualidades, nem mudar o ambiente psicológico em que se habituou. No mundo espiritual existem infinidades de faixas de vibração, onde se situam as almas desencarnadas. Cada faixa vibratória congrega espíritos de mesma índole, caráter e atividades. Lá, conforme explicações de guias, tanto umbandistas, cardecistas como universalistas, eles têm ocupações idênticas às que exerciam na Terra. Ali existem agrupamentos onde se reúnem seres com as mesmas afinidades, gostos e idéias, inclusive práticas religiosas. Assim, embora certos atos e fatos sejam até excêntricos, como os que há na Terra, eles os executam e somente a evolução e o aperfeiçoamento espiritual podem corrigí-los ou fazê-los se desapegarem de tais práticas, ainda necessárias a certos estágios mentais.

Há quem tenha afirmado que o plano material é cópia grosseira do astral. Devido a isso, a diferença entre ambos é apenas de vibração. Um indivíduo que na Terra tenha sido mau, permanece mau; se foi bom, continua bom. A morte não modifica a personalidade de ninguém. Unicamente altera o plano vibratório, o estado físico, onde passará a atuar, pois o corpo material fica na matéria e a alma que não é matéria passa a viver de acordo com sua essência imaterial, embora permaneça com um invólucro ainda semi-materializado — o perispírito — que lhe dá as sensações ainda um tanto físicas.

Se o espírito leva consigo para o outro mundo seus gostos e inclinações, logicamente, tanto o índio como o preto-velho não modificará violentamente seus hábitos e seu caráter, só pelo fato de haver deixado o corpo compacto, mesmo porque o conjunto psíquico e emocional que lhe constitui a personalidade pertence ao espírito e não ao organismo carnal.

Portanto, quem critica os rituais de Umbanda e de quaisquer religiões, desconhece a estrutura sábia e perfeita da Espiritualidade ou esquecendo a humildade e a compreensão, deseja, orgulhosa, mas, erroneamente, julgar-se superior, ao pretender colocar-se em plano elevado, onde, no entanto, seu procedimento intolerante e anti-fraterno, não o autorizam a situar-se.

CLASSIFICAÇÃO DOS GUIAS

CABOCLOS

A denominação "caboclo", embora comumente designe o mestiço de branco com índio ou o mulato de cor bronzeada com cabelos corridos, tem, na Umbanda, significado um pouco diferente. Caboclos, para nós umbandistas, são almas de índios que se incorporam no "cavalo", como denominam o médium que lhes dá passividade. Os índios que baixam nos terreiros são os mesmos habitantes das terras brasileiras, antes e depois de seu descobrimento até nossos dias.

Constituem o braço forte da Umbanda, muito utilizados nas sessões de desenvolvimento de médiuns, curas através de ervas e simpatias, desobsessões, solução de problemas psíquicos e materiais, repressão a espíritos malévolos, principalmente eguns (espíritos errantes ou almas penadas), demandas materiais e espirituais e uma série de outros serviços e atividades executados nas tendas. Há quem julgue que, por se tratar de espíritos de selvagens — como são tidos pela maioria das pessoas que se dizem civilizadas — são ignorantes, maus, rudes e atrasados. Para compreendê-los melhor, vamos buscar seus usos, costumes e atividades, na História do Brasil.

Quando Pedro Álvares Cabral aqui aportou, encontrou seres humanos vivendo em estado quase primitivo: os indígenas. Viviam eles exclusivamente da caça, pesca e colheita de frutos silvestres, formando nações e tribos com usos e costumes praticamente semelhantes. Os mais adiantados plantavam milho, mandioca e fumo. Moravam em toscas choupanas cobertas de palhas, andavam geralmente nus com pequena tanga de penas e adornavam o corpo com pinturas de cores vivas, colares, braceletes, brincos e bugigangas, feitos de pequenos ossos, dentes de animais, madeira e penas coloridas de aves. Quando a caça rareava e a pesca se tornava insuficiente para o sustento da tribo, mudavam-se de lugar. Eram nômades.

A indústria era, principalmente, voltada para a guerra, à caça e à pesca. Fabricavam a lança, o arco, a flecha, armadilhas, cordas, redes, peneiras, balaios, potes, urnas e utensílios de barro, bem como canoas feitas de um só tronco de árvore

ou balsas de vários troncos amarrados. Para a caça, utilizavam vários tipos de armadilhas, até hoje usadas no interior, como o laço com que capturavam pássaros; caçavam, também, ateando fogo ao mato, mas deixando um estreito caminho por onde os animais tentavam fugir, sendo aprisionados e mortos. Para a pesca, utilizavam redes, chamadas "puçás", flechas que atiravam nos peixes maiores, anzóis e uma planta conhecida como "timbó", a qual, jogada na água, matava os peixes. Os que habitavam o litoral caçavam tubarões, dos quais tiravam os dentes para fazer pontas de flechas ou lanças. Nas festas, ingeriam bebidas alcoólicas extraídas da fermentação do milho (cauim), mandioca, cajú ou do genipapo. Era costume furar as orelhas, nariz e lábios, onde enfiavam pedaços de ossos ou de madeira pintados para servir de enfeites. Da reunião de choupanas ou taperas, casas feitas de pau e barro, cobertas de palha, formavam a taba ou aldeia, geralmente rodeada por uma cerca de paus, para proteção contra ataques inimigos, em cuja entrada penduravam o crânio de inimigos mortos.

Os homens dedicavam-se à caça, à pesca e, principalmente, à guerra, enquanto as mulheres trabalhavam na cozinha, manufatura de tecidos, louças, fabrico de bebidas fermentadas e nos trabalhos de plantação e colheita. Obedeciam a um chefe, sempre o mais forte e valente guerreiro, a que chamavam "morubixaba" e eram assistidos por um mais velho, sacerdote, curandeiro e adivinho, a quem devotavam grande respeito: o pagé. Certas tribos eram antropófagas (comiam carne humana). Acreditavam em um deus poderoso, chamado Tupã, adoravam o sol (Guaraci) e a lua (Jaci). Acreditavam, também, em vários gênios ou espíritos bons e maus, senhores da guerra, da morte e da caça. Havia, outrosim, os espíritos maléficos, sendo o mais temido o "Anhangá" (diabo velho), que lhes impunha os sonhos maus e pesadelos. Os índios adoravam muito as "poracês", tipo de danças guerreiras ou religiosas, animadas ao som da membi (buzina), inúbia (flauta ou corneta de guerra), maracá (chocalho), uaí (tambor) e outros.

Os dois maiores grupos de indígenas eram os tupi-guaranis e os Jês ou Tapuias. Os primeiros, mais adiantados, falavam uma língua geral e comum e todos: O Nhengatú ou Tupi antigo. Os do segundo grupo possuiam várias línguas e eram mais atrasados, praticando inclusive o canibalismo. Os tupis habitavam quase toda a costa brasileira e viviam constantemente em guerra, com outras tribos, sendo, por isso, excelentes guerreiros e hábeis canoeiros. Dividiam-se em nações numerosas, formando tribos

menores, tais como, guaranis, omáguas, tupinambás, tupiniquins, carijós, potiguares, maués, caetés, tamoios, guaianás, etc. Já os tapuias ou Jês, formavam os xavantes, caiapós caingangues, botucudos e outros. Havia também outras nações ou grupos menores: Os Nuaruaques, especialistas na fabricação de objetos de arte e cerâmica, utensílios de barro, que faziam com muito aprimoramento; os Caraibas, bem atrasados e bastante cruéis, adotando a antropofagia como alimentação.

A influência indígena foi bem acentuada, tanto no vocabulário como na alimentação, folclore, uso e costume do povo brasileiro. Na Umbanda, sua contribuição foi significativa, dando-nos a linha de Oxossi, totalmente integrada por espíritos de índios e índias, bem como vários deles trabalhando em outras linhas. Deles obtivemos infinidade de palavras até hoje usadas: capim, catapora, mandioca, pipoca, jaguar, manacá, mocotó e nomes de cidades, rios e acidentes geográficos: Araçatuba, Itapira, Tietê, Itapeti, Jaraguá, etc.

Não obstante sua existência rude, inculta, bárbara até, não quer isso dizer sejam espíritos malévolos ou atrasados. No tocante à Ciência Curativa, são exímios conhecedores das ervas de nossa flora medicinal. Muitos que hoje vêm aos terreiros, foram pagés, velhos curandeiros ou magos, tanto que são utilizados em trabalhos de cura através de ervas, demandas espirituais — pois foram hábeis guerreiros — proteção espiritual a pessoas e tendas e desenvolvimento de médiuns, porque possuem fluidos mais grosseiros, adaptando-se perfeitamente à aura do médium principiante, por sua essência mais primitiva. Acresce, ainda, que sob a estrutura fluídica de um índio, se esconde muitas vezes um padre, um missionário, um pacificador indígena, um bandeirante ou um médico, cujas primeiras existências humanas, foram como silvícolas. Isso se explica, porque para o espírito a forma não é nada, dando mais valor ao conteúdo divino do trabalho de caridade.

Malgrado praticassem atos selvagens, não são responsáveis por suas faltas e crimes, em razão do pouco entendimento que possuíam. Deus leva em conta a intenção maldosa, a má-fé, a perversão, a malícia, que formam a culpa individual no espírito adiantado, o mesmo não acontecendo com o índio que, não possuindo compreensão espiritual, não sabe discernir entre o bem e o mal sujeitos à lei do Carma, como espíritos que engatinham no caminho evolutivo da espécie humana, porquanto não são dirigidos pelo intelecto, pela razão, senão pelo instinto e reflexo animais, prevalecentes em suas mentes precárias e ingênuas, assim como

as crianças, irresponsáveis por seus atos, práticas e costumes espontâneos e inconscientes, mais próximos da natureza animal. Tanto que as leis da sociedade humana os exime de responsabilidades criminais porventura lhes atribuídas e, segundo relata um Mentor Espiritual de grande sabedoria, a alma do índio não sofre as conseqüências dolorosas após a morte do corpo físico, como sofrem os civilizados já cientes da ética e moral cristã, à vista de seu psiquismo em formação, vivendo no astral, conhecido como Jurema ou Aruanda, um lugar formado de bosques e campos etéricos, caçando e pescando como o faziam quando encarnados, sem nenhum constrangimento ou dores morais.

Quando baixados nos terreiros, são enérgicos e autoritários, mostrando-se intolerantes com a hipocrisia e fraquezas dos filhos de fé. Conservam os mesmos hábitos e costumes adotados na Terra, razão por que se lhes dão o arco, a flecha, a tanga de penas, o cocar, o charuto e outros apetrechos que lhes são familiares.

OS PRETOS-VELHOS

Desde o descobrimento até meados do Século XIX, o Brasil recebeu levas e levas de negros aprisionados na África, que para cá vieram como escravos. Oriundos de várias regiões, sua cultura no continente negro era pouca coisa acima da do índio brasileiro. Entretanto duas coisas peculiares possuiam diferentes: eram humildes e trabalhadores. Embora na origem demonstrassem ingenuidade e ignorância, dispunham de certa predisposição à intelectualidade que, se em contato com o branco, não foi bem mais desenvolvida, em razão da condição submissa e do preconceito havido contra eles, impuseram, todavia, muito de seus costumes e crenças aos seus senhores, que os buscavam para consulta a seus deuses. A exemplo dos índios, dentre os negros, muitos surgiram, geralmente mais velhos, experientes, místicos, que despontavam como feiticeiros, mandingueiros, curandeiros, benzedores, etc., orientando e instruindo com seus guias espirituais.

Aqui, reunidos, embora de nações diferentes, procuraram cultuar seus deuses à maneira como o faziam na África, encontrando sérias dificuldades, pois a religião oficial brasileira, àquela época, era o catolicismo. Assim, proibidos de praticar as próprias devoções e perseguidos, buscaram meios de cultuá-las secretamente. Identificaram seus deuses, mesclando-os a santos

católicos e pondo as imagens destes em altares erguidos nos locais das práticas. Assim, Oxalá, Iemanjá, Oxossi, Xangô, etc., foram sincretizados, respectivamente, com Jesus, Nossa Senhora, São Sebastião, São Jerônimo, etc. Deste modo puderam invocar os orixás, sem serem molestados pelos senhores que, vendo os santos, julgavam estarem professando a religião católica à maneira deles.

A condição de negro escravo, não foi obra do acaso ou decorrência de uma época. Tudo na vida é conseqüência da Lei de Causa e Efeito. Cumpre lembrar aqui, que os primeiros escravos foram os brancos. Na Mesopotâmia, Assíria, Babilônia, Roma, bem como no Egito, onde os hebreus foram mantidos cativos durante vários séculos, até Moisés libertá-los, tirando-os de lá.

Nota-se, portanto, o reverso da medalha; as condições para que um povo seja subjugado são a raça diferente, julgada inferior, e a situação de fraqueza demonstrada em combate. Muitos poderosos no Egito, Assíria, Babilônia e Roma, que mantinham escravos irmãos de raças diferentes e mais fracos, feitos prisioneiros nas guerras, encarnaram-se depois na África, como negros, a fim de resgatarem débitos contraídos com a Justiça Divina. E tornaram-se escravos também, para se reeducarem no cativeiro.

A condição cultural do espírito, encarnado como negro ou outro povo inferior culturalmente em relação ao branco, era circunstância, às vezes, temporária, para cumprir-se a lei divina. Se viessem superiores, não haveria a possibilidade de se tornarem escravos, porque constituiriam nações poderosas, incapazes de serem dominados. Um dos motivos pelos quais se encarnaram para servirem como escravos, foi o do orgulho da alma, defeito que haveriam de perder ao longo dos anos de cativeiro, razão por que, hoje, como guias e protetores, se lhes sobressaem as virtudes de humildade e servidão, além das de paciência e tolerância, ao contrário do índio.

Mas, por trás da forma de um preto-velho torto, capenga, arquejado, resmungão, irreverente, cuspindo no chão limpo e portando o pito (cachimbo), pode se esconder um espírito de profunda sabedoria e ciência técnica popularizada. Analisem estes dois fatos:

O sujeito foi a uma tenda, na qual se praticavam as duas modalidades de cultos: Cardecismo e Umbanda, ou seja, mesa branca e terreiro. Aliás, há tempos atrás, no Rio de Janeiro, era comum essa atividade. Pois bem, na hora da consulta, na sessão umbandista, dirigiu-se a um preto-velho incorporado e

expôs o problema. Alegava que, ultimamente, se sentia fraco, em conseqüência de constantes gripes e resfriados, pedindo uma proteção contra essas enfermidades, pois curava uma gripe e na semana seguinte era acometido de outra.

O preto-velho, naquele seu jeito peculiar de simplicidade e humildade, nem precisou concentrar-se no problema. Receitou ao filho que comesse bastante cabeça de peixe cozida com limão, diariamente. O consulente, duvidoso, vez que esperava do preto-velho a administração de qualquer droga farmacêutica específica ou lhe ensinasse alguma simpatia, agradeceu, desiludido, e retirou-se frustrado. Porém, ainda sem muita fé no remédio caseiro, saiu dali e resolveu assistir também, horas mais tarde, à reunião de mesa branca.

Em meio à sessão, dirigiu-se a uma entidade que ali baixou e se dizia médico. Não contente com a entrevista mantida antes com o preto-velho, achou por bem consultar aquele espírito. Talvez por ser médico inspirasse maior confiança e por certo dar-lhe-ia medicamento mais adequado. Aproveitou-se da primeira oportunidade surgida e relatou o seu caso.

— Eu queria — pediu — que o senhor me desse um remédio para aumentar minha resistência a gripes e resfriados, porque de uns tempos para cá venho sofrendo repetidos ataques desses males, que me enfraquecem o organismo.

O guia-médico, olhando-o com ternura e benevolência, sorriu:

— O que posso ministrar melhor do que o que o preto-velho há pouco aconselhou, senão bastante cálcio existente na cabeça do peixe e vitamina C encontrada em abundância no suco do limão?

Admirado, ficou pensativo. Mais tarde soube que esse espírito baixava no terreiro como preto-velho e vinha à mesa branca como médico...

—oOo—

Certo sitiante olhava surpreso e aborrecido a onda de lagartas que havia invadido suas hortas, devorando e estragando as plantações de couve e alface. Ficou desnorteado com a peste, pois não podia usar inseticida, por tal método ser prejudicial à saúde dos consumidores. Como não encontrava solução satisfatória para o problema, consultou técnicos e agrônomos, que estudaram o caso e julgaram conveniente erradicar o mal, arran-

cando os pés de hortaliças atacados. Entretanto, mesmo assim, a epidemia de larvas poderia continuar, até ser encontrada uma fórmula definitiva. Desesperado, foi à cidade consultar um médium umbandista, que atendia recebendo um preto-velho. Exposta a situação, o preto-velho incorporado deu algumas baforadas no seu cachimbo, cuspiu e concentrou no assunto. Após breve meditação, com aquela calma peculiar, aconselhou o consulente:

— U fio pega casca de ovo vazia e coloca na cerca, em tuda ela, e no lugá que num tivé pé de cove, finca um pau fino de um metro de artura e ispeta em riba uma casca de ovo. Suncê vai ficá livre dessa praga...

O horticultor estranhou a medida e contou-a aos técnicos de agricultura. Estes riram, incrédulos, do conselho do guia-negro e, zombando, alegaram ser aquilo "simpatia" supersticiosa, própria da gente ignorante. Contudo, diante do prejuízo que estava tendo, o sitiante, já por não haver outra alternativa, resolveu proceder como lhe ensinara o preto-velho, para ver no que dava. Chegando ao sítio, iniciou a "mironga".

Por milagre, as lagartas começaram a desaparecer, até que a plantação ficou livre delas. Os vizinhos se admiraram do fato e o interrogaram. Ele contou e todos o imitaram, colocando cascas de ovos enfiadas em cerca e varas ao redor das hortaliças. Em breve o problema foi solucionado. Os técnicos se espantaram. "Caramba! Como simples cascas de ovos poderiam exterminar praga de lagartas?! Não é que a medida julgada tola, pura crendice anti-científica, havia dado certo?!". Incrédulos, atribuiram o sucesso a obra do acaso ou a outros fatores desconhecidos, que provavelmente influiram no desaparecimento das larvas. Não se dando por vencidos, passaram a estudar o assunto das cascas vazias. E descobriram a verdade científica, escondida por trás da crendice do preto-velho.

É que certa espécie de borboletas depositava seus óvulos sobre as folhas de couves e alfaces, constituindo estas o alimento das lagartas geradas pelos óvulos. O motivo da extinção da praga foi que as borboletas, atraídas agora pela brancura das cascas de ovos enfiadas nos paus, nelas depositavam seus óvulos e, como as cascas eram lisas, os óvulos escorregavam e caiam, morrendo na terra, livrando, assim, as couves e alfaces...

Quanta sabedoria há nos conselhos dos pretos-velhos!

—oOo—

Relativamente ao fato de virem como pretos-velhos, conforme explicaremos adiante, é sabido que o espírito, conservando a forma que teve em sua última encarnação, vem como bem entende e seja-lhe conveniente. A Umbanda trabalha com espíritos simples, como simples é a maioria dos que a buscam, e não seria lógico e natural, baixarem nos terreiros doutores, faraós, reis, rajás, condes e generais, porque confundiriam os que a procuram, inibindo-os, face à demonstração ostensiva de sabedoria, incoerente com a humildade e modestia necessária para se ficar à vontade, ao expor problemas que afetam grande parte de nossa população, cuja cultura não é, também, das superiores. Os pretos-velhos, quando baixados nos terreiros, são humildes, compreensivos, serenos, pacientes e seus trabalhos são de cura através de ervas, banhos, chás, simpatias, passes, benzimentos e orientações psicológicas, dadas em conselhos pitorescos, mas de grande eficácia, alcance e profundidade espirituais.

OS ERÊS (CRIANÇAS)*

Consoante ensinamento de guias e protetores, elevados na escala espiritual, a alma, ao desencarnar, conserva os traços característicos que possuia na Terra. Aliás, vão mais longe até. Afirmam que os espíritos libertos do corpo físico, podem, por sua vontade, materializarem-se segundo a forma desejada. Suponhamos que um casal haja tido um filho morto, digamos, com a idade de dez anos. Ao se invocar o seu espírito, comparecerá ele materializado ou incorporado no médium, sob a forma de um menino, tal qual o era quando faleceu. Esta faculdade de apresentar-se e agir como criança, não quer dizer seja um espírito-criança. Pode ser, talvez, até mais velho que seus pais. Ele vem com aspecto ou forma infantil, porque lhe é conveniente vir assim, pois, do contrário, dificilmente seria reconhecido.

A infância do espírito é um estado de desenvolvimento psíquico, de cujo estágio raramente se recorda. O ente humano, ou melhor, sua condição de humanidade é adquirida somente após passar pelas formas mineral, vegetal e animal, nas quais vai-lhe desabrochando a consciência individual, até ingressar na fase humana, já com certo entendimento e conhecimento de si mesmo. O cachorro, por exemplo, é um dos animais que se encontram mais próximo do período humano. Eis que já possui princípios rudimentares de inteligência e acentuado sentimento de humanidade:

É fiel, amoroso, fraterno, sentimental, chegando a chorar e a sentir a falta e a morte de seu dono, como se percebe desta passagem verídica:

"Contam os biógrafos de Mozart, que o compositor morreu sozinho com a esposa, que estava doente. Ao seu enterro não foi um só dos amigos. Chovia. Quatro gatos pingados segura-ram por desencargo de consciência a alça do caixão. O seu cão o acompanhou de longe. Depois que os coveiros se afastaram, deitou-se sobre a sepultura e ali ficou sem comer, uivando e uivando, até que morreu. Dias depois, a viúva de Mozart procurou a sepultura do marido e ninguém soube informar onde era. Havia um cão morto sobre ela, disseram. Mas o cão tinha sido atirado ao lixo, ou enterrado, ninguém sabia. Desse modo, não se soube jamais onde havia sido enterrado o grande músico. Tudo porque, comentou um dos seus biógrafos, um cão mostrou sensibilidade humana, quando cada amigo procedeu como um cão..."

Mas, voltemos ao erês. Ora, como o espírito toma a forma que deseja, deduz-se, daí, não ser o erê (criança) uma alma em desenvolvimento, uma criança espiritual no sentido restrito da palavra, mas um espírito evoluído, que se apresenta como tal nos terreiros, mantendo o psiquismo infantil e portando-se dessa maneira, porque gosta e essa situação ser-lhe agradável e conforme o temperamento. Vindo nesse estado, naturalmente, conserva os mesmos gostos das crianças: adora balas, doces, refrigerantes, brinquedos, moedas, flores, bonecas, carrinhos, que lhes satisfaçam prazerosamente a condição própria da personalidade temporariamente modelada. Como querem e gostam de brincar, quais crianças, devemos respeitar-lhes a vontade, tratando-os como tais. É um estado passageiro. Há crianças brancas, índias, negras e orientais, de acordo com a inclinação de cada um.

Quando vêm aos terreiros, fazem traquinices, comem doces, chupam balas, bebem refrigerantes, lambuzam-se, rolam pelo chão, brincam com carrinhos ou bonecas, tratam os adultos de tios, pedindo-lhes moedas ou brinquedos. Seus trabalhos todavia, são sérios. Querem um exemplo? Pois aí vai:

"Por ocasião das festas de Cosme e Damião, um casal foi a uma tenda de Umbanda, a convite, a fim de assistir às festividades em louvor aos erês. Durante a sessão, na qual as crianças brincavam, rolavam pelo chão e faziam traquinices, comendo doces e chupando balas, Joãozinho, um dos ibejís (erês), aproximou-se do marido e pediu:

— Tio, me dá bolinhas de gude.

— Não tenho — disse o homem — eu não trouxe.

— Ah, tio, que pena! — lamentou a criança.

— Espere — confidenciou o marido — se você me solucionar um negócio complicado que não consigo resolver, trá-lhe-ei bastante bolinhas de vidro. Você é capaz de resolvê-lo?

— Tá, tio — afiançou o erê — eu vou resolver dentro de três dias. Mas, o senhor promete que traz minhas bolinhas?

— Oh! Sim, na outra festa que houver eu trago. Certo?

— Tá, tio, bênção! — pediu a mão do homem e a beijou.

Terminada a festa, o casal se retirou. No caminho, o marido comentou com a esposa:

— Que achou da festa? Palhaçada, não?

— É verdade — concordou a mulher — homens e mulheres já velhos, rolando pelo chão, lambuzando-se, chupando os dedos e bancando crianças... Onde já se viu isso!

A festa foi esquecida e os erês também. Três dias depois, o homem resolveu o negócio encrencado, que há muito lhe constituia problema. Resolvido o caso, começou a prosperar na vida e nem se lembrava das festas de Cosme e Damião e a elas não mais voltou. Certo dia, ao calçar o sapato, sentiu uma dor aguda no calcanhar. Percebeu que não podia andar. Tirou o sapato, examinou-o e nada viu que o impedisse de andar ou pisar no solo. Calçou outro par. A mesma dor. Experimentou outros. A mesma coisa. Comprou sapatos novos e macios. Não podia calçá-los. Admirado, chamou o médico. Este examinou-lhe o pé. Aperta aqui, aperta ali e nada constatou.

— O senhor não tem nada... Só dói quando calça o sapato?

— Sim — explicou — inclusive chinelos. E somente no calcâneo.

— Esquisito. O pé está bom. Mas, vamos tirar radiografias.

Feitos os exames de raios X, nada se constatou de anormal. Mas a dor persistia. Fez outros exames, todos negativos. Ao calçar o sapato a dor continuava. Consultou vários especialistas e nada! Nenhuma causa patológica foi encontrada. Passou a usar chinelos; contudo, a dor teimava em lhe não deixar andar. Gastou rios de dinheiro com médicos e benzedeiras sem qualquer resultado. Despedido do emprego, que lhe dava boa remuneração, por impossibilidade de andar calçado, não conseguiu outro, pois tinha de andar descalço. Assim, caiu na pobreza total. Desanimado e abatido, jogou-se no monte humano dos inúteis.

Entretanto, por coincidência ou capricho do destino, quis a sorte que fosse convidado por um amigo para assistir à festa de Cosme e Damião, na mesma tenda onde estivera há dois anos atrás. Como não tinha nada a fazer nesse dia, foi. Lá chegando, pé no chão, tristonho e desalentado, ficou a um canto do terreiro até baixar a linha das crianças. Em meio à algazarra e às brincadeiras das entidades, ouviu uma voz infantil que lhe era dirigida, reclamando:

— Tio! O senhor trouxe as minhas bolinhas?

Olhou. Era o Joãozinho, o mesmo da vez passada, do qual não mais recordava. Sorriu:

— Não. Eu não trouxe. Mas... que bolinhas?

— Ah, tio, o senhor me prometeu! Lembra?

O homem ficou pensativo. Com os olhos fixos nos do menino, procurou lembrar.

— Puxa, tio! — lamentou Joãozinho, tristonho e magoado — o senhor disse que se eu resolvesse aquele negócio, o tio me trazia bolinhas de gude... Lembra? E eu resolvi...

O sujeito acordou. Lembrou-se do fato. Desajeitadamente justificou:

— Ah, sim, agora me lembro. Mas esqueci de trazê-las.

— Esqueceu?! Mas, como?! — zangou-se o menino e aborrecido acrescentou — Puxa! E eu todo dia lembrava o tio, colocando uma bolinha de vidro no sapato que o senhor calçava...

IEMANJÁ

Do continente africano vieram, como dissemos, juntamente com os escravos, duas lendas sobre a criação dos orixás, particularmente de Iemanjá, que mais ou menos influiram de modo marcante: uma de origem Jeje e outra, Nagô (Jeje, nação do Daomé; Nagô, da Nigéria). No Brasil, prevaleceu a lenda Jeje. Diz ela que, no princípio, Olorum, Deus supremo, criou Obatalá (o céu) e Odudua (a Terra). Da união entre os dois, nasceram Aganjú (terra firme) e Iemanjá (o mar ou o elemento líquido). Mais tarde, da união de Aganjú com Iemanjá, nasceu Orungã (simbolizando o ar e as alturas). A maternidade fez desabrochar em Iemanjá grandes encantos e seduções. Orungã, encantado com a beleza de sua mãe, aproveitou-se certo dia da ausência do pai Aganjú e tenta violentar a própria genitora. Iemanjá foge e põe-se a correr desesperada, perseguida pelo filho.

Já prestes a ser alcançada, cai desfalecida e morre. Seu corpo formoso começa a dilatar-se e de seus seios volumosos nascem dois grandes rios, que se reúnem mais adiante, formando um grande lago. Cresce mais o seu ventre e, rompendo-se, dele nascem os orixás.

Outra variante da mesma lenda, colhida no Brasil, Orungã teria alcançado a mãe e com ela mantido relações sexuais. Iemanjá, envergonhada com a afronta, desesperada e aflita, rasga os seios para não alimentar os filhos do vexatório incesto e cai morta. De seus seios, então, começa a jorrar água em abundância, formando rios, lagos e inundando três quartas partes do globo, gerando os mares de onde nascem os orixás, representando as forças da Natureza.

Nesta lenda, notam-se dois fatos curiosos e interessantes: coincidência ou analogia com o Complexo de Edipo da Mitologia Grega; e a semelhança com a teoria científica de que a vida surgiu da água, possuindo o corpo humano ¾ partes de líquido.

—oOo—

Iemanjá ou Princesa do "Aioká" — segundo correntes africanas — é orixá da água salgada — o mar. Representa as emoções, a procriação e a restauração. Também é o símbolo da fecundidade e da reprodução. É de temperamento agitado, decidido e ciumento. Vaidosa e conversadeira. Sua cor é o azul turqueza. Armas e apetrechos: Espada de prata e o "abebé", espécie de ventarola em forma de peixe. Sincretismo: conforme o local é sincretizada com N. S. do Rosário, das Candeias, dos Navegantes, da Conceição e da Glória. Na mitologia grega representa Anfitrite. Dia da semana: sábado. Saudação: Odê-ia-ê, Iemanjá! Usa "adê" (coroa de pérolas), encimada por uma meia lua, tendo, nas pontas, uma estrela. Muitas pulseiras, colares de pérolas a enfeitam e usa também o "imbé" — franja de contas transparentes sobre o rosto. Está representada no quadro pintado por Nelson Boeira Faedrich, que retratou os deuses do panteão africano, com cabelos de algas e vestida com uma rede de pescar, numa paisagem marítima noturna.

—oOo—

No Brasil, entretanto, embora não aceita por adeptos do Candomblé e outros ramos mais chegados aos cultos de nações, criou-se, principalmente na Umbanda, uma nova ou outra imagem

de Iemanjá, totalmente diferente da africana, a fim de atender à devoção de uma nova religião que se espalhava por todo o território. Assim, surgiu uma linda e sedutora mulher branca — diferente da Iemanjá adorada pelos nagôs, que é uma negra gorda e careca — de cabelos negros, lisos e compridos, olhos azuis, boca pequena com dois lábios de rubis, rosto rosado, seios volumosos, tendo as mãos abertas a derramar pérolas sobre as águas. Nas noites enluaradas, quando a superfície calma reflete os raios prateados, ela sai de seu reino encantado, nas profundezas do oceano e vem à flor da água pentear-se e entoar cantos maviosos e tristes, que seduzem qualquer marinheiro desavisado. Seus cabelos lisos e compridos derramam-se sobre as ondas mansas e refulgentes, sendo penteados por uma falange de sereias, ninfas, náiades e ondinas. O oceano se enche de mistérios e lendas poéticas nativas, sugestionando um ambiente de profunda meditação espiritual.

No mês de dezembro, quem for à praia homenageá-la. deve preparar-se espiritualmente e ir com o coração isento de malícia e maldade, tendo os pensamentos puros e inocentes, para não maculá-la em sua pureza natural, conseguindo, assim, entrar em sintonia com sua vibração e alcançar a graça pretendida, a resolução de problemas ou a satisfação de um desejo que se acalentou no íntimo da alma, durante o ano todo. Peça com a mente concentrada e firme, mas sem entrar em transe, se médium, e, obtendo a graça, pague no próximo ano o que prometer a ela. Não esqueça de saudá-la, ao chegar à praia. Assim: "Odê-ia-ê, Iemanjá!" ou simplesmente "Saravá, Sereia, auê! Lembre-se: se quiser presenteá-la, ela gosta de velas e fitas azuis, pentes, espelhinhos, baton, perfume, brincos, colares, sabonetes e tudo aquilo de que as mulheres gostam para satisfazer a vaidade. Não precisa ser caro. Ou se preferir, leve e dê a ela apenas sua fé, sua devoção, sua esperança.

Quando se deseja limpar a aura ambiental de um terreiro, chama-se a linha de Iemanjá, com suas sereias, ondinas, ninfas e caboclas do mar. As entidades ou espíritos de que se compõem suas falanges são misteriosas e ainda desconhecidas, sendo a única linha que mais se assemelha ao conceito dos cultos de nações, isto é, parecem entidades representativas das forças da Natureza, porque suas manifestações são diferentes das demais, pois quando baixados, seus integrantes não falam, não se comunicam, apenas emitindo um canto terno e lamentoso.

Em que pese ser a palavra "exu" de origem africana, sabemos que os que baixam nos terreiros umbandistas não são os mensageiros dos deuses dos cultos de nações. Os que vêem na Umbanda são entidades que, embora conhecendo segredos da magia astral, astutos, matreiros, inteligentes, permanecem, no entanto, estagnados transitoriamente no respectivo baixo nível evolutivo, onde estagiam, por procederem de camadas mais baixas, ou seja, de falanges extritamente voltadas à prática do Mal, agora em trânsito para as mais altas, em relação às que ocupavam anteriormente. Na Umbanda, generalizou-se o termo "exu" para designar tanto o que nela coopera, em trabalhos sérios de magia, como o espírito mau, trevoso, perverso, vingativo, obsessor da Quibanda. Mas, mesmo entre os maus, há quem não o seja inteiramente, já lhes despertando intuição à prática do bem, malgrado também pratiquem o mal. E estes, denominados "exus de lei", são assim tratados por possuirem alguma tendência à prática da Caridade e, por isso, militam na Umbanda. São, por assim dizer, neutros, por se colocarem numa posição de equilíbrio entre os dois princípios, enquanto os que trabalham na denominada Quibanda são totalmente propensos à perversidade.

Na vida, em todos os setores, há sempre a dualidade a reger as atividades. Assim há: Bem-Mal; Esquerda-Direita, Fina-Grossa, Alto-Baixo, Atividade-Passividade, Princípio-Fim. Existe também a trindade equilibrada, com intermediário ou meio entre os dois extremos opostos. Dest'arte, entre o Bem e o Mal temos o neutro; entre esquerdo e direito há o centro; essa posição de equilíbrio é necessária para balanceamento das pontas opostas. Essa a situação do exu de lei, nem de um, nem de outro lado, mas influindo em ambos os pratos da balança. É faca de dois gumes. Se pedirem o bem, ele o fará; se o mal, também o fará. Depende da moral do médium que com ele trabalha, condicionando-o a situar-se em um dos lados: ou bom ou mau.

Nas sessões ritualísticas, dificilmente um dirigente de terreiro tem força suficiente para desmanchar um trabalho de macumba, usando apenas o seu guia (ou orixá, como queiram). Mesmo porque cada qual tem seu campo de ação limitado. O

preto-velho, o caboclo, por exemplo, não descem às camadas vibratórias mais densas com a finalidade de demandar com o exu, assim como o engenheiro não vai preparar argamassa ou carregar tijolos para a construção do edifício. Este o motivo pelo qual, quando consultamos o preto-velho ou o caboclo, percebendo tratar-se de caso pesado de magia negra, alegam ser coisa para "compadre" resolver. Que chamem o exu da casa. Logo, cada um tem atribuições próprias dentro da área vibratória que lhe corresponde.

Eles representam o polo negativo do terreiro, tal como na corrente elétrica, a fim de que haja o fluxo eletrônico para se acender a lâmpada. Pertencem, outrossim, a linhas próprias na Umbanda, em um total de sete, funcionando paralelamente em correspondência vibratória aos orixás (guias), na seguinte conformidade:

Exu 7 Encruzilhadas — trabalha na vibração de Oxalá.

Pomba Gira — funciona na esquerda da linha de Iemanjá.

Exu Tiriri — na de Ibeji, ou das crianças ,tendo como elemento principal de ligação o Exu Mirim.

Gira Mundo — na de Xangô.

Tranca Ruas — na de Ogum.

Exu Marabô — na de Oxossi.

Pinga Fogo — na de Iofá ou Iorimá (corrente de pretos-velhos).

Tal correlação significa: quem trabalhar com um orixá na direita, terá o exu correspondente na esquerda. Por exemplo: se eu trabalho com Ogum, numa demanda espiritual complicada, terei o exu Tranca Ruas na esquerda, para auxiliar os trabalhos. Da união dos dois polos, através dos segredos e conhecimentos que possuo, alcançarei, certamente, absoluto sucesso no que proponho fazer. No geral, entretanto, os trabalhos comuns são distintos: há problemas que apenas o guia resolve; outros há que sozinho o exu soluciona.

Como vimos atrás, a principal diferença entre exus da Umbanda e os de Quibanda, está justamente no bem e no mal que praticam. Eles se congregam ou se juntam, obedecendo à lei de afinidades, gostos e temperamentos de cada grupo e situando-se em determinada faixa de vibração, a que se adaptam. Os de Umbanda se associam em uma área e os de Quibanda se juntam em outra, sem se misturarem, e incorporam atendendo também à afinidade e a disposição do pensamento do médium ou "burro" como lhe chamam. O médium atrai o exu que mais se adapta à sua índole boa ou má.

Embora também chamados de exus, os espíritos trevosos eram originariamente denominados "quiumbas", assim designados por se reunirem exclusivamente para a prática do mal. Segundo a maioria dos pesquisadores, escritores, estudantes e pais de santo, formam as seguintes linhas:

Das Almas — Chefiada por Omulu (não confundir com o orixá africano sincretizado com São Lázaro) — compreende o povo dos cemitérios.

Dos Caveiras — Dirigida por João Caveira — abrange também o povo dos cemitérios.

De Nagô — Comandada por Gererê — constituída pelo povo de ganga; pertence às encruzilhadas de ruas, becos, vielas e caminhos.

De Maleí — Orientada por "Exu" Rei — integrada pelos exus que trabalham em encruzilhadas de estradas e caminhos.

De Mossorubi — Liderada por Kaminaloá — abrange os selvagens africanos.

Dos Caboclos Quibandeiros — Chefiada por Pantera Negra — reune os selvagens americanos.

Mista — Dominada por "Exu" das Campinas — agrupa a classe de espíritos sofredores (êguns).

Tal classificação, parece-nos, é herança dos cultos de nações, tendo seu sentido e lógica aplicados à Umbanda; entretanto, a prática, a pesquisa e a observação nos levam a outra direção e atitude. Se não, vejamos:

Não obstante possa o espírito tomar a forma que desejar, há acentuada divergência entre a teoria — de origem africana — e a prática observada nos trabalhos das tendas, bem como na representação da figura modelada em gesso ou outro material. Notam-se diferenças quanto às características que realmente possua o exu com as que o representam em estátuas e imagens, levando-os a serem confundidos com o diabo da mitologia bíblica, por muitos deles serem confeccionados com chifres, rabos e pés de bode, como o apresentavam na Idade Média, levando muita gente a sincretizá-lo com o demônio. Além da forma específica individual, cada um toma uma forma própria da falange a que pertence, mas sem fantasias ou deturpações, embora alguns se deixem ver aos olhos de videntes, com formas exóticas, grotescas e doutras vezes, com aspecto de índios ou pretos-velhos, não caracterizando a realidade, mas logo sendo descobertos. Há, por exemplo, os da linha das almas ou cemitérios, geralmente

chamados de umulus que, não raro, tomam a forma de esqueletos. Seguramente, não são assim; alguns deles podem ser vistos dessa forma: Tata Caveira, Exu Catacumba, Omulu, "Seu" João Caveira, etc.

A maioria é apresentada com aparência normal de criatura humana, divergindo apenas no aspecto físico e nos trajes, sem as aberrações citadas (chifres, rabo e pés de bode). Uns são brancos claros, outros avermelhados, fortes, peitos largos, porte atlético, olhos arregalados, nariz adunco, sorriso sarcástico; outros já possuem características peculiares, tais como o Exu Corcunda (calunguinha), que é de estatura anã e corcunda; o Exu Cobra, com a cabeça de réptil; Exu Duas Cabeças, com duas cabeças, sendo uma de homem e outra de mulher, etc. Alguns usam capa preta de fundo vermelho; vários se vêem com calções, botas e mostrando o peito nu; há os que usam cartola e fraque; existem os que são vistos de roupas rasgadas ou remendadas. Muitos trazem o tridente, símbolo geral do exu, enquanto outros se fazem acompanhar de um crâneo ósseo.

Não dizem pertencer a esta ou àquela linha ou falange, mas que seu rei é Satanás, Belzebú, Diabo, tendo seu habitat natural o Inferno... Os exus negros, que por força do africanismo com que querem revestir a Umbanda, parece terem desertado de suas fileiras, mesmo porque suas atividades aqui no Brasil não foram acatadas e suas missões deturpadas, pois segundo a mitologia Jeje-nagô e a crença tribal generalizada do negro, Exu era o mensageiro dos desues, o intermediário entre o orixá e os homens. Hoje, no Brasil, são tidos por entidades perversas e obsessoras, residindo no mundo das sombras, dos cemitérios e das encruzilhadas...

Classe curiosa formam alguns deles: são as almas errantes, que vagueiam no espaço, aproveitadas por outros mais espertos e mais antigos no astral que os utilizam para fazer o Mal. São espíritos de bêbados e vadios, os quais, inconscientemente, servem como escravos para a guarda de "pontos" de magia firmados. Todas essas criaturas vivem no astral inferior, onde predominam sombras, e emitem luz débil, opaca, oleosa, de cor vermelha, em tom escuro. Os exus são pintados de vermelho nas estatuetas, visto essa cor predominar em suas auras.

Há os que gostam de permanecer em cemitérios, cuja aura se apresenta de cor cinza, sendo exímios causadores de doenças fatais, dores de cabeça, paralisias, lepra, tuberculose, mortes violentas, enfermidades e outros casos ralacionados a moléstias e

falecimentos, tais como Exu Catacumba, 7 Covas, Facada, 7 Campas, 7 Caveiras, 7 Cruzes e outros.

Uns se mostram hábeis destruidores de lares, causando desgraças em famílias ou levando-as à miséria através do jogo, falência, negócios ilícitos, fraudes, separação de casais, vícios de bebidas e drogas. Nesta classe estariam: Exu Molambo, Capa Preta, Casamenteiro, Exu Rei, Veludo, etc.

Outros são especialistas em promover malefícios em geral, vícios, degradações, perturbações, embaraço de negócios, impotência, tais como os Exu 7 Estradas, 7 Pedreiras, Matança, Gato Preto, etc.

Alguns são provocadores de brigas entre amigos que bebem, jogam, fumam maconha, de disputas sangrentas, rixas, discussões acaloradas, inimizades, assim como os Exu Toquinho, Morcego, Vira Mundo, Ventania, etc.

Existem os que são treinados para fechar caminhos, portas, desfazer boas oportunidades, levar o indivíduo ao desemprego, estragar negócios. Estes são os Exu Asa Negra, Tranca Tudo, Sete Brasas, 7 Porteiras e muitos outros.

Outra classe também afeita a provocar brigas, em conseqüência de embriaguez, prostituição, rufianismo, vagabundagem, assaltos e uma infinidade de malefícios, se verifica com Exu Corcunda, Meia-Noite, Vira Mundo, Tronqueira, etc.

NOTAS IMPORTANTES: Apesar de toda esperteza e algum poder, nenhum exu pode violentar o livre arbítrio de um ser encarnado, a não ser que este tenha dívidas para com ele ou lhe dê campo para poder atuar. Pessoa que viva conforme os ensinamentos de nosso Mestre Jesus, o nosso Oxalá, mui dificilmente se torna presa fácil de um obsessor ou vítima de "pontos" maléficos firmados, porque sua aura límpida constitui vibração mais alta, onde não penetram fluidos grosseiros. Mas, por ser raro quem procure imitar o Mestre, evangelizando-se, grande parte da humanidade é passível e vulnerável a todo tipo de enfeitiçamento nocivo: verbal (feito através de pragas, excomunhões, xingos, etc.; material (manipulado por meio de objetos e animais); mental (proveniente de pensamentos, mau-olhado, ciúme, desejos ocultos, etc.); e obsessivos (feito por intermédio de um espírito maléfico).

Fato curioso e interesante é que embora sirvam exclusivamente ao Mal, muitos desses exus trabalham para o Bem, a troco de agrados, presentes e retribuições. Casos há em que um quiumba ou exu perverso se apresenta em um terreiro e lá permanece por muitos anos, mistificando, ao se fazer passar por guia ou outro exu, de quem, inclusive, adota o nome.

Zé Pelintra, Corisco, Lampeão, Maria Bonita e muitos outros, por exemplo ora trabalham em um centro para o bem, ora em outro para o mal, dependendo do local ou do médium que os incorpora e da pessoa que os contrata para um serviço.

Geralmente os primeiros sintomas obsessivos são: neurastenia (fraqueza de nervos) tristeza, desânimo, dores de cabeça, irritabilidade, agulhadas, coceiras, manias, ataques histéricos em mulheres, enfim, os de súbita mudança de comportamento e personalidade. Sabem eles como lidar com os elementos, através dos quais firmam pontos de irradiação obsessiva. Todos eles são mentirosos, gostam de iludir, zombar e são amantes de derramamento de sangue, donde sugam vitalidade, daí provocarem brigas sangrentas entre indivíduos inclinados à violência ou matança de animais inocentes. Lidar com eles é assunto muito sério e requer muito cuidado.

AS LINHAS DA UMBANDA

De acordo com a força fluídica em que os guias trabalham, houve divisão de seus orixás em sete linhas, as quais nada mais são que campos vibratórios em que cada um age. Até hoje, porém, não se conseguiu traçá-las de modo definitivo. Aproximando-se da realidade temos:

AS SETE LINHAS DOS ORIXÁS

De conformidade com o que se verifica na maioria dos escritores, chefes de terreiros e estudiosos, há certa divergência quanto às linhas de Umbanda, principalmente quanto às sexta e sétima linhas. No tocante às falanges, há também forte discordância entre os estudiosos, quanto a este ou aquele chefe. Isso pouco importa, porque o que interessa é discernir as linhas para não misturá-las. Vamos a elas, bem como às falanges, sem, contudo, fixá-las, em caráter definitivo:

1.ª — LINHA DE OXALÁ (FALANGES)

1. Santo Antonio
2. São João Batista (comandando o Povo do Oriente)
3. Santa Rita de Cássia
4. Santa Catarina

5. Santo Expedito
6. São Francisco de Assis (chefiando o povo místico e religioso)
7. São Benedito (pretos e pretas-velhas que trabalham nesta linha)

2.ª — LINHA DE IEMANJÁ

1. Das Sereias — comandada por Indaiá
2. Das Ondinas — chefiada por Nanã
3. Das Iaras — sob a presidência de Mamãe Oxum
4. Dos Marinheiros — sob a chefia de Taruamã
5. Dos Caboclos e Caboclas do Mar — chefiada por Cabocla Jurema
6. Dos Calungas — dirigida por Calunguinha
7. Da Estrela Guia — sob o império de Maria Magdalena

Nota: Na composição desta linha há certa diferença entre as falanges em relação ao que foi exposto no livro "A UMBANDA ÀS SUAS ORDENS". Tal fato é devido a ainda não estarem acertadas as composições definitivas. A divergência não é nossa, mas de diversos guias que discordam entre si.

3.ª — LINHA DE OGUM

1. Ogum Beira Mar
2. Ogum Naruê
3. Ogum Iara (sincretizada com Joana D'Arc)
4. Ogum de Malei
5. Ogum Rompe-Mato
6. Ogum Megê
7. Ogum de Nagô

4.ª — LINHA DE XANGÔ

1. Iansã (deusa das tempestades, raios, e trovões para uns e guarda de almas nos cemitérios para outros)
2. Caboclo do Sol e da Lua
3. Caboclo das 7 Pedreiras

4. Caboclo do Vento ou Ventania
5. Caboclo das 7 Cachoeiras
6. Caboclo Treme Terra
7. Falange dos Pretos-Velhos que trabalham nesta vibração.

5.ª — LINHA DE OXOSSI (TUPÃ)

1. do Caboclo Urubatão
2. do Caboclo Araribóia
3. do Caboclo das 7 Encruzilhadas (fundador da Umbanda)
4. dos Peles Vermelhas
5. dos Tamoios, tendo como chefe Caboclo Pena Branca
6. da Cabocla Jurema
7. dos Guaranis

6.ª — LINHA DE IORIMÁ (IOFÁ, AFRICANA, ETC.)

1. Do Povo da Costa, chefiada por Pai Cabinda
2. Do Povo do Congo, por Rei Congo
3. Do Povo de Angola, por Pai José de Angola
4. Do Povo de Benguela, por Pai Benguela
5. Do Povo de Moçambique, por Pai Jerônimo de Moçambique
6. Do Povo de Loanda, por Pai Francisco de Loanda
7. Do Povo de Guiné, por Zum Guiné ou Pai Antonio de Guiné

7.ª — LINHA DE COSME E DAMIÃO (IORI, ERÊS, IBEJIS)

1. Tupãnzinho (crianças índias)
2. Iori (ou Ori) (crianças orientais)
3. Iariri (segundo alguns guias, Mariazinha, falange de meninas)
4. Doum (crianças negras)
5. Crispim
6. Crispiniano
7. Joãozinho (crianças brancas)

ORIXÁ	LINHA	SINCRETISMO	COMPOSIÇÃO
OXALÁ	RELIGIOSA	JESUS CRISTO	santos católicos, povo do oriente, mista (pretos-velhos e caboclos)
IEMANJÁ	POVO DA ÁGUA	NOSSA SENHORA	ondinas, orixás femininos, sereias, iaras, ninfas, náiades, caboclas dos rios, das fontes, cachoeiras e marinheiros
XANGÔ	JUSTIÇA	SÃO JERÔNIMO	mista (caboclos e pretos-velhos), policiais, juristas, advogados e pessoal ligado à Justiça.
OGUM	ALMAS	SÃO JORGE	militares, caboclos, exús de Lei, êguns (almas), baianos, boiadeiros, ciganos, etc.
OXOSSI (TUPÃ)	CABOCLOS	SÃO SEBASTIÃO	caboclos e caboclas (índios em geral)
IORIMÁ IOFÁ	PRETOS-VELHOS	SÃO CIPRIANO	Exclusivamente de pretos e pretas-velhas
IBEJI ou IORI	CRIANÇAS (ERÊS)	COSME E DAMIÃO	crianças em geral

Isso é apenas uma aproximação, tendo em vista o emaranhado que se formou, com a mistura de orixás africanos com índios, crianças, santos, guias e protetores, difícil de ser desfeito.

MEDIUNIDADE

Vamos agora falar sobre mediunidade.

A mediunidade é um dom ou faculdade que a criatura possui para comunicar-se com o mundo dos espíritos. Através da mediunidade entramos em relação com os nossos guias, protetores, anjos de guarda, parentes mortos, pessoas falecidas, etc.

Ela pode ser de vários tipos. Citâmo-los:

Incorporação — o médium vai-se desenvolvendo, deixando-se envolver pelo espírito até que se dá a incorporação, isto é, o guia parece tomar o lugar do médium e por ele fala, ouve e atua.

Vidência — O médium tem a capacidade de enxergar as almas desencarnadas.

Audiência — Na qual se ouve as vozes do Além.

Psicografia — O espírito manda mensagens escritas pela mão do intérprete.

Materialização — O médium fornece um fluido nervoso invisível, do qual os espíritos se utilizam para materializar-se e aparecer.

Efeitos Físicos, Psicocinésia ou Tiptologia — Na qual os espíritos provocam fenômenos físicos, tais como ruídos, pancadas nas mesas, paredes, levantam mesas, arremessam objetos, etc.

Intuição — O médium tem a intuição de outras modalidades: musical, artística, artesanato, pintura e diversas outras, porém, menos comum.

Quanto aos tipos de transe, eles podem ser:

Consciente — São médiuns que sabem o que está ocorrendo no momento em que o espírito atua. Conhecem quando ele está agindo e podem, se quiserem, cortar a manifestação ou nela influenciarem. Geralmente este tipo de transe acontece quando a pessoa está-se desenvolvendo, razão por que muitos não crêem estar recebendo comunicação de entes desencarnados.

Semi-consciente — Quando se tem alguma ciência do que está ocorrendo, podendo ou não interferir na comunicação. É muito comum.

Inconsciente ou Sonâmbulo — Em que não se tem conhecimento do que acontece no momento do transe, perdendo a consciência. Em alguns casos, com esforço de memória, o intermediário pode lembrar-se de alguma coisa que ocorreu durante a manifestação.

Dos tipos de mediunidade, a mais usada é a de incorporação e o transe predominante é o inconsciente, no qual o "cavalo" é tomado pelo guia e age sem saber o que está fazendo.

No entanto, existe também a mistificação muito comum nos terreiros, em que os "médiuns" fingem ou julgam estar recebendo o espírito de um caboclo, preto-velho, baianô, exú, etc. Na mistificação forjada o indivíduo simplesmente procura enganar os presentes com manifestações fictícias ou falsas. Já na mistificação inconsciente, o "cavalo" se auto-hipnotiza ou é hipnotizado pelo ambiente típico e, sem o saber, o seu próprio espírito mistifica, quando, libertando-se parcialmente dos laços que o prendem ao corpo físico, age imitando perfeitamente as características dos guias. Estes casos se dão muito em terreiros, cujos pais ou mães de santo pretendem fabricar médiuns em quantidade, forçando todo mundo que lá comparece a desenvolver mediunidades ainda bem distantes.

A mediunidade não é um prêmio que Deus dá a determinadas criaturas que a possuem, mas um meio pelo qual possam trabalhar em benefício de irmãos sofredores, problemáticos ou portadores de males psicológicos e, em conseqüência, de si mesmas. É mais um castigo que uma recompensa, pois o próprio dirigente de sessão já foi um doente obsediado por espíritos maus, zombeteiros ou ingênuos. Sua prática é ainda penosa, obrigatória e com imensos sacrifícios, em que o médium, já babalaô ou não, esquece-se e vive para os outros. Daí não haver razão para que se julgue superior, envaidecendo-se de sua faculdade. A mediunidade é para servir e não para ser servida. Quem dela faz um instrumento para satisfação de seus interesses pessoais, sofrer-lhe-á as conseqüências futuras. Por isso o médium deve buscar seu aperfeiçoamento moral e o aprimoramento de sua cultura, para oferecer aos guias e protetores condições e ambiente em que possam trabalhar em prol do irmão aflito, eis que ambos necessitam de evolução. Tanto médiuns como espíritos-guias se irmanam na busca da ascenção espiritual, que lhes dê uma existência feliz no futuro.

Além dos citados, há outros tipos de mediunidade, não utilizados nos terreiros.

Conhecemos vários médiuns que freqüentavam e prestavam a caridade em diversos terreiros. Após algum tempo de freqüência, porque não possuiam fé inabalável nem base doutrinária e carentes de entendimento espiritual, duvidavam que recebessem guias... E terminaram por abandonar a Umbanda, afastando-se dela por um lapso de tempo mais ou menos longo, retornando depois, cabisbaixos e tristes.

Conversamos com muitos deles e perguntamos por que haviam deixado de trabalhar, se já estavam desenvolvidos. A resposta veio vaga e imprecisa:

— Ah, eu não tinha fé. Não acreditava estar com orixá (orixá aqui no sentido de guia) incorporado...

— Ué! Mas você não o sentia? Não procedia de modo estranho aos seus hábitos normais?

— É... mas, às vezes, eu sabia o que estava fazendo, embora não fosse eu...

Compreendemos, logicamente, a situação desses médiuns. Eram ou são semi-conscientes com tendência à inconsciência. Isto é, o orixá (o guia) agia por seu intermédio, sem tirar-lhes a consciência total. Com esforço de memória, esses médiuns podem lembrar-se do que fazem, quando incorporados. Se os filhos de santo que se omitiram na missão houvessem estudado a respeito da mediunidade, jamais teriam abandonado a religião, permanecendo descrentes do Espiritualismo.

São como pombas que se afastam dos pombais e mais tarde voltam a eles. Só que regressam abatidos, desanimados, sofrendo as conseqüências do gesto inadvertido, confessando que estiveram apanhando...

Tais pessoas necessitam urgente de doutrinação, de esclarecimento, de compreensão. Por isso sempre afirmamos que Umbanda não é somente incorporação, trabalhos e rituais. Há algo mais além das práticas devocionais exteriores. A par da ritualística existe a espiritualização interior, que dá o entendimento necessário e sustenta o filho em suas dúvidas, fortalecendo-lhe a fé, a convicção, a certeza da verdade redentora e consolando-o nas horas de angústia e incertezas, por que todos passamos, dentro ou fora dos terreiros, mas que só os esclarecidos podem suavizar a intensidade e o peso dos males, graças ao entendimento que possuem da complicada, mas sábia lei universal.

Há médiuns trabalhando determinado tempo na seara umbandista que, por desconhecimento do processo mediúnico, são descrentes da própria faculdade de se comunicarem com espíritos, muito embora sintam "algo estranho", alegando não terem certeza de que estão realmente "tomados" pelo guia ou orixá (orixá, aqui, no sentido de protetor) ou se são vítimas de puro animismo. Animismo, significa, em termos mais originais, manifestações da alma. Julgam sejam eles próprios, "os cavalos", agindo em lugar do protetor. Não crêem, porque em certos casos, ou em quase todos, recordam-se do que se passa durante o transe. Explicando melhor, o médium desconfia não haver entidade alguma atuando nele, não obstante proceda de modo estranho, sem que saiba explicar o motivo. Aliás, caso corriqueiro tanto na Umbanda, Candomblé, como no Cardecismo.

Tal preocupação se justifica, porque muitos pais-de-santo não informam o que acontece freqüentemente no desenvolvimento, pois, embora também tenham passado por essa fase de dúvidas, estão esquecidos do que lhes sucedeu quando treinavam a mediunidade, isto é, quando se desenvolviam, havendo, logicamente, raras exceções.

Em princípio, quando o candidato a médium necessita desenvolvimento e é colocado na corrente, a entidade — caboclo, preto-velho, egum, marinheiro, etc. — vai envolvendo-o com seus fluidos, procurando entrosar-se com o duplo etérico do aluno para, posteriormente, influenciar-lhe a rede nervosa cerebral, processo geralmente lento, metódico, mas perceptível, até a completa e perfeita incorporação. No início, regra geral, o médium observa certos movimentos, influências e impulsos contrários ao próprio comportamento normal, mas de maneira um tanto superficial. A razão disso é misturarem-se os pensamentos do guia com os do "cavalo" inclusive mesclando-se também as ações, temperamento, inclinações, conduta, gostos, trejeitos, etc. O candidato se torna então médium ainda consciente do que faz. À medida que a incorporação vai-se ajustando, aperfeiçoando, o médium também vai, pouco a pouco, perdendo a consciência, passando a semi-inconsciente e, daí, ao fim de algum tempo mais ou menos longo, para a condição de inconsciente ou sonambúlico.

Por isso, às vezes, o próprio médium julga estar mistificando. Enfraquece-lhe a fé, a confiança e, descrente, por ignorar o processo medianímico, frustra-se, desanimado, chegando mesmo a afastar-se do terreiro, perdendo a Umbanda um excelente mé-

dium que, futuramente, poderia prestar relevantes serviços aos irmãos infelizes e necessitados.

Raras vezes, no começo, o médium se deixa incorporar corretamente pelo guia, permanecendo inconsciente. Se, ao contrário, isso ocorrer, é porque a mediunidade se desenvolveu despercebida e automaticamente, abafada, porém, por um motivo qualquer: seja medo, descrença, ignorância, desleixo, negligência, preocupações materiais que o manteve afastado de centros, falta de tempo ou proibição proveniente de tradições religiosas. Como os guias não descuidam de seus tutelados, preparam-no de modo que a própria pessoa não percebe o progresso mediúnico, embora lhe ocorram fatos dolorosos e insólitos, que o impulsionam em busca de frutificação espiritual. Então sua mediunidade amadurece espontaneamente. Se resolve enfrentar a realidade, eis que a incorporação explode imediatamente. Mas, casos que, confrontados com os normais, são considerados raros. Conhecemos pessoas que receberam seus guias na cama, dormindo!... No dia seguinte acordaram médiuns desenvolvidos e já atuantes.

Na verdade, quando o sujeito se submete ao processo mediúnico, no início e mesmo muito tempo depois, ele é ainda consciente, sabendo o que faz, malgrado o faça — conforme percebe — contra sua vontade, pelo simples fato de misturar suas idéias às do guia. Como se vê, esta é uma das explicações por que, em certas ocasiões, as previsões, os conselhos, os remédios ministrados pelos orixás (guias) não alcançam a eficácia desejada. Eis que, o "cavalo", não sabendo discernir o pensamento alheio em mistura com o seu próprio, pode dar a sua sugestão, em lugar de oferecer a do protetor. À medida que o tempo decorre, vai ele se familiarizando com a intuição estranha e perdendo gradualmente a consciência. É claro que existe paralelamente, o médium consciente. Mas, este, com o tempo aprende a diferenciar as idéias.

Se isso acontecer com você, não se assuste, não desanime, nem duvide da presença do protetor: Ambos, você e ele estão trabalhando, e o seu anjo de guarda saberá conduzi-lo de modo a que se torne um perfeito intérprete das lições do mundo astral.

O VALOR DA MEDIUNIDADE

Para que os irmãos reflitam sobre o valor da mediunidade, vou relatar uma história acontecida nos planos espiritual e material, respectivamente.

Joaquim, um espírito recém-desencarnado, cuja vida na Terra havia sido péssima, fez um requerimento aos mentores espirituais de planos mais elevados, rogando desesperadamente nova oportunidade para resgatar as dívidas contraídas na extinta existência corpórea. Era tão grande seu arrependimento e tanto o torturava a própria consciência que, ao pedido feito, suplicava novo corpo físico, em qualquer situação, qualquer tipo de existência, por pior que fosse: poderia vir como louco, cego, aleijado, mudo, idiota, canceroso, leproso, morfético, fosse o que fosse, pouco lhe importaria. Submeter-se-ia com resignação, mas desejava encarnar-se de novo e para isso suplicava de joelhos. Levado seu pedido ao Alto, Deus, em sua infinita misericórdia, avaliou seus rogos, seu desejo, e atendeu-o: Dar-lhe-ia oportunidade para reencarnar-se, porém, dizia a permissão, o filho pedinte não necessitaria vir à Terra com defeito físico, doenças ou perturbações mentais. Apenas uma condição era-lhe imposta: nascesse, na Terra, como homem normal, mas viria como médium e comprometer-se-ia a prestar a caridade quatro horas por semana, durante trinta anos, ou seja dos vinte até à idade de cincoenta anos. Feito isso, sua dívida estaria saldada. Aceitou, é claro, chorando de alegria. E reencarnou-se.

Até os vinte anos de idade, tudo foi normal. Daí em diante desabrochou-lhe a mediunidade. Passou então a freqüentar um templo espírita, trabalhando duas horas na terça-feira e duas no sábado. Assim foi levando placidamente sua existência e até casou.

Voltemos agora ao plano espiritual.

Quarenta anos depois do nascimento de Joaquim, os mentores espirituais depararam um outro irmão necessitado de socorros urgentes. Para tanto, tinham de recorrer a um médium na Terra, que fornecesse fluidos materiais para sintonizar com a vibração grosseira daquele espírito em desespero, a fim de ser aliviado nos sofrimentos morais, após a necessária doutrinação. Um dos mentores, então, se lembrou do Joaquim, o irmão que fizera o requerimento pedindo para encarnar-se nas piores condições possíveis, mas que, por bondade de Deus, apenas lhe fora imposta a faculdade mediúnica com a finalidade de ressarcir males semeados. Sim, o Joaquim era a pessoa indicada, porque deveria estar em plena atividade, já fortalecido em seu dom e ser-lhes-ia útil naquela emergência. Consultada sua ficha cármica comprovaram o fato. Daí, resolveram conduzir aquela alma sofredora até o médium, para que, com sua mediunidade de incorporação, ajudasse o irmão aflito. E levaram-no até o centro,

onde o médium compromissado deveria estar atuando, pois era um sábado, dia de sessão.

Chegando ao centro, os mentores viram outros médiuns, menos o Joaquim... Um deles disse apreensivo: "Talvez esteja doente... vamos até sua residência e apliquemos-lhe passes magnéticos para revitalizá-lo, neutralizando algum mal-estar de que porventura tenha sido acometido". Verificada a ficha do centro, anotaram-lhe o endereço, para lá rumando. Antes, porém, deixaram o espírito angustiado entregue a outros médiuns daquele templo. Ao chegarem ao lar do Joaquim, encontraram-no. Lá estava ele deitado em uma rede, ocioso e indiferente, tomando uma cerveja. Surpresos, os monitores ainda ouviram a esposa do médium irresponsável perguntar-lhe por que não fora ao centro, pois era dia de sessão. O marido respondeu que fazia muito calor e ele já estava cansado de ficar horas e horas a atender irmãos que compareciam ao centro para aborrecê-lo...

Um dos mentores observou: "Não foi este que pediu para reencarnar-se como louco, cego, mudo, aleijado, idiota, leproso, canceroso, morfético ou o que merecesse, desde que lhe fosse permitido reencarnar-se em novo corpo físico?!... E Deus, na sua infinita benevolência, tão somente lhe impôs servir como médium, trabalhando quatro horas por semana, dos vinte aos cincoenta anos de idade... e só isso?!... Ele está agora com apenas quarenta anos de vida terrena!". "É verdade", afirmou o outro e ambos tristes, compadecidos do irmão, se retiraram.

Adivinhem o que irá acontecer ao Joaquim, quando novamente regressar ao mundo dos espíritos...

Aí está, meus irmãos, a responsabilidade do médium. Reflitam e muito cuidado para não incidirem no mesmo erro do Joaquim.

MISTIFICAÇÃO MEDIÚNICA

Há um conceito espiritualista de que todos somos médiuns em maior ou menor grau. Baseado nesse princípio, de todos podermos servir de intérprete dos espíritos, muita gente está rodopiando nos terreiros, julgando estarem incorporados, a mistificar sem o saber. Se o "médium" mistifica, é ele mentiroso? E onde a causa da irregularidade? Para compreensão do assunto explicamos três fatores concorrentes para a falha:

a) o conceito do dom mediúnico geral presta-se a confusão, pois, há a mediunidade ativa, na qual o médium necessita realmente trabalhar, ou como missão, ou por fator de evolução ou ainda como trabalho extra, decorrente de dívidas do passado, tendo, daí, obrigação de desenvolver a faculdade que lhe é peculiar; entretanto, há, também, a mediunidade latente, em que o indivíduo não precisa desenvolvê-la na presente encarnação só o fazendo em futuras vidas. Este ponto é perfeitamente compreensível, porquanto, sendo ele um espírito na matéria, possui todos os atributos espirituais, mas, no seu caso, adormecidos no subconsciente, ainda sem condições de desabrochamento.

b) tanto nos casos de obsessão como nos de mediunidade ativa, há sempre um espírito acompanhando o irmão. Na mediunidade é o guia que está presente, procurando acasalar ambas as vibrações para posterior incorporação; na obsessão, é o espírito obsessor que encosta na vítima, salpicando-lhe a aura de fluidos enfermiços, dando-lhe sugestões erradas, desviando-o do caminho certo, incutindo conduta irregular, enfim, alterando-lhe o comportamento;

c) existem duas categorias de transe: o mediúnico e o hipnótico, cuja diferença consiste em que, na primeira, um espírito-guia, protetor, anjo, etc. assiste o médium em seu trabalho; mas na segunda, inexiste espírito algum e sim é a própria pessoa hipnotizada quem atua, levada pelo estado inconsciente a imitar o transe mediúnico, acreditando-se realmente incorporado.

Mataram a charada? Pois bem, vejamos o que acontece: comparecendo ao terreiro o irmão com problemas, é ele submetido a uma análise, muitas vezes, superficial de seu caso, pelo chefe da tenda ou dirigente de sessão espírita. Como ambos, chefe e dirigente, não possuem vidência nem conhecimento do assunto e mal assessorados por falsos guias, são levados a confundirem obsessão com mediunidade, tomando o obsessor por guia, e aconselham indevidamente apenas o desenvolvimento mediúnico.

O irmão, que tem somente obsessão e não mediunidade, passa a freqüentar o centro, em fase de desenvolvimento, cuja situação é idêntica a um treinamento auto-sugestivo proporcionado pelos pontos cantados, cheiro de defumador, ritmo de atabaques, rituais, atos, etc., culminando por sugestionar-se e entrar em transe hipnótico.

Portanto, a culpa não lhe cabe e sim a alguns dirigentes de sessões, que não têm competência nem conhecimento, criando conseqüências inconvenientes ao próprio "sensitivo" e aos freqüentadores que recebem orientações espirituais inadequadas.

CARDECISMO E UMBANDA

Naturalmente o leitor desconhece a diferença entre Cardecismo e Umbanda, sem ser exclusivamente a de ritual, se ambas são mediúnicas. Vamos citar abaixo, as principais semelhanças e diferenças notadas nos dois cultos:

SEMELHANÇAS

1. Ambas são espiritualistas, isto é, crêem na existência de seres fora da matéria.

2. As duas correntes rendem culto a Deus, embora com nomes desiguais e modos diferentes.

3. Nelas ocorrem fenômenos produzidos por espíritos desencarnados.

4. Tanto uma como a outra aceitam os dogmas da sobrevivência do espírito, comunicação entre encarnados e desencarnados, Reencarnação, Lei de Causa e Efeito, e outros.

5. A Umbanda, como o Cardecismo, procura praticar a Caridade.

6. Seus ensinamentos provém de guias e protetores.

7. As curas e desobsessões verificadas nos terreiros e nas mesas cardecistas são baseadas nas faculdades mediúnicas.

DIFERENÇAS

1. A Umbanda tem culto ritualístico; o Cardecismo, não.

2. A Umbanda tem liturgia própria, diferente da do Cardecismo.

3. A Umbanda possui imagens de seus orixás, guias, protetores, bem como dos santos sincretizados, oriundos do Catolicismo, inexistentes no Cardecismo.

4. A Umbanda se apoia, além da mediunidade, também na Magia, com seus pontos riscados, cantados, objetos e defumações; o Cardecismo omite a Magia, pelo menos como nós a concebemos, pois a água fluídica é uma espécie de Magia.

5. A Umbanda tem vocabulário adaptado às diversas solenidades, atos, cerimônias, ritos, objetos e a tudo o que se relaciona a seu culto; o Cardecismo tem sua nomenclatura, segundo a codificação da doutrina feita por Allan Kardec.

6. O Cardecismo rege-se por um corpo de doutrina homogêneo, oriundo da Codificação; a Umbanda se orienta por uma doutrina heterotécnica, proveniente de suas raízes. Atualmente, os rituais umbandistas, conquanto não pareçam homogêneos na forma, isto é, iguais em todos os terreiros, a base é a mesma: incorporação de caboclos, pretos-velhos, crianças, boiadeiros e outros. Aliás, no próprio Cardecismo há ligeiras modificações em seus trabalhos, processos adaptados à finalidade de cada sessão.

7. Os espíritos-guias da Umbanda, mais ligados ao plano físico, têm melhores condições para trabalhar com mais eficiência, ao lidar com certos espíritos malévolos e trevosos.

8. A mesa branca apenas doutrina com delicadeza e excessiva reverência os espíritos sofredores, o que é praticamente impossível e mesmo ineficaz doutrinar ou reeducar os teimosos e perversos, conscientes de sua situação de desencarnados.

Sobre este particular há fatos interessantes a observar. Segundo relatam espíritos de grande luz e sabedoria, ao desencarnarem, dirigentes de sessões de desobsessão nas mesas cardecistas verificam frustrados e tristonhos, quando encontram no Além, entidades obsessoras, que julgaram ter doutrinado aqui na terra, em situações morais bem piores às em que se apresentaram nas mesas, incorporados em médiuns.

De outra feita, o obsessor perverso e teimoso finge concordar com a doutrinação para, posteriormente, voltar a perseguir sua vítima com mais ímpeto e maldade, razão por que nem sempre se consegue a solução desejada.

9. Há muitos espíritos que, ainda ligados à matéria, necessitam de ambiente onde há fumo, bebida, música, cheiro, etc., o que facilita sua chegada e posterior doutrinação ou severa repressão.

10. Existem pessoas que somente entendem a vida espiritual através dos meios materiais que a Umbanda oferece. Portanto, ela se torna necessária em determinada situação da vida mental ou estágio espiritual. Não se pode ensinar certas conquistas científicas e tecnológicas a pessoas incapazes de compreendê-las.

11. Há necessidade de alguns indivíduos concentrarem-se no concreto, para daí passarem ao abstrato. O sujeito diante de uma imagem religiosa material, pensa ou dirige o pensamento para as coisas espirituais.

12. A Umbanda fornece meios para o homem satisfazer o desejo de exteriorizar, nas práticas ritualísticas, a mesma devoção de seus ancestrais, que faz parte do inconsciente coletivo, desencadeado pelo atavismo (repetição no presente de sentimento, emoções ou personalidade de um passado longínquo).

13. Tudo no Universo obedece a leis imutáveis que regem o mecanismo em qualquer plano físico ou espiritual. Conhecendo-se parte dessas leis, principalmente a que regula muitas de nossas atividades, poderemos resolver grande quantidade de problemas decorrentes justamente de sua desobediência. Tal acontece com a Magia e o uso de objetos, ervas ou plantas utilizados nos trabalhos de Umbanda.

14. O Cardecismo não reconhece ou não quer admitir haja trabalhos de Magia Negra, feita através de objetos, animais e plantas, não estando, dest'arte, preparado para anular-lhes as conseqüências; a Umbanda pretende apoiar-se precipuamente nessa finalidade, ou seja, seu objetivo principal é desmanchar trabalhos maléficos de Macumba.

Em resumo, o culto do Cardecismo é mental-doutrinário; o da Umbanda mais físico, prático e ritualístico. Ambos se adaptam à índole e tendência dos indivíduos que os praticam. Por exemplo, para certas pessoas o culto mental é o mais apropriado, enquanto para outras a Umbanda se adapta perfeitamente.

PONTOS FUNDAMENTAIS

Você sabe o que é um dogma? — Dogma — segundo o dicionário — é ponto fundamental de uma doutrina religiosa. Pode-se discutir um dogma, não, porém, negá-lo. Assim, também a Umbanda possui seus dogmas, crenças e fundamentos, aliás, próprios do Espiritualismo. Você sabe quais são? Vejam:

1. Acreditamos em um Deus eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, onisciente, onipresente, inconcebível, portanto, à mente humana. Isto é, no atual estado, o homem jamais pode fazer uma idéia do que seja Deus, embora possa sentí-LO e compreender vagamente a obra de Sua criação.

2. Cremos na existência dos Orixás, Espíritos de Plano Superior, que comandam as 7 linhas ou vibrações de Umbanda.

3. Temos a Reencarnação como ponto pacífico, logo, indiscutível.

4. Cremos na existência de seres fora da matéria e na sobrevivência de nossa própria alma após a morte do corpo físico, verdades comprovadas pela mediunidade, significando que o espírito não morre, mas sobrevive ao homem, em seu caminho de evolução na busca de aperfeiçoamento.

5. Há possibilidade de comunicação com esses espíritos desencarnados, através da faculdade mediúnica, cujo intermediário é o médium.

6. Existe uma lei de Causa e Efeito, pela qual colhemos tudo o que plantamos. Exemplificando: somos nesta encarnação o futuro da semente semeada, nas vidas precedentes, (encarnações anteriores). Não há acaso, tudo é conseqüência.

7. O progresso de cada um ou as situações na vida são produtos de seu livre arbítrio ou escolha das provas com antecedência, antes da descida à matéria.

8. Não há diferença entre o natural e o sobrenatural. Nem entre o plano terrestre e o astral. Apenas distinção de estados vibratórios.

9. O "Amai-vos uns aos outros" é o lema principal da Umbanda, o qual tem como base e exemplo de obediência a esse mandamento, o amor incondicional, manifestado na prática da Caridade, tanto na palavra como na ação.

10. Acreditamos existirem outros mundos habitados, não constituindo a Terra exceção no Universo. Há mundos mais adiantados e orbes mais atrasados. A Terra é um plano de expiação, aprendizado e de correção moral.

11. Não há espíritos eternamente voltados para o Mal, mas seres em estágio de aprendizado. A condição de mau é apenas imperfeição temporária, própria da fase de desequilíbrio ou ignorância, por que passa o espírito.

12. Todos temos guias espirituais, julgados mensageiros dos orixás, que nos acompanham nos moldes dos anjos de guarda dos católicos, porém, com a faculdade de se comunicarem conosco, através da mediunidade desenvolvida.

13. Jesus Cristo foi o espírito de categoria mais elevada que já encarnou entre nós. É considerado o irmão sublime que desceu das esferas superiores para ensinar, pelo Evangelho, conduta moral à humanidade.

14. A afirmação de que vivemos num campo vibratório peculiar, sendo cada um campo vibratório que o seu livre arbítrio comanda.

15. Adotamos a liberdade da prática religiosa, respeitadas, entretanto, as leis dos poderes legalmente constituídos.

16. Todos somos iguais, porque filhos do mesmo Deus de Amor, Justiça e Sabedoria, criados para cumprir seus sábios desígnios. Não há superioridade de uns sobre outros, ressalvadas

as condições daqueles em que já despontam vibrações angélicas, provenientes do grau de adiantamento espiritual alcançado pelo próprio esforço e merecimento, através de conduta exemplar em benefício de seus semelhantes.

17. A afirmação de que todas as religiões constituem os diversos caminhos de evolução espiritual que conduzem a Deus, significando que todas as religiões têm uma única finalidade: Aperfeiçoar o homem e levá-lo para Deus. Daí o nosso respeito a todas elas, pois cada um se afiniza com uma corrente religiosa que esteja em correspondência ao seu grau de compreensão e evolução.

Quanto aos rituais que utilizamos em nossa devoção, são eles necessários, visto se adaptarem às formalidades externas do culto. A forma nada representa, mas sim a intenção de que estamos imbuídos. A Deus não importa a exteriorização ritualística, visto compreender o nosso estágio atual, mas o sincero desejo de praticar o Bem e a Caridade. A finalidade justifica os meios.

GLOSSÁRIO

Abó — banho de odor desagradável, em cuja composição entram várias ervas e ingredientes.

Agô — Licença, permissão.

Alabê — tocador de atabaque.

Alguidar — bacia de barro destinada a oferendas.

Amací — banho para a cabeça, feito com ervas maceradas.

Amalá — comida que se dá aos orixás.

Aruanda — astral superior, onde vivem os orixás.

Atabaque — tambor usado para acentuar o ritmo.

Babá ou Babalorixá — Mãe de santo; chefe de terreiro.

Baixar — incorporar, descer o guia.

Burro — denominação dada aos médiuns por alguns exús.

Búzios — conchas marítimas, das quais se serve o pai-de-santo do candomblé para consulta aos guias.

Cabana — local onde se realizam cultos afro-brasileiros.

Caboclo — espírito de índio ou mestiço .

Cacique — chefe de corrente espiritual composta de índios.

Calunga grande — mar, oceano.

Calunga pequena — cemitério.

Cambone ou cambono — auxiliar ou assistente do orixá.

Cambureco — homem, rapaz.

Camutuê — cabeça.

Candomblé — ramo dos cultos afro-brasileiros.

Canela-preta — soldado de polícia.

Canzuá ou cazuá — casa, lar, domicílio.

Carregado — cheio de maus fluidos.

Cavalo — denominação dada a médiuns pelos guias.

Coité — metade de casca de coco, utilizadas como copos para se servirem bebidas.

Compadre — Exu.

Congá — altar.

Curandô — Curador, curandeiro.

Curiadô — bebida que os guias tomam.

Curimba — ponto cantado ou o conjunto de cantores de pontos.

Defumar — limpar alguém, local ou alguma coisa, psíquica e espiritualmente.

Descarregar — aliviar alguém, local ou alguma coisa de maus fluidos.

Despacho — ato de despachar as ofertas aos exús ou coisas de que se queira livrar.

Ebó — presente, oferenda.

Êgum — espírito de morto.

Encosto — obsessão de espíritos perturbadores.

Erês — espíritos que conservam o psíquismo de crianças.

Exús — espírito neutro; orixá de esquerda, identificado erroneamente por muitos, como sendo o diabo; qualquer espírito que faz o mal.

Filho de fé — adepto da Umbanda.

Filho de santo — médium.

Fundanga — pólvora.

Ganga — uma das espécies de quiumba, às vezes chamado de exú.

Gira ou engira — sessão de Umbanda; trabalhos espirituais.

Guia — protetor do médium; colar de contas, pedra ou metal.

Iabá — cozinheira especializada em preparar a comida de santo.

Ialorixá — mãe de santo; mulher dirigente de terreiro; o mesmo que babá.

Ibeji — criança da linha de Iori; Cosme e Damião; o mesmo que erê.

Jacutá — altar, terreiro.

Juremá — local na mata astral, onde vivem os caboclos.

Macaia — erva, mata, floresta, bosque.

Mãe pequena — auxiliar imediata da mãe de santo.

Mãe de santo — mulher dirigente de terreiro.

Maleme — perdão, desculpa.

Marafa(o) — aguardente, cachaça.

Médium — intermediário entre os guias, protetores e os homens.

Mironga — segredo, mistério.

Moça — Pomba-gira.

Muleca ou mureca — moça, menina, garota.

Oferenda — presente para os orixás, guias, exús, etc.

Ogã — auxiliar que puxa os pontos ou bate atabaque.

Oló — Ir a Oló ou ló: ir embora, subir (a entidade).

Orixá — santo, divindade superiora, guia, protetor.

Pataco — dinheiro, moeda.

Patuá — talismã usado para dar sorte.

Pegí — altar, o mesmo que congá.

Pemba — giz especial com que se riscam os pontos.

Piau — frango, galinha ou ave na linguagem dos exús.

Ponteiro — punhal.

Ponto cantado — cântico entoado às entidades.

Ponto riscado — desenho feito no chão ou noutro lugar, que simboliza a entidade ou a linha; o mesmo que "assinatura" do espírito.

Purucadô — cabeça, testa.

Quimbanda — conjunto das linhas a que pertencem quiumbas ou exús malévolos.

Quiumba — rabo de encruza, espírito trevoso, sofredor, que só faz o mal.

Quiumbanda — conjunto das linhas a que pertencem os quiumbas.

Rabo de encruza — Quiumba, espírito mau, trevoso, maléfico.

Rabo de saia — mulher.

Saravá — cumprimento comum e geral na Umbanda, o mesmo que "salve".

Sucê ou suncê — você, tu.

Tabaqueiro — auxiliar que bate atabaque; o mesmo que ogã.

Tenda — templo, igreja ou local onde se realizam ritudis afro-brasileiros.

Terreiro — Tenda, templo, local onde se realizam sessões.

Toco — vela, charuto, cigarro, banco.

Tuia — pólvora.

CORES DAS LINHAS

Oxalá — branca
Iemanjá — azul
Xangô — marrom
Oxossi — verde
Pretos-velhos — branca
Erês — rosa
Iansã — amarela
Nanã Buroquê — roxa
Omulú — preta e branca
Exú — preta e vermelha
Oxumaré — verde e amarela

As cores representam vibrações correspondentes a cada linha. Assim, tanto nas guias (colares), como nas velas usa-se a cor da linha a que pertence o orixá de frente do filho do terreiro.

BEBIDAS DOS ORIXÁS

Oxalá — mel, água, leite
Piratas — rum
Ciganos — Vodca
Iemanjá — licores em geral
Ogum — cerveja preta
Oxossi — vinho tinto
Erês — refrigerantes, refrescos, etc.
Marinheiros, boiadeiros e exus — aguardente (marafa)
Pomba Gira — champagne
Baianos — aguardente, batida de coco
Exus — aguardente (marafo)

SAUDAÇÕES AOS ORIXÁS

Ao adentrar-se o terreiro, primeiramente deve-se saber quem é o patrono da casa. De acordo com o orixá-chefe da tenda ou com os trabalhos que se estão desenvolvendo, a saudação é a seguinte:

Oxalá — Exê Babá! Bênção! Salve!
Iemanjá — Odê-iá-ê, Iemanjá!
Xangô — Caô, Cabê, Silê!
Ogum — Ogum, iê!

Oxossi — Okê, Caboclo!
Nanã Buroquê — Saluba, Nanã!
Pretos-velhos — Saravá! Bênção Vovô, Pai, etc.
Iansã — Eh, parrei, Iansã!
Abaluaiê — Atôtô, Abaluaiê!
Oxum — Ora, ieiê, ô!
Omulú — Atotô!
Almas — Adôrei, as almas!
Pomba Gira — Laroiê, Bombongira!
Exú — Exú, mojubá! Salve a sua banda!

Saravá é um termo genérico utilizado para todos, assim como a expressão "Salve as suas forças!". Nunca se diz "Bom dia" a um exú, mesmo que seja dia claro.

AS GUIAS (COLARES)

As guias usadas pelos médiuns, para defesa ou para trabalhos nos terreiros são colares feitos de materiais facilmente imantáveis, condutores de correntes magnéticas, que neles ficam impregnados. Ajudam na invocação dos protetores, na concentração, na harmonia vibratória, captando e emitindo bons fluídos, formando estes um círculo de vibrações benéficas ao redor da pessoa que os usa.

Para tanto, as guias devem ser confeccionadas de matéria natural, não artificial. Pode ser de pedras, comuns, semi-preciosas (quem puder), frutos, sementes, cipós, vidros, cristais, conchas e animais marítimos, etc., porém JAMAIS DE PLÁSTICO, pois este não é substância imantável, mas produto químico inócuo. Cada linha, falange ou povo tem seu material natural apropriado que, principalmente, são:

Oxalá: cristal branco, ouro.

Iemanjá: conchas, búzios, plantas, prata e animais marítimos.

Ogum: bolinhas ou pedaços de ferro e aço.

Oxossi: pedaços de cipós, galhos, frutos duros, sementes, etc., colhidos na mata.

Xangô: pedras e seixos de cor marrom de rios e pedreiras.

Baianos: coquinhos, frutos e sementes de plantas do Nordeste.

Pretos-Velhos: lágrimas ou contas de Nossa Senhora (contas de rosários).

Crianças: bolinhas e coraçõezinhos de vidro, metal, sementes, etc.

Exús: sementes denominadas "olho de cabra" e metais.

Quando o médium trabalhar com orixás (protetores) cruzados, isto é, com duas ou mais linhas ou povos, também cruzará (se quiser) as contas das guias, intercaladas nas quantidades de 3, 7 ou 9.

Na hipótese de serem feitas com outro material (nunca de plástico ou produtos químicos), vidro por exemplo, as cores são: Oxalá: branca; Iemanjá: azul clara; Xangô: marrom; Ogum: vermelha; Oxossi: verde; Iansã: amarela; Nanã Buroquê: roxa; Oxum: azul; Oxumaré: verde e amarela; Crianças: rosa; Omulú e Pretos-Velhos: preta e branca; Exús: preta e vermelha.

TRABALHOS PÚBLICOS OU SESSÕES

Nos trabalhos de tendas e terreiros, as pessoas presentes se constituem:

a) do pai ou mãe de santo, também chamado de babalaô, chefe do terreiro, cacique, padrinho, etc., se for homem, e Ialorixá, babá, chefe de terreiro, madrinha, se for mulher, que são os dirigentes das sessões. A eles cabem várias funções de direção dos trabalhos e a responsabilidade pela sua ocorrência;

b) mãe ou pai pequeno, também chamados jibonã, que são os auxiliares imediatos do dirigente da casa;

c) ogãs, são os que puxam os pontos cantados ou batem atabaque;

d) médiuns ou "cavalos", filhos de terreiro, filhos de fé, que formam o corpo mediúnico da tenda;

e) cambone, que é a auxiliar dos orixás, servindo-os quando eles trabalham, inclusive escrevendo receitas, acendendo charutos, pitos, etc.

f) freqüentadores ou irmãos de fé, geralmente pessoas que assistem aos trabalhos ou vão a terreiros fazer pedidos e formular consultas.

O cambone, antes do início da sessão, se o terreiro não possuir tronqueira ou balê de exú, isto é, um lugar certo e apropriado para dar a oferenda de marafa ou comida ao exú, saúda os quatro cantos da casa onde funciona a tenda, do lado de fora, derramando um pouco de aguardente. Entra e risca o ponto de segurança na entrada do terreiro, do lado de dentro.

Após isso, acende as velas correspondentes às linhas que irão trabalhar e procede à defumação do local e dos presentes. Todos: médiuns e assistentes são defumados.

A seguir, o pai de santo entoa um ponto de início dos trabalhos, faz a prece de abertura e puxa logo depois os pontos de saudação a todas as linhas ou a todos os orixás, pedindo proteção. São saudados Oxalá, Iemanjá, Ogum, Oxossi, Xangô, Oxum, Omulú, as crianças, os pretos-velhos, baianos, as almas e exú.

Após, o ogã, mãe pequena ou mesmo o pai de santo vai puxando pontos de preparação, até que se chama o chefe da falange, legião ou povo que virá trabalhar, através de seu ponto próprio ou de descida. Vindo este e incorporado no babalaô, faz ele as saudações de praxe e vai chamando seus auxiliares, os quais se incorporam nos médiuns desenvolvidos. Daí por diante os trabalhos correm por conta e direção do guia-chefe.

À medida que a sessão transcorre, são cantados seguidamente pontos de louvação próprios do povo que está baixando no terreiro. Se são caboclos, pontos de Oxossi; se, pretos-velhos, pontos de pretos-velhos; se baianos, pontos correspondentes.

Finda a missão, puxam-se pontos de subida ou de despedida e os guias e protetores vão subindo, um a um, obedecendo a uma ordem hierárquica, a começar do mais recente ou novo no desenvolvimento. O último a subir é o guia-chefe que incorpora o babalaô ou a ialorixá. Se for necessário, este guia-chefe permanecerá no terreiro, supervisionando a incorporação seguinte. Se não, sobe também, deixando o médium livre para o guia-chefe de outra linha que baixará em seguida.

Cada linha, falange ou povo tem sua missão e finalidade mais ou menos definida ou própria, no que toca ao tipo de trabalho. Se tiver de baixar o povo d'água, este será o último, pois seu objetivo ou finalidade é descarregar a aura astral do ambiente, de impurezas acumuladas. Se se pretender trabalhar com exus, é de bom alvitre que a sessão se inicie após à meia-noite ou em dias apropriados e que não haja crianças no recinto. Geralmente os trabalhos com exús são pesados, de alta magia, e o seu concurso é solicitado para que se desfaçam trabalhos de magia negra, perturbações e obsessões.

Durante as sessões deve haver o máximo respeito, educação, silêncio, fé e concentração. Não se deve cruzar as mãos ou pés, fumar, falar alto, rir ou permanecer alheio ao trabalho que está sendo realizado. Também as sessões não devem ser longas e cansativas, obrigando o público a assistí-las do início ao fim. É preferível que o assistente permaneça pelo tempo que for necessário ao seu atendimento e deixá-lo ir embora após, a retê-lo por muito tempo no recinto, onde permanecerá indife-

rente e desatento aos trabalhos seguintes, pelos quais não tem muito interesse, a não ser o de pura curiosidade, prejudicando com seus pensamentos estranhos, a harmonia e a firmeza da corrente espiritual.

Mesmo os médiuns não devem ser sacrificados com muitas reuniões na semana e as sessões devem durar o tempo extritamente necessário.

Quando todos forem atendidos e as linhas programadas já tiverem baixado, o ogã ou mãe pequena, a pedido do dirigente do terreiro, entoa o ponto de despedida e os guias vão subindo, sendo o guia-chefe o último a ir embora. Tudo concluído, faz-se a prece de encerramento ou agradecimento, entoa-se um ponto de encerramento, fechando o terreiro, e termina a sessão.

RITOS CERIMONIAIS

Na Umbanda pura não existe feitura ou raspagem de cabeça, reclusão em roncó (camarinha), matança de animais, nem severas obrigações ou deveres para com os guias e protetores. Significa não haver iniciação secreta rigorosa, porque esses requisitos pertencem aos cultos africanos de nações, os quais, por motivo de sincretismo, foram adotados na ritualística umbandista na maioria dos terreiros. São necessários? Sim e não. Quem trabalha na devoção, chamada doutrina, ou seja, somente com incorporação de caboclos, pretos-velhos, crianças, etc., inexistentes na África, não necessita de iniciação severa, porque não lida diretamente com a Magia; mas quem desempenha a Lei da Umbanda, precisa passar por certos ritos para aprendizagem, já que manipula a magia africana, com ou sem a presença dos orixás. Com a presença, porque eles, por seus mensageiros, reclamarão as suas obrigações, principalmente as de iniciação, que representam um acordo feito entre o praticante e o seu orixá, a quem ficará ligado durante toda esta existência, devendo-lhe obrigações, preceitos litúrgicos, prescrições alimentares, tabus, símbolos, etc. O mesmo não acontece com os que trabalham apenas na doutrina, por não haver união absoluta do médium ao guia ou protetor. Ambos se aliam para a prática do Bem e da Caridade, sem vínculo efetivo, ligados unicamente por laços vibratórios de afinidades ideológicas, visando ao aprimoramento de cada um. A não ser, é claro, que o médium, insensato e perverso, trabalhe de má fé com exús e quiumbas na prática do Mal. Tal conluio se parece com as histórias antigas, em que o indivíduo fazia pacto com o "demônio", entregando-lhe a

alma. Naturalmente, ninguém pode dar uma coisa que não lhe pertence. Este ato pode ser interpretado como um acordo entre eles. O "diabo" se sujeita temporariamente aos caprichos do seu protegido, até o falecimento deste, dando-lhe dinheiro, mulheres, prestígio, com a condição de o indivíduo servir-lhe como escravo após a morte, por um longo tempo no astral.

Na Umbanda doutrinária — a original — há simplesmente o desenvolvimento de mediunidade, batismo, cruzamento e lavagem de cabeça do médium. O filho, ao iniciar-se, começa pelo desenvolvimento no terreiro, acompanhado de algumas prescrições, tais como: banhos de descarga ou de limpeza da aura, amaci, defumações, oferendas singelas de acordo com suas posses, etc. Nunca despesas vultosas que não poderá pagá-las. Consiste no oferecimento de velas, flores, bebidas, defumações e outros objetos simples, que demonstrem sua fé no guia ou protetor.

O DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento começa logo após o candidato ser alertado de que necessita desenvolver sua mediunidade. Ciente de sua missão divina e consciente da responsabilidade, aceita ingressar na corrente mediúnica, sendo então encaminhado ao salão, onde é designado um médium já desenvolvido e com o seu guia incorporado para fazê-lo girar ao som dos pontos próprios. À medida que vai girando, a entidade que o assistirá vai também tentando tomá-lo, envolvendo-o em seus fluidos vibratórios até que, com o tempo, acasalam-se as auras e o candidato realiza uma incorporação imperfeita para logo mais tornar-se perfeita, quando então será considerado médium desenvolvido em condições de atender o público necessitado.

O BATISMO

O batismo é uma cerimônia puramente tradicional, como o são os batismos das outras religiões (catolicismo, protestantismo, etc.). É apenas um compromisso simbólico, de caráter formal, de quem aceita a religião e nela ingressa, tal qual o é também a cerimônia de casamento nas igrejas. Seu ritual é o seguinte:

Quando o médium inicia o desenvolvimento, após pequeno espaço de tempo, ele escolhe o padrinho e a madrinha, podendo ser médiuns já desenvolvidos da tenda ou pessoas influentes den-

tro dela. Escolhe também os paraninfos espirituais (guias e protetores de sua preferência ou simpatia). No dia marcado, o chefe do terreiro, (babalaô, ialorixá, dirigente de culto) abre a sessão como de costume, mas estando toda a diretoria do centro presente, e dá seqüência, recebendo ou não o seu guia. Se este for um dos padrinhos espirituais, deverá baixar, juntamente com a madrinha espiritual. Em todos os casos, os guias-padrinhos deverão estar incorporados. Tudo pronto, faz-se uma prece oferecida aos guias e protetores que servirão de padrinhos. A seguir, o médium ajoelha-se de frente para o altar e o padrinho carnal, portando uma vela branca acesa, faz uma cruz com ela acima da cabeça do médium e dá-lhe para segurá-la, devendo o médium recebê-la com a mão direita; feito isso, a madrinha carnal se aproxima, tendo na mão um ramo da planta "Espada de São Jorge", faz também, com o ramo, outra cruz na cabeça do batizando, entregando-lhe o ramo da planta, que ele receberá com a mão esquerda. O guia-chefe, se estiver incorporado ou caso contrário, o babalaô, se aproxima e pondo a mão direita um pouco acima de sua cabeça, considera-o batizado na religião de Umbanda. O médium se levanta, apaga a vela e guarda-a juntamente com a Espada de São Jorge, como lembrança de seu batismo.

Este ritual ou cerimônia é, em diversos terreiros, um pouco modificado. Como se trata de simples ato simbólico, embora encerre um compromisso moral, não há inconveniente em ser feito de acordo com o rito tradicional da tenda.

CERIMÔNIA DE CRUZAMENTO

A Umbanda, como dissemos, tal qual as outras religiões, tem solenidades internas, que constam de sua liturgia. Necessárias ou não, estão sendo aceitas e incluídas no Cerimonial Umbandista. Entre elas, há a de cruzamento de médium. É cerimônia, como a do batismo, simbólica, onde o médium, estando já semi-desenvolvido, é cruzado pelo Babalaô, Ialorixá, dirigente de culto, chefe de terreiro, pai ou mãe-de-santo, etc., para maior e melhor aproximação, firmeza e entrelaçamento com seu orixá (orixá, no sentido de guia, protetor).

O ato é interno, normal, feito no interior do templo, não necessitando de festividade ou aparato ritualístico, mas podendo, outrossim, fazer parte de programa pré-estabelecido, como cerimônia coincidente a alguma data festiva. Comumente é procedido em sessões costumeiras, embora em algumas tendas, o seja em carater privado, sem assistência de público, somente contando com a presença de outros médiuns.

É feito da seguinte maneira: Aberta a sessão normal, já com o chefe espiritual ou guia-chefe baixado, este, usando uma pemba branca, risca sete cruzes no médium, que deverá estar de pé, começando de cima para baixo, na seguinte ordem: uma cruz na testa, uma na nuca, uma no peito, do lado esquerdo, sobre o coração, uma em cada dorso (costas) das mãos esquerda e direita e as duas restantes no peito de cada pé (esquerdo e direito). Quando do cruzamento, a curimba entoa pontos apropriados ao ato.

Findo este, o médium é defumado com defumador que contenha os sete ingredientes básicos: Arruda, Alecrim, Alfazema, Bejoin, Incenso, Mirra e Sândalo. Na falta de um deles, pode ser substituído por Guiné, pétalas de rosas brancas ou outra erva espiritual.

O médium permanecerá com as cruzes, enquanto durar a sessão, sendo depois apagadas ou lavadas.

COROAÇÃO DE MÉDIUM

Após alcançar equilíbrio e progresso no desenvolvimento, não mais necessitando do auxílio de ninguém para a manifestação mediúnica, por haver total e perfeita incorporação com seu guia, o médium é geralmente submetido à lavagem de cabeça e coroação, demonstrando, a partir daí, que está apto a trabalhar em benefício daqueles que procuram o centro, em busca de orientações, conselhos, soluções de problemas, curas espirituais, resoluções de dificuldades, etc. Também é ato simbólico, adotado tradicionalmente em muitos terreiros umbandistas. Trata-se, como se percebe, de cerimônia de coroamento, espécie de diploma conferido ao filho que termina o curso de desenvolvimento ou fase de adaptação primária e se torna médium, com capacidade para exercer plenamente a faculdade de servir por intérprete dos orixás.

Constatando o chefe do terreiro, que o candidato possui entrosamento perfeito com o respectivo guia, portanto habilitado a trabalhar na corrente mediúnica, declara-o médium atuante, em condições de cumprir a missão. Assim, marca a data da coroação, normalmente a sessão seguinte, na qual se fará também a prévia lavagem de cabeça. A cerimônia é simples: Abre-se como de costume a engira, mas sendo necessariamente a de caboclos. Incorporado o guia-chefe, este, aproximando-se do médium, defuma-o com o charuto. A seguir, faz sinal para que ajoelhe e,

enchendo um cálice de vinho tinto, derrama-o sobre a cabeça do médium que, nesse momento, dá passividade, recebendo seu protetor. Em seguida, pega uma coroa, feita de galhos de Arruda, Guiné, Espada de São Jorge ou, na falta desta, Alecrim, colocando-a em torno de sua cabeça. A curimba, durante o ato, cantará pontos apropriados à coroação.

Em algumas tendas, é hábito derramar, também marafo (aguardente) na cabeça do filho coroado, para reforça-la nas outras linhas.

Terminada a cerimônia, reiniciam-se os trabablhos rotineiros de atendimento público, findos os quais, o medium, ao se retirar, deverá lavar a cabeça com água e sabonete, a fim de não ir para casa, cheirando a álcool. Em uma mesma sessão poderá haver a coroação de vários médiuns, simultaneamente.

Seguem-se os rituais de batizado, casamento e encomendação, como são realizados nos diversos terreiros de Umbanda. Com ligeiras diferenças, mais ou menos, são os seguites.

RITUAL DE BATIZADO
PREPARAÇÃO

O Dirigente espiritual celebrante deverá se preparar para o ofício ou rito, juntamente com o cambono.

Se for realizado na tenda, há que se oficiá-lo junto ao pegi (altar) iluminado. Coloca-se uma pequena mesa no local, coberta com toalha branca, contendo todo o material necessário à cerimônia:

uma tigela branca, de tamanho médio
uma toalha branca
um copo com água pura
um pires ou tigela branca (pequena), contendo água que servirá para banhar a cabeça do batizando
pires com mel de abelha puro
pires com azeite de oliva
incenso puro para defumação do batizando
defumador usado na defumação normal da tenda
vela de cera
pemba branca
algodão
incenso moido
sal comum de cozinha

O dirigente espiritual celebrante, bem como o cambono e os demais componentes do corpo mediúnico da tenda, vestirão uniforme branco.

CERIMÔNIA DE CELEBRAÇÃO

Com todo o material acima descrito nos devidos lugares, o Dirigente espiritual, que doravante será chamado simplesmente "CELEBRANTE", com tudo a seu dispor, iniciará a cerimônia, proferindo as seguintes palavras:

"Na qualidade de dirigente espiritual da nossa lei de Umbanda, estou aqui reunido diante de todos vós, em nome de Zâmbi, de nosso Pai Oxalá e de nossa grande mãe Iemanjá, para administrar o sacramento do batismo a esta criança (ou pessoas, caso tenha adulto), filha de F..... e de F..... que terá como padrinhos os srs. F..... F.....".

Uma vez explicado o motivo da reunião, o Celebrante risca o ponto de sua Entidade (seu Guia de cabeça), canta ou manda cantar o seu ponto.

Após riscado o ponto da Entidade, o cambono começa a defumar o recinto, com a defumação costumeira usada na tenda. Feito isso, passa-se ao ato do sacramento do batizado ou batismo, o qual é feito da seguinte maneira:

1.º Toma da vela e dá-a ao padrinho que nesse momento deverá postar-se ao lado direito da madrinha, a qual estará segurando a criança a ser batizada. Acende a vela. Volta-se e recita a seguinte prece:

"Pai bondosíssimo, uma vez que vos aprouve permitir ao espírito desta criança vir novamente passar pelas provações terrestres, destinadas ao seu progresso, dai-lhe luz para que aprenda a conhecer-vos, amar e adorar-vos com a sua onipotência; fazei com que esta alma se regenere na fonte de vossas divinas instruções; que sob a égide do seu anjo de guarda, sua inteligência aumente e se desenvolva, fazendo-a aspirar e aproximar-se cada vez mais de Vós; que a ciência e o poder de nossa religião sejam brilhante luz que a esclareça através dos escolhos da vida; que ela saiba, enfim, apreciar toda a extensão do vosso amor, que nos experimenta para aperfeiçoar-nos.

Pai, lançai um olhar paterno sobre a família a quem confiastes esta alma. Possa ela compreender a importância de sua

missão e fazer germinar nesta criança, boa semente, até o dia em que ela puder, por suas próprias aspirações, elevar-se sozinha até Vós.

Dignai-vos, bondoso Zâmbi, exalçar esta humilde prece em nome e por amor daquele que disse: "Deixai vir a mim os pequeninos, porque deles é o Reino dos Céus".

APRESENTAÇÃO

Nesta altura, o celebrante dirige as palavras à(s) criança(s):

"Espírito que encarnaste no corpo desta criança sê benvindo entre nós. Pai, Senhor de todos os mundos, que na vossa infinita sabedoria, julgastes oportuna a sua vinda, sêde para sempre bendito.

É um depósito que foi confiado a seus genitores e do qual deverão prestar contas um dia. Se ele pertence à nova geração dos bons espíritos que devem povoar a Terra, rendamos graças ao Pai, por tão extraordinária dádiva; se, porém, é uma alma imperfeita, o dever de seus pais é auxiliá-la a progredir no caminho do bem, dando-lhe como necessária instrução, conselhos e exemplos de paciência e resignação, para aprender a suportar as provações por que tenha de passar.

Zâmbi, nesta nobre tarefa, dai-lhe coragem e boa vontade para bem cumprí-la.

Se esta criança for motivo de provas para nós, seja feita a vossa vontade.

Bons guias, que neste momento presidís a esta cerimônia, tomai-a sob vossa proteção; afastai dela os maus espíritos que tentarem induzi-la para o mal; dai-lhe forças para resistir às suas sugestões; coragem e resignação para suportar com paciência as provas que a esperam na Terra.

2.º A seguir, o celebrante toca o polegar direito, seco, no SAL FINO e passa nas pálpebras da criança, limpando-as rapidamente com algodão, para evitar resíduos de sal nos olhos e diz:

"Em nome de OGUM, o senhor da visão física, toco os teus olhos com sal, que é o símbolo da sabedoria, para que saibas ver a amizade, as idéias juntas, os pensamentos do Bem, os amigos e toda beleza do Mundo.

3.º Molha o polegar direito no azeite de Oliva e toca as duas orelhas da criança, dizendo:

"Em nome de Xangô, Senhor do Som, toco teus ouvidos com azeite, para que eles se conservem abertos às lições da sabedoria e sejam surdos às seduções do vício, das murmurações e da maldade dos homens.

4.º Molha o polegar direito no mel e toca os lábios da criança, dizendo:

"Em nome de OXUM, a Senhora do paladar, toco teus lábios com mel, para que tenhas amor à verdade, só fales para construir, não mintas, não censures, nem blasfemes nunca contra as coisa santas, nem maldigas os teus irmãos".

5.º Passa o polegar direito no incenso moído e leva-o às narinas da criança e diz:

"Aspira este perfume, que testifica o sentido do olfato, o qual está sob a direção de Iemanjá, para que desperte em tí, a noção de harmonia, de arte e de beleza material e espiritual. Este perfume é a expressão de nossas homenagens, que devem chegar aos céus. Que todos os seres da Natureza, da Terra, da Água, do Ar e do Fogo, te sejam propícios em todos os tempos".

— Neste momento, usando o incenso, defuma-se a criança.

6.º Pegando a água que está no pires (ou tigela), derrama-a sobre a cabeça da criança, que deve estar deitada nos braços da madrinha, sendo o líquido aparado em uma tigela maior, pelo cambono. Enxuga a cabeça da criança com a toalha branca e diz:

"Em nome de Ibeji (Cosme e Damião), representantes do Senhor do Entendimento, Inteligência e Razão pura, banhei a tua cabeça com água, símbolo da pureza. A tua cabeça será sede dos princípios superiores do teu Ego; que ela se conserve forte, lúcida e instrumento do teu Guia, dando-te faculdade de discernimento.

Foram consagrados os teus sentidos e a tua mente; vamos agora consagrar o teu coração, morada do teu ego, porção divina do Deus que habita em ti e traço de união eterna entre o homem, Zâmbi e o Mundo.

7.º Pega a vela das mãos do padrinho e coloca-a perto do peito, em frente ao coração da criança e diz:

"Esta vela acesa é o símbolo do Fogo Criador. Ponho-a sobre o teu coração, que é o santuário de Oxalá, Senhor da luz sideral que ilumina o Mundo e pelos teus sentimentos nobres há de iluminar a tua consciência por toda a vida.

Em nome do grande Pai Oxalá eu te considero batizado e te ponho nome de F. ....., pelo qual responderás no Tribunal Divino.

ORAÇÃO FINAL

8.º A seguir, recita a seguinte oração final:

"Pai Onipotente, eis aqui um espírito que enviastes novamente à Terra para continuar na senda do seu progresso moral, trabalhando pelo seu próprio melhoramento e de seus irmãos. É um depósito sagrado que confiastes a seus pais e por eles aqui o trazemos para que, com a vossa santa bênção, venha a obter na idade da razão o perfeito conhecimento de seus deveres.

Oxalá, Salvador nosso, Vós na Terra mostrastes a vossa predileção pelas crianças; abençoai o nosso pequeno irmãozinho F .....; abrigai-o à sombra de vossa bandeira, para que ele venha a ser um verdadeiro cristão umbandista.

E vós todos, nossos Protetores do Espaço, em cujo número está o nosso guia espiritual, tomai-o sob vossa proteção. Em vossas mãos e nas de seu Anjo de Guarda, o entregamos; dignai-vos recomendar esta nossa humilde súplica ao Senhor dos Mundos e ao seu dileto filho Oxalá. Assim Seja.

—oOo—

SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

O Chefe de terreiro ou sua segunda pessoa deve estar preparado para o ato, assim como o recinto já deve estar em idênticas condições.

Ao som da marcha nupcial dar-se-á a entrada dos noivos na Tenda, acompanhados dos respectivos padrinhos.

O Chefe de terreiro oficiante, tendo diante de si os noivos (o noivo à esquerda e a noiva à direita), dará início à cerimônia, que poderá ser efetuada tendo como fundo o cântico da Ave Maria, em baixo volume, dizendo:

"As normas umbandistas e a nossa casa, de acordo com as palavras de Xangô (São Gerônimo), que nos ordena leal obediência às leis do Brasil e às autoridades legitimamente constituídas, reconhecem a certidão de casamento expedida pelo registro civil, ora apresentada como suficiente para satisfazer a instituição do matrimônio, segundo os ensinamentos de Oxalá e seus enviados.

No entanto, pelo sagrado desejo dos nubentes em se receberem sob as bênçãos da magnífica Umbanda, em nome das forças vivas de Aruanda, imploro para vós a proteção das forças vivas da natureza, encarnadas nas sete vibrações originais. Que estas vibrações vigiem perpetuamente pela vossa felicidade e pela dos filhos com que Iemanjá, símbolo do princípio procriador, tiver de abençoar da vossa União.

Lembrai-vos do que dizem os sagrados ensinamentos: "Não é bom que o homem esteja só". Assim, unidos por um laço que deveis considerar inquebrantável perante as leis de Zâmbi e dos homens, deveis um ao outro: Fidelidade, amparo, respeito, proteção e amor".

Julgando oportuno e conveniente, o Chefe de terreiro poderá fazer uma locução alusiva à cerimônia, uma oração em favor dos nubentes ou a leitura de um trecho da Bíblia sobre o casamento, porém, de pouca duração.

Em seguida diz:

"Irmãos, dada a pureza deste ato, convido-os a repetirem comigo" (nisso os noivos esticam as mãos que seguram os pombos brancos e repetem com o dirigente):

"Eu, F... e F... recebo de ti, por minha legitima companhia, para ter-te e conservar-te de hoje em diante na felicidade *ou* na desventura, na riqueza ou na pobreza, enfermidade ou com saúde, de acordo com a divina vontade de Zâmbi — para isso, diante de todos, empenho a minha honra".

Os noivos ficam de frente, abrem as asas dos pombos, unem seus bicos, levantam-nos acima de suas cabeças por duas vezes. Na terceira vez eles são soltos.

O celebrante, a seguir, toma das alianças e diz:

"Que o vosso amor seja puro como o ouro que estas alianças contêm e intérmino como o círculo que elas representam".

O dirigente entrega a aliança da noiva ao noivo para que este a coloque no dedo anular da mão esquerda da noiva, repetindo com o dirigente:

"Com este anel, em nome de Zâmbi, Oxalá e de Ifá, selo minha união contigo, enquanto vida tiver.

O chefe oficiante entrega a aliança do noivo à noiva e são repetidas as mesmas expressões:

"Com este anel, em nome de Zâmbi, de Oxalá e Ifá, selo minha união contigo, enquanto vida tiver.

Nessa altura, os noivos se ajoelham e o dirigente, tendo como fundo musical a Ave-Maria, fala:

ORAÇÃO

"Eterno Zâmbi, criador e conservador de todo o gênero humano, doador de toda a graça espiritual e autor da vida eterna, derrama a tua bênção sobre teus servos, que abençoamos em teu nome, a fim de que possam cumprir fielmente e guardar constantes os votos e promessas que acabam de fazer um ao outro e,

permanecendo em perfeito amor e paz, sempre segundo os teus santos mandamentos, mediante Oxalá, nosso Senhor. Assim seja".

O dirigente oficiante junta as mãos dos nubentes e prossegue:

"Visto que F ..... e F ..... consentiram ambos no santo matrimônio e o testificaram na presença de Zâmbi, das entidades e destas testemunhas e para este fim deram e empenharam a fé e palavra, um ao outro, pela união das mãos, eu os declaro, MARIDO e MULHER, casados, em nome de Zâmbi, Oxalá e Ifá. Assim seja.

Estando os noivos ainda ajoelhados, ora:

"Pai Nosso que estás nos céus, nos mares, nas matas e em todos os mundos habitados; santificado seja o teu nome, pelos teus filhos, pela Natureza, pelas águas, pela luz e pelo ar que respiramos.

Que o teu Reino, Reino do Bem, do Amor e da Fraternidade, nos una a todos e a tudo que criaste, em torno da sagrada cruz, aos pés do divino Salvador e Redentor. Dá-nos hoje e sempre a vontade firme para sermos virtuosos e úteis aos nossos semelhantes. Dá-nos hoje o pão do corpo, o fruto das matas e a água das fontes para nosso sustento material e espiritual.

Perdoa, se merecemos, as nossas falhas e dá-nos o sublime sentimento do perdão para os que nos ofendam. Não nos deixes sucumbir ante a luta, dissabores, ingratidões, tentações dos maus espíritos e ilusões pecaminosas da matéria.

Envia, Pai, um raio da tua divina complacência, luz e misericórdia para os teus filhos, pecadores que aqui labutam pelo Bem da Humanidade. Assim Seja. SARAVÁ UMBANDA!"

Para finalizar, o celebrante eleva as mãos sobre a cabeça dos noivos e pede:

"Zâmbi, Oxalá e Ifá vos abençoe, conserve e guarde e o Senhor ponha favoravelmente os olhos sobre o vosso lar; estreite os vossos corações e de tal modo vos encha de graça e bênçãos espirituais que, vivendo unidos no Senhor, haja paz no vosso lar, neste Mundo e, no outro, possais participar da bem-aventurança eterna em Oxalá, nosso Senhor e Mestre. Assim seja.

Meu Pai, abençoai esta união, fazendo com que o compromisso hoje assumido aqui na Terra, seja registrado no mundo astral, unindo através do matrimônio os irmãos F ..... e F ..... que são paraninfados neste ato pelos irmãos F ... (nome dos padrinhos) e F ...

A este casal, que com a sua proteção e permissão, oh! Bondoso Pai, é abençoado pelo matrimônio, às entidades F ... (di-

zer o nome dos guias escolhidos), rogo-lhes que protejam e amparem seus afilhados, para que sempre amem a Zâmbi sobre todas as coisas e ao próximo como a eles mesmos.

Pai que permitiu fosse eu o instrumento de vossa vontade para transmitir a estes irmãos os fluidos divinos, vindos de vosso Reino e trazendo as forças que representam as legiões hierárquicas da Umbanda.

Em nome do Supremo Pai, do divino Uno e de todas as entidades espirituais da Umbanda, eu vos abençôo e declaro confirmada a vossa união matrimonial.

A PAZ ESTEJA COM TODOS! ASSIM SEJA.

—oOo—

ENCOMENDAÇÃO DE MORTOS

O Babalaô, oficiante, devidamente uniformizado determina ao seu auxiliar ou cambono, que seja defumado o recinto e a seguir risca junto de sí o ponto de seu Pai de Cabeça (isto quando no interior de uma tenda).

Colhe de uma bandeja, folhas verdes, miúdas e pétalas de flores que asperge no caixão do morto e diz:

"Vamos praticar o ato. de encomendação, em nome da lei de Umbanda. É do nosso destino nascer, viver e morrer.

O nosso irmão F ....., nos precedeu no caminho que teremos de percorrer rumo ao Infinito, para o seio de Zâmbi. Que todas as forças da Natureza, lhe sejam propícias, acolhedoras e amoráveis, no seu trânsito nos planos subjetivos. Nós suplicamos a todos os poderes do Universo, que facilitem o seu progresso espiritual.

Que o pensamento bom de todas as almas que dele se fizeram amigos, se voltem como um escudo de proteção. Que todas as forças da Umbanda, nossos guias espirituais e protetores, o amparem e dirijam-no para o bem.

CREDO UMBANDISTA

Creio em tí, Pai. Creio e enxergo toda esta Natureza de que Vós sois o construtor e que em cada átomo vibra a tua existência.

Além, na existência de vossos mensageiros que vêm transmitir os ensinamentos precisos e nos ensinam onde poderemos encontrar o vosso templo dentro da própria existência. Creio nos meus protetores F ..... que os mesmos serão pastores do

vosso rebanho, buscando sempre o melhor meio de levar-nos à vossa morada e bem empregando os nossos irmãos, os conselhos recebidos. Creio nas vossas santas leis que regem todos os mundos. Assim seja.

ORAÇÃO

Pai de infinita bondade e amor, dignai-vos ouvir a prece que vos dirigimos por este irmão que acabou de desprender-se da matéria e permití que ele possa entrever as vossas divinas luzes, que lhe aclarem o caminho da eterna felicidade.

Consentí, Zâmbi, nosso Deus e Senhor, que os vossos bons espíritos, se por qualquer circunstância ele não possa ouvir, lhe levem as nossas palavras, pela transmissão de nosso pensamento.

Ouví as súplicas que vos dirigimos pela felicidade deste irmão, como prova de nossa afeição, pedindo que o auxilieis a compreender que apesar de haver deixado o corpo mortal, vive ainda a vida espiritual, que é a verdadeira. Sabemos que esta separação será apenas momentânea, porque, por mais longa que nos possa parecer, sua duração se obliterará ante a eternidade das venturas reservadas pelo Pai aos que se arrependem e se corrigem.

Permití, Zâmbi, em sua bondade, que os bons espíritos o preservem de cometer qualquer ato contra as divinas leis.

Como é doce e consoladora a certeza de que, apesar do véu material que te oculta às nossas vistas, podes estar aqui ao nosso lado, ver-nos e ouvir-nos como outrora, pois estamos certos de que não nos esquecerás, como de ti procuraremos sempre nos lembrar e assim nossos pensamentos não deixarão de se confundir para o nosso mútuo adiantamento. A PAZ DE ZÂMBI SEJA ETERNAMENTE CONTIGO, MEU IRMÃO.

PAI NOSSO

Pai Nosso que estás nos céus, nos mares, nas matas e em todos os mundos habitados. Santificado seja o Teu Nome, pelos teus filhos, pela Natureza, pelas águas, pela luz e pelo ar que respiramos.

Que o Teu Reino, reino do Bem, do Amor e da Fraternidade, nos una a todos e a tudo que criaste, em torno da sagrada Cruz, aos pés do Divino Salvador e Redentor. Que a Tua vontade nos conduza sempre para o culto do Amor e da Caridade. Dá-nos hoje e sempre a vontade firme para sermos virtuosos e

úteis aos nossos semelhantes. Dá-nos hoje o pão do corpo, o fruto das matas e a água das fontes para o nosso sustento material e espiritual. Perdoa, se merecermos, as nossas faltas e dá o sublime sentimento do perdão para os que nos ofendam. Não nos deixes sucumbir ante a luta, dissabores, ingratidões, tentações dos maus espíritos e ilusões pecaminosas da matéria. Envia, Pai, um raio da tua divina complacência, luz e misericórdia para os teus filhos pecadores que aqui labutam pelo Bem da Humanidade. Assim seja. Saravá a Umbanda!"

O Babalaô asperge folhas e flores no caixão do morto e diz para finalizar:

"Nosso grande Pai Oxalá e nossa Mãe Iemanjá te recebam em Paz.

—oOo—

OS PASSES

Passe é a transmissão de fluidos de uma pessoa para outra e do guia para pessoa doente ou carregada de maus fluidos. Quando empregado em uma sessão espírita ou no terreiro de Umbanda, nos chamados passes espirituais, geralmente provém ou emanam de um guia, protetor ou orixá, através do médium ou "cavalo" em benefício de quem o toma: doentes físicos, perturbados, obsediados ou carregados de maus fluidos. Pode ser de limpeza, descarga, reposição de magnetismo, curas, etc. Aplicado pelos guias é denominado Espiritual. Por qualquer pessoa, magnético. O passe de limpeza, como o próprio nome diz, é emitido para limpar o doente de resíduos fluídicos deteriorados que se acumularam em sua aura. O de descarga é quase semelhante ao de limpeza, com leves diferenças em sua utilização, inclusive por ser aplicado estando o paciente de pé. O magnético é a doação de fluidos vitalizantes do operador ao doente, sendo que qualquer pessoa, desde que reuna condições para isso, pode usá-lo, não necessitando ser emitido pelos guias. Já o passe espiritual é a manipulação de fluidos sempre partindo do espírito desencarnado para o carente, através do médium passista.

Os passes de limpeza, descarga e magnético, como dissemos, podem ser aplicados por qualquer um, desde, é óbvio, que conheça os métodos de os transmitir. Não necessitam, ou melhor, dispensam a presença dos orixás ou guias, embora, na maioria dos casos, dada a pureza de sentimentos do aplicador, eles se façam presentes. É tão somente a emissão de corrente magnética da pessoa que aplica à pessoa que recebe. É tão eficaz quanto o espiritual. Os espirituais são doados pelos espíritos desencarnados,

frizamos, que utilizam o médium para, por intermédio dele, injetar no corpo astral do doente, os fluidos renovadores que o farão sentir-se melhor.

O passe é de grande eficácia e excelente auxiliar nos casos de doenças físicas ou perturbações psíquicas e mentais de doentes portadores de obsessão. Forma com a prece uma dupla ação poderosa sobre os efeitos mórbidos decorrentes de cargas obsessoras. Através dele pode-se anular a ação de espíritos perseguidores que se ligaram à mente do irmão obsediado e, mesmo em casos de doenças comuns, é de grande efeito e utilidade. Logicamente não será com um passe apenas, que se cortará efetivamente a ligação com o obsessor, curá-lo de enfermidades comuns, nem limpar completamente a aura do doente. Serão necessários, no mínimo, sete ou oito sessões com certa regularidade para conseguir-se um resultado satisfatório ou positivo.

DEFUMAÇÕES

A queima de ervas odorantes é um recurso usado para afastar fluidos perturbadores de lugares e de pessoas, muito usado não só na Umbanda, como em quase todas as religiões. Há quem o use após o banho de descarga, para defumar a casa, pessoas, e é obrigatório no início dos trabalhos de terreiros, templos, igrejas e quaisquer rituais, em que se queira limpar a aura de um filho de fé ou o astral do ambiente religioso, purificando-o para receber eflúvios benfeitores e o concurso de forças magnéticas, fluidos balsâmicos e mesmo a presença de espíritos protetores.

Faz parte do ritual místico, principalmente dos trabalhos ritualísticos afro-brasileiros, pois higieniza o local e as pessoas, afastando fluidos deletérios, miasmas e germes astrais provenientes de pensamentos e idéias pessimistas que ocasionam mal-estar, nervosismo, má sorte e predispondo a mente para a concentração de alta religiosidade, além de servir como bálsamo suavizante do psiquismo humano.

Para defumação, usa-se em geral plantas e ervas específicas, as quais possuem a propriedade de emitir vibrações boas, pois o energismo acumulado pelas plantas durante o longo tempo de crescimento, no qual recebem magnetismo lunar, solar, astral e terreno, fluidos vitais, éter físico e outras forças energéticas não percebidas pelos sentidos, é liberado quando da queima, interpenetrando a aura pessoal ou ambiental, para onde é dirigida a fumaça, afastando vibrações contrárias.

As mais recomendáveis para defumações são: alecrim, arruda, bejoim, alfazema, guiné, sândalo, incenso e mirra, podendo

ser apenas uma, três, cinco ou sete delas, por suas qualidades espirituais. Assim, o incenso, o sândalo e a mirra oferecem excelen condições para uma devoção religiosa. A arruda e o alecrim são captadores e condensadores de maus fluidos, sendo após transformados, junto com o guiné em bons e dispersados pelo espaço.

Não se deve usar defumações para espantar maus espíritos, conquanto algumas ervas e plantas se prestem a esse míster, pois os espíritos maléficos, embora afastados momentaneamente do local, aguardam a ocasião de desforra e ao menor descuido do irmão de fé, vingam-se, impondo uma série de conseqüências desagradáveis ao imprudente. Usa-se apenas para limpar o corpo e a casa contra radiações e emanações desfavoráveis provindas de cérebros doentios ou locais lúgubres e contaminados por baixas vibrações magnéticas.

O CHARUTO

Geralmente, quando o caboclo baixa no terreiro, dão-lhe um charuto para fumar. Vale a pena notar, que ele verdadeiramente não "fuma" esse charuto, isto é, não aspira, não traga a fumaça, levando-a até os pulmões. Apenas suga a fumaça, enchendo a boca e a expele a seguir sobre o consulente ou no ar. Para que serve então?

O charuto, sendo folha de fumo, um vegetal contendo energia etérica concentrada, possui uma força utilizada como descarga de fluidos maus acumulados na aura do filho de fé ou consulente. Assemelha-se a um banho de descarga aérea e, assim queimado pelos caboclos, que lhe imprimem suas radiações salutares, serve como uma defumação individual, limpando o astral do recinto ou a aura impregnada de sujeira da pessoa a quem é dirigido. Do mesmo modo procede o preto-velho com seu cachimbo ou pito, como o denominam.

A AGUARDENTE

À primeira vista, parece haver inconveniência no uso da aguardente (marafo) nos trabalhos de terreiros. A inconveniência, aliás, não se relaciona a apenas ao uso da aguardente, mas ao excesso que se faz de tudo que é útil. O mal está no abuso, na mistificação, no uso indevido com que utilizamos as coisas sérias. A pólvora, que brita a pedra destinada às construções, mata quando empregada em projéteis de arma de fogo; o átomo, que gera energia atômica para o Progresso, pode ser utilizado em bom-

bas para a destruição. Até o próprio álcool, fonte energética para movimentação de motores e máquinas, prostra o beberrão inveterado...

A bebida alcoólica tem emprego sério na Umbanda (malgrado alguns "paus-d'água" travestidos de médiuns se aproveitarem da situação para "encherem a cara"), porque, tomada aos goles, em pequenas doses, proporciona excitação do médium, liberando grande quantidade de força nervosa, acumulada como reserva nos plexos nervosos, a qual é aproveitada pelos guias para poderem trabalhar no plano material. Nenhum espírito consegue agir no mundo corpóreo, se lhe não oferecerem fluidos magnéticos volatilizados ou o ectoplasma — substância grosseira para eles, mas sutil para nós — que servem como "combustível" para interferirem em nosso ambiente físico. Outrossim, quando o médium ingere pequena dose de "marafo", suas idéias e pensamentos brotam em abundância e com maior intensidade no plano astral — eis que idéia e pensamento é essência imaterial, repercutindo numa dimensão mais elevada. Assim, a ação do álcool no organismo do médium é impelir fluidos nervosos dos plexos para seu cérebro, ampliando-lhe a disposição fisiológica magnética e oferecendo ao guia uma mente bastante vibratória.

Isso não quer dizer seja o álcool necessário, indispensável nos trabalhos. Há povos que não bebem: as crianças, as sereias de Iemanjá, os caboclos de Oxalá, os de Ogum, do Oriente, etc. Entretanto, há falanges que não dispensam um trago: Pretos-Velhos, Exus, caboclos de Oxossi, baianos, boiadeiros, etc.

O dirigente de sessão pode, no início, ou seja, logo que abrir e registrar o terreiro, condicionar os guias e protetores que lá irão trabalhar, a não beberem. Os espíritos baixam, trabalham e não pedem marafo. Porém, se acostumar a dar-lhes de beber, eles, logicamente, sentirão falta da bebida.

O uso da aguardente depende muito do chefe do terreiro. Se as falanges com que trabalha requerem o marafo, é de bom senso que se lhes dê. Porém, nunca em excesso. É só um gole para cada um. O coité cheio deve bastar para dez ou mais. Devemos nos conscientizar que tenda de Umbanda não é boteco. Se houver abuso por parte de algum médium mistificador ou pensa estar incorporado, deve ele ser afastado imediatamente das engiras, antes que ridicularize os trabalhos sérios e honestos, em prejuízo de nosso conceito.

BANHOS

É muito comum os filhos de fé tomarem banhos de descarga e de defesa, receitados pelos pais-de-santo. Esses banhos devem ser preparados utilizando-se 1, 3, 5, 7 ou 9 ervas, plantas ou flores. Há banhos como os de descargas e limpeza, em que entram o sal grosso, fumo ou aguardente. As ervas e os ingredientes devem ser feitos em infusão com água fervente, mas não devem ser fervidas. São postas em recipiente, sobre os quais se derrama água fervente, deixando-os em infusão no recipiente tampado. Após algum tempo coa-se-lhes as ervas e quando estiver morno, derrama-se sobre o corpo, do pescoço para baixo, sem banhar a cabeça, aparando a água em uma bacia ou deixando-a escorrer diretamente para o ralo. Se cair em bacia, deverá depois ser jogada na água corrente: rio, ribeirão, córrego, etc.

Não se deve molhar a cabeça, porque muitas ervas se prestam para facilitar o desenvolvimento da mediunidade, "abrindo" a mente, por onde se ligam os espíritos, — como acontece com as que compõem o amaci, espécie de banho usado especialmente para lavagem de cabeça — razão por que não é aconselhável o banho de corpo inteiro, incluindo a cabeça.

PÓLVORA

O uso da pólvora (fundanga, tuia, como é conhecida nos meios umbandistas) se justifica, porque a pólvora ao ser queimada ou mesmo explodida nos trabalhos de limpeza, descarrego, etc., provoca deslocamento de ar com repercussão no plano astral, limpando a aura do filho de miasmas, vibrações negativas, bacilos psíquicos, cargas maléficas provenientes de elementais, larvas astrais, substâncias deletérias que se tenham grudado na aura do doente, criando um cascão invisível, porém nocivo ao recebimento de energias cósmicas salutares que ficam impedidas de penetrar no corpo físico através dos chacras. (Centros de força no corpo Astral).

OFERENDAS E DESPACHOS

Na Umbanda é muito comum oferecer alguma coisa às entidades que nos são simpáticas, invocando sua proteção ou solicitando uma graça, que pode ser a cura de doenças, a solução de problemas físicos e espirituais, a conquista de algo que nos seja

benéfico, enfim, oferece-se um presente para agradar os guias, pedindo em troca um favor ou então, dá-se algo em agradecimento por uma graça obtida. Cada guia, protetor ou mensageiro do orixá, tem locais certo para receber a oferenda. Pode ser na mata, cachoeira, beira-mar, beira de rio, pedreira, descampado, cruzeiro, etc.

Já o despacho, outro tipo de oferenda, consiste no pagamento antecipado ou não, de uma espécie de determinação que o espírito impõe ou é oferta, cujas "moambas" o devoto despacha para conseguir livrar-se de uma obsessão, um trabalho maléfico, uma situação péssima ou então para prejudicar um seu semelhante. Geralmente é arriado em encruzilhadas, matas, cemitérios, igrejas.

Há também as "obrigações". Estas são ofertas periódicas que o filho de fé dá, por tradição ou dever, aos seus guias e protetores que o acompanham, para que estes o protejam em suas atividades, livrem-no de perseguições de inimigos, ajudem-no na tarefa mediúnica e o amparem nos momentos difíceis e angustiantes da vida. São também colocadas em matas, rios, cachoeiras, pedreiras, igrejas, cemitérios, encruzilhadas e numa infinidade de outros lugares, cujo ambiente seja o da vibração correspondente à do mensageiro do orixá.

Os objetos e materiais integrantes de uma oferta são os mais variados possíveis: flores, bebidas, charutos, copos, comidas, colares, cigarros, jóias, perfumes, fitas coloridas, velas, pratos, alguidares, panos, fósforos e milhares de outros. No passado, havia um tipo de despacho que levava dinheiro, geralmente moedas. A finalidade do dinheiro era a de provocar a ambição de algum incauto que, atraído pela importância, pegava-o, adquirindo o mal da pessoa que havia feito o despacho. Era uma espécie de transferência de mal que passava para outra pessoa, através das moedas. Hoje, pela desvalorização do dinheiro, principalmente das moedas, já não se usa essa artimanha.

Quanto à eficácia do despacho para fazer o mal, depende da habilidade e conhecimento do babalaô. Pode ter eficiência, inclusive ser perigoso uma pessoa estranha tocar nele, como, pela ignorância de quem o faz, não causar nenhum efeito. É nulo, ineficiente e nenhuma força possui, podendo até ser limpado, sem que cause algum mal. Mas é preferível não mexer em qualquer despacho que se encontra, por que não se sabe se quem o deitou entende da mironga. Vejam um caso curioso.

Certa feita, ao visitar uma babá que atendia em sua casa, incorporando uma preta-velha, chegou para consultá-la um senhor que portava uma ferida ulcerosa em uma das pernas, a qual vertia pús fétido e inchava o membro, causando-lhe dores horríveis

e impedindo-o de andar. Curioso e penalizado da situação do infeliz, permaneci no local, a fim de saber o que lhe acontecera e torcendo para que o guia acertasse com sua cura.

Disse o homem já haver consultado vários médicos e até estivera em tratamento no Hospital das Clínicas. Apesar de ter sido submetido a vários exames, todos foram negativos. Já usara todo tipo de pomada e tomara dezenas de remédios, sem resultados. A princípio, a ferida parecia querer fechar-se, para, logo depois, voltar mais violenta.

A preta-velha incorparada ficou pensativa. Balançou a cabeça, olhando seriamente a ferida e afinal falou:

— U fio vai ficá bom, mais nunca vai querê fazê o que feiz.

O homem olhou-a interrogativamente, sem compreender o que ela falou.

— Fia! — chamou a preta-velha, dirigindo-se a uma mocinha que servia de cambone — pega naco de fumo, traiz marafa, sar grosso, um gáio de pimenta brava e argudão.

Dirigindo-se ao doente:

— U fio chutô um despacho que tava arriado na encruziada e o exú se zangô. Afiná u qui é qui u fio tinha a vê com a coisa?

O homem ficou pensativo, procurando lembrar-se de realmente haver mexido em algum despacho em encruzilhada. A mocinha trouxe o que se pediu. A preta-velha pegou o galho de pimenteira brava, benzeu a ferida, passou depois aguardente misturada ao fumo e ao sal grosso, com o algodão, limpando o lugar infeccionado. Enquanto ela fazia o curativo, o doente urrava de dor, mas logo aquietou-se. A preta-velha assoprava a ferida, dando baforadas com o seu cachimbo. O homem então se recordou que, há tempos atrás, descrente e zombador como era, havia, efetivamente, chutado um despacho feito a um canto de uma encruzilhada, rindo para fazer graça aos amigos. No dia seguinte, no local onde estava a ferida, apareceu uma pequena infecção que coçava. Com o tempo foi crescendo e se transformou na úlcera brava que o estava atormentando. Já havia sofrido demais por um ato impensado.

Acompanhei o caso e verifiquei que dois meses depois a ferida cicatrizara e em seu lugar ficara apenas a marca. O homem ficou completamente curado.

Agora vejam os leitores a gravidade do caso. Um deita despacho em via pública onde passam pessoas desprevenidas; o outro zomba daquilo que não conhece ou não entende ... Por isso não se deve deitar oferendas ou despachos em cruzamentos de ruas ou caminhos. Há encruzilhadas longe da cidade para esse tipo de trabalho; nem se deve zombar de coisa que a gente não entende ...

SIMULTANEIDADE

Um fato curioso que fez nascer dúvida em muito médium ou mesmo em freqüentador de sessões é o relativo à pergunta que foi formulada certa vez por um candidato que se desenvolvia. Disse ele: "Fui a um centro de terreiro e na sessão baixou o Caboclo Pena Branca. Ora, eu soube que, ao mesmo tempo, em centenas de outros terreiros, baixou também o Caboclo Pena Branca. Como pode estar ele simultaneamente em dois lugares. Ele se desdobra ou há mistificação? Havendo falsificação, em qual deles estaria realmente o cacique? Não entendo . . .

Percebe-se a racionalidade da dúvida e que confunde muita gente. Porém a explicação é simples: Em todos eles, salvo se houver médium fingindo, está o caboclo Pena Branca, pois baixam na mesma hora, em diversos médiuns, auxiliares que integram a sua falange ou legião, representando-o perante os irmãos de fé. Esses ajudantes, que vêm em seu nome, mantém estreita ligação com o chefe representado e agem em seu lugar, com a mesma eficiência e conhecimento, como se fora verdadeiramente o Caboclo Pena Branca. Citamos, para melhor compreensão, dois exemplos: Suponhamos que um agente do Prefeito esteja fiscalizando um estabelecimento comercial. Pois bem. Para o comerciante, quem ali está é uma pessoa que representa o Prefeito. Ao mesmo tempo, pode haver centenas de fiscais examinando os livros contábeis de outras firmas e todos em nome do Prefeito. Não é ele pessoalmente, mas centenas de auxiliares em seu nome. Vejamos outro: Imaginemos o Governador do Estado — ou mesmo o presidente da República — sendo convidado para assistir *a* diversos atos cívicos ou a cerimônias em vários lugares, em igual horário. Como não pode estar em todos, simultaneamente, como age ele? Naturalmente, indicando auxiliares capacitados a representá-lo em cada solenidade, pessoas essas que comparecerão em seu nome.

Tal se dá com as incorporações dos guias mais populares. A Pomba Gira, por exemplo, é uma entidade que baixa em milhares de "burros" no mesmo instante. Mas não é a mesma. São várias entidades utilizando o seu nome.

Aliás, com respeito à Pomba Gira, há uma infinidade delas atuando cada uma com uma identidade a mais, para diferenciá-las entre si. Assim, existe a Pomba Gira Rainha, das Cachoeiras, Dama da Noite, Maria Padilha, Maria Molambo, Sedutora, da Praia, etc.

CORRENTE MAGNÉTICA

Muita gente ainda não sabe por que não se deve cruzar os braços, mãos ou pernas, quando se assiste a uma sessão de Umbanda e mesmo de mesa branca. Para quem desconhece, tal gesto parece descabido, supersticioso ou mesmo estranho.

Pois bem. Não o é. Em redor do corpo humano, ou melhor, de todo ser vivo, existem correntes de energia circulando, uma em sentido contrário à outra; enquanto uma sobe, a outra desce, sem, contudo, se tocarem. Tal se dá por conter o organismo eletricidade magnética, assemelhando-se a um imã com seus respectivos polos positivo e negativo. O lado esquerdo é negativo e o direito, positivo. Como constitui um corpo magnetizado, possui linhas de forças girando em torno dele.

Ao cruzarmos braços ou pernas, misturamos a trajetória desses fluidos e conseqüentemente as linhas se chocam, resultando desequilíbrio no fluxo magnético, com dispersão da energia vibratória astral que se está recebendo e que corre da pessoa a pessoa, num intercâmbio de forças fluídicas, cuja emissão parte dos guias presentes à reunião, cortando a corrente formada entre os presentes.

Semelhante ação ocorre no plano físico, quando cruzamos ou abreviamos o circuito da corrente elétrica. Se encostamos os dois fios de luz, haverá o curto circuito, com prejuízo para algum aparelho elétrico ou para o fuzível que, nesse caso, queimando-se, corta o fluxo eletrônico.

Como vemos, tudo obedece a leis lógicas e naturais, tanto no plano material, como no astral e, na Umbanda, como não poderia deixar de ser, essas leis são cumpridas, o que imprime a seus trabalhos um caráter espírito-científico.

PONTOS UMBANDISTAS

Ponto, na Umbanda, significa pequenas orações musicadas ou símbolos riscados com um giz denominado "pemba", representando sinais cabalísticos vibratórios. Quando cantado, o ponto tem várias significações e tem o nome de "ponto cantado"; quando desenhado, denomina-se "ponto Riscado". Para falarmos sobre eles, vamos trazer depoimentos de vários órgãos, que servirão para elucidar a matéria:

PONTOS CANTADOS: De uma revista, cuja edição não passou do número um, denominada: "Exu, O Mensageiro", extraimos: "Todas as religiões do mundo têm no canto uma forma de invocação, e a maioria une a dança aos cantos. Dizem alguns

especialistas que o homem cantou antes de falar. As primeiras emissões de som seriam em forma de rústico solfejo, como se pode observar nas crianças.

O ponto cantado nos cultos de terreiros tem a mesma origem dos cânticos hebreus, dos hinos cristãos, das lôas e ladainhas cantadas. Muitos desses pontos têm sido gravados em discos e fitas, trazem até nomes de compositores, elementos desonestos que não vacilam em lançar mão de obras alheias, a fim de conseguir dinheiro ou fama.

O ponto cantado tem várias finalidades, apresentando-se como: "Ponto de louvação", canção que pode ser inventada por quaisquer pessoas, com o intuito de louvar as entidades (guias, orixás, protetores, etc.).

O ponto de demanda pode ser criação de um ogã de Curimba ou ditado por uma entidade e é usado em trabalhos de magia, para desmanchar "malfeitos".

O ponto de sotaque ou indireta, é um desafio atirado a algum elemento presente, quer entre a assistência, quer no próprio corpo de médiuns e, geralmente, é cantado pela própria entidade presente no terreiro.

Porém, o ponto de chamada será sempre um ponto ou curimba, cantada pela própria entidade e é a senha dessa mesma entidade, que deve ser cantada só e quando se deseja a presença dela nos trabalhos. Na sua grande maioria é cantado nas línguas ou dialetos da tribo ou nação da qual a entidade se diz originária. "Se diz" porque, acredita-se, que a forma sob a qual o guia se apresenta é simples ideoplastia para maior e melhor aceitação pelos adeptos que, naturalmente, sentir-se-ão mais à vontade, conversando com "gente simples" como os caboclos e pretos-velhos. Os pontos de chamada não podem nem devem ser inventados por quem quer que seja, visto serem pessoais, particulares a cada entidade. Por vezes são aparentemente intraduzíveis, salvo por quem conheça bem os diversos dialetos afros e ameríndios que formam a língua esotérica dos cultos de terreiro e, muitas vezes, a "língua de santo".

Como vimos, o ponto cantado tem inúmeras utilidades. Há também o ponto de subida ou de despedida, com o qual o guia ou protetor se despede dos trabalhos daquele dia ou é cantado para avisá-lo de que chegou a hora de subir. O ponto pode ser acompanhado de atabaques, de palmas, ou simplesmente entoado. Nunca os atabaques devem soar mais alto que o cântico, abafando-o. Há também os pontos de abertura e encerramento dos trabalhos, cantados no início e no fechamento da engira, os de defumação, os de coroação, etc.

PONTOS RISCADOS: Sobre estes, vamos buscar o que diz o CONDU, Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda, em suas "Noções Elementares": "O PONTO RISCADO possui grande significação e valor mágico. O iniciante encara o Ponto no seu aspecto mais simplista e o entende como forma de apresentação da Entidade: é o cartão de visita, ou brasão ou selo identificador. O adepto com mais vivência no culto reconhece no Ponto Riscado maiores significações, das quais as mais importantes são: é o sinal identificador, constitui um instrumento de trabalho da entidade e representa um centro de segurança para o bom andamento dos trabalhos que se realizam no templo. O estudioso vai bem mais além, em busca das significações, encontrando resposta das próprias Entidades, as quais não contradizem os aspectos acima explicados, mas lhes acrescentam outros, tais como o de ser o Ponto uma espécie de campo de forças, as quais podem ser manejadas através da magia da pemba, e induzem ao estudo dos pontos pois que, neles, se encontra impressa, em símbolos, a origem da entidade e suas vinculações com as faixas vibratórias que lhe são afins.

Na realidade, o Ponto Riscado tem todas as características de um emblema, segundo a definição que lhe conhecemos e de acordo com o significado esóterico e ocultista.

Em um emblema, condensam-se vários símbolos, dispostos segundo uma ordenação; cada símbolo expressa uma idéia. Os símbolos encerram a potência da palavra inexpressada, concentram a força do som e do ritmo e se vinculam com os Poderes Elementares. Nos ensinamentos da ciência oculta, afirma-se que determinadas vibrações produzidas pelo som ritmado, ou pela imagem mental voluntariamente criada, despertam os Poderes correspondentes. "A união com esses poderes produz resultados bons ou maus, conforme o caso" (H. P. Blavatsky. "A Doutrina Secreta").

Para explicar um Ponto Riscado devemos seguir algumas regras:

a) decompor a figura em seus elementos e buscar o significado desses elementos, que são símbolos representativos de idéias e conceitos;

b) analisar a situação de cada símbolo em relação com os demais; verificar sua orientação;

c) buscar conhecer pormenores do nível de trabalho da entidade — inclinações para determinada faixa vibratória, conhecimentos revelados, tendência para numerologia, astrologia, magia das cores, etc.

Como vemos, é primordial saber o significado geral dos símbolos, pelo menos dos usuais. Por exemplo:

— Uma flecha, com haste reta, é símbolo de força vital; relaciona-se mais particularmente com as forças da natureza vegetal; em sentido ascendente, significa busca de forças; em sentido descendente, está trazendo energia; ou também: ascendente, aponta para o plano espiritual; descendente, para a matéria. Orientada para um ponto cardeal, significa uma associação com a Força Elementar correspondente".

SIGNIFICAÇÃO PRINCIPAL DOS PONTOS

A significação principal ou básica dos pontos riscados são:

Ondas do Mar. Representa Iemanjá ou o povo do Mar.

Sol. Representa a força criativa.

A cruz. Símbolo da fé cristã.

Âncora. Significa a Esperança.

Coração. Símbolo de Oxalá. Representa a Caridade.

Flecha. Símbolo da linha de Oxossi. Representa a vibração dos caboclos.

Raio. Símbolo de Iansã. Representa as forças elementais da Natureza.

Tridente. Símbolo dos Exús. Trabalhos de Magia.

Espada. Representa a vibração de Ogum.

Estrela. Simboliza o povo do Oriente e a alta magia.

Lança, cachimbo e bastão. Representação dos pretos-velhos.

Círculo evolutivo. Símbolo de amarração.

Quarto crescente lunar. A força ou vibração magnética da lua.

Saturno. A vibração desse astro ou dos astros.

Círculo esotérico. Esoterismo.

Sígno de Salomão. Esoterismo, sabedoria, alta magia.

Bandeira da Fé.

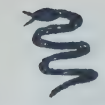
Corrente. União ou influência africana dos escravos.

Triângulo esotérico.

Retângulo com 4 triângulos. Símbolo cabalístico.

Estrela Guia. Rumo, Direção Divina.

Machado de dois gumes. Povo das matas trabalhando na vibração da linha de Xangô.



Cobra. Símbolo da cura.

Cometa. Estrela guia ou símbolo do povo do Oriente.

Arco. Símbolo de Oxossi e seus caboclos.

Aspiral ascendente. Evolução espiritual

Degraus da ascenção pela fé.

Balança. Símbolo de Xangô.

Bonequinho, coração ou desenho — símbolo das crianças.

Chave — símbolo de abertura de caminhos fechados.

COMO LER PONTOS RISCADOS

Suponhamos que o leitor vá ao terreiro e na engira de caboclos, por exemplo, o chefe da falange ou povo ali baixado risque com pemba, no chão, o seguinte ponto: dentro de um círculo, desenha um arco e uma flecha cruzados com uma espada. Qual o significado? Representa ser caboclo (arco e flecha) da linha de Oxossi, trabalhando cruzado na vibração de Ogum (espada). Como sabemos ser Ogum o orixá das demandas, deduzimos que o caboclo batalha em disputa espiritual, lutando contra obsessões, magia negra, perseguições de inimigos, ataques de espíritos malignos; em suma, combatendo o Mal, porém em duas vibrações, isto é, com duas armas. Se no ponto ainda constar um triângulo, signo de salomão, estrela ou outro símbolo de magia, a entidade cabocla utiliza também o poder mágico·astral. Vejamos outro ponto: deparamos, dentro de um círculo, duas espadas cruzadas, tendo por cima uma cruz. Identifica entidade

guerreira da linha de Ogum (espada), trabalhando para o Bem, basicamente aprimorada na fé cristã (cruz). Outro ponto: dois machados (ou uma balança), acompanhados de um triângulo. Símbolo do caboclo da linha de Xangô (machado ou balança), trabalhando contra qualquer injustiça, baseado na alta magia. Vamos a outro: cachimbo, corrente e degraus encimados por uma cruz. Significa que o preto-velho (cachimbo), em união a companheiros africanos escravos (corrente), ou mesmo sob a influência deles, procura subir os degraus da evolução espiritual através da fé. Neste último ponto, se no lugar dos degraus, houver um coração, sua evolução far-se-á através da caridade.

Uma vela acesa junto a uma cobra, representa o símbolo do Omulú trabalhando para o Bem, em serviços de doenças materiais ou mentais.

Um fato curioso, digno de registro: dificilmente o erê, ibeji, risca ponto. Já vimos. Entretanto, o erê que o riscou não soube dar explicações a respeito dos desenhos. Geralmente, quando o babalaô ou a babá desenha ponto a eles referente, é para invocarem as crianças, sintonizando a vibração na qual atuam.

Riscar pontos a esmo constitui perigoso expediente. Compara-se a um menino brincando com fogo, pois já avaliaram as conseqüências para o leigo, uma pessoa qualquer, riscando ponto de exú de cemitério em encruzilhada e vice-versa? Ou então traçá-lo dentro de casa, inadvertidamente, sem qualquer conhecimento do assunto? Deixem para as próprias entidades incorporadas o encargo de riscarem seus respectivos pontos.

O NÚMERO 7 NA UMBANDA

Apesar de o número 7 ser a conta do mentiroso, como se diz, esse algarismo é muito usado na Umbanda e Quimbanda. Inclusive os próprios nomes contém 7 letras: U-M-B-A-N-D-A e K-I-B-A-N-D-A (nomes originais). Na Umbanda, 7 são as linhas, 7 suas falanges, 7 as legiões, 7 as bandas, 7 os povos, etc. Também 7 são as linhas dos exus de lei. 7, outrossim, as linhas da Quimbanda (ou quiumbas). Além disso, os caboclos, os oguns, os exus e outros, quando trazem número em seus nomes, fazem-no com o 7: Caboclo 7 Encruzilhadas, 7 Montanhas, 7 Cachoeiras, Ogum 7 Ondas, 7 Espadas, 7 Pedreiras, Exu 7 Caveiras, 7 Chaves e uma infinidade de outros. Até Pomba-Gira diz ser mulher de 7 exus. Mas não é só isso: há trabalhos que levam 7 velas, 7 charutos, 7 garrafas de marafo e assim por diante.

O sete, aliás, não foi nem é privilégio exclusivo da Umbanda. Ele é o número místico por excelência, gozando de todos os

direitos entre os ocultistas, feiticeiros, magos e de quase todas as seitas religiosas do passado mais primitivo. Para os antigos constituia o símbolo da perfeição, do sagrado, do divino. No Gênesis da Bíblia, vêmo-lo nos dias da criação do mundo, com Deus abençoando o sétimo. Na antiguidade pagã, o 7 estava presente na quase totalidade dos sistemas religiosos. Todos os livros sagrados o contém. No Egito antigo, a múmia de um faraó era posta de frente para o leste a fim de que "visse" o sol nascer 7 vezes; 7 são os gênios persas, 7 os arcanjos judaico-cristãos, 7 os pilares do tabernáculo judeu. Os egípcios guardavam no berço do filho recém-nascido, 7 pedras de cores diferentes, pois esse número era para eles o símbolo da longevidade. Na Pérsia, o nome de uma criança era dado no sétimo dia de seu nascimento. Na Índia, o 7 também era sagrado, porque consideravam como sete os estados de consciência para chegar-se à perfeição, além de já considerarem como 7 os chacras (centros de força localizados no corpo astral). Para os indus, ainda, 7 vacas reunidas recebiam todas as bênçãos dos sacerdotes. Na Babilônia, 7 eram os edifícios sagrados. No Apocalipse, último livro do Novo Testamento, são abundantes as citações e previsões com o número sete. O Velho Testamento cita os 7 pilares da sabedoria e os judeus ainda hoje usam um importante objeto em seu culto: o Castiçal de 7 braços. Os chineses, ao tempo de Confúcio, só entravam num lugar sagrado, depois de sete gestos de respeitos aos deuses. Nenhum muçulmano pode entrar na Caaba, templo sagrado, sem antes dar 7 voltas em torno dela. Os japoneses, durante muitos anos, julgavam-se protegidos dos deuses, quando sete era o número de seus filhos.

Até hoje, no interior e sertão do Brasil, o número sete exerceu enorme influência no povo habitante daqueles locais. É certo que contribuiu nas lendas, tabus, preconceitos e superstições; mas influiu de maneira marcante. Por exemplo: A família que tiver sete filhos homens, o mais velho deve batizar o mais novo, sob pena deste último virar "Lobisomem"; Se por acaso, uma família tiver sete filhos, todas mulheres, a mais velha terá de batizar a caçula, porque, caso contrário, esta "virará" bruxa . . . Naturalmente, isso é tola superstição, mas notem a influência do número sete.

Sete eram as maravilhas do mundo; 7 os dias da semana, 7 os sons musicais, 7 as cores do Arco-Íris, 7 os sacramentos do catolicismo, 7 as virtudes, 7 os pecados mortais, 7 eram os sábios gregos, 7 os selos de João Evangelista, símbolo numérico do Apocalipse, 7 . . . bem para não ficar longo e cansativo, paremos por aqui.

O sete na Umbanda é considerado o número perfeito, místico e cabalístico. Significa a união dos três estados divinos com os quatro estados físicos ou materiais, pois 3 + 4 = 7. Os três estados da divindade são Pai, Filho e Espírito Santo, a famosa trindade do catolicismo, e os quatro estados da matéria são: ar, terra, fogo e água, representando a união do homem com a divindade (Deus). Além dessa representação, há uma outra mais espiritualizada, mostrando os sete estados ou estágios evolutivos que a alma tem de percorrer para chegar até o Pai Celestial: o mineral (fluido vital latente no átomo); o vegetal (estágio de sensibilidade inconsciente); o animal (ação instintiva precursora da consciência racional); hominal (prevalecendo a inteligência racional); o astral (espírito evoluido em sua mentalidade intuitiva); o angelical (estado de angelitude da alma); o divinal (já integrado na Mente Divina).

Portanto, o sete na Umbanda tem um significado bem mais espiritual que a simples representação de um número supersticioso e sem sentido.

CALENDÁRIO DAS FESTAS

Com pequenas diferenças, publicamos abaixo o calendário das festas celebradas na Umbanda durante o ano, em todo o Brasil:

Janeiro — dia 20 — consagrado aos caboclos da vibração de Oxossi.

Fevereiro — mês todo — homenagens aos exus por analogia ao Carnaval.

Março — mês livre por considerar-se perigoso devido à quaresma.

Abril — dia 23 — Dia de São Jorge, sincretizado com Ogum.

Maio — dia 13 — Festividades em louvor aos pretos-velhos; dia 29 — consagrado à Jurema.

Junho — 13 — Dia de Santo Antonio; 24 — São João Batista (Xangô Agodô) e Povo do Oriente; 29 — Dia de São Pedro (Xangô Aganjú).

Julho — 26 — Santana (Nanã Buroquê).

Agosto — 15 — N. S. da Glória (Mamãe Oxum), trabalhos em beira de rios, em São Paulo (no Rio de Janeiro, realizam-se homenagens a Iemanjá) — dia 16 — festividades em homenagem a Xapanã ou Abaluaiê (São Roque).

Setembro — 27 — Cosme e Damião (Iori, Ibeji ou erês) — festas das crianças — 29 — Dia de São Miguel Arcanjo (Pa-

trono angélico da Umbanda) e dia 30 — festa em louvor a Xangô Caô (São Jerônimo).

Outubro — dia 9 — Há quem festeje o dia da Criança com engira de erês, caso não o tenha feito em 27 de setembro.

Novembro — dia 2 — Finados (Omulú e Eguns) — dia 15 — Data Nacional de fundação da Umbanda — dia 22 — Engira de caboclos.

Dezembro — dia 4 — Louvores e trabalhos a Iansã (Santa Bárbara) — dia 8 — Festa de Iemanjá, nas praias paulistas, (no Rio de Janeiro, festividades a Mamãe Oxum) — dia 25 — Festas em homenagem a Oxalá (raramente são feitas) e dia 31 no Rio de Janeiro, passagem do ano, com oferendas nas praias à Iemanjá.

Além dessas, ainda há festividades em comemoração à fundação da tenda, em cerimônias internas, e solenidades externas por ocasião do aniversário das federações.

Um caso curioso: Iemanjá é cultuada na Bahia, no dia 2 de fevereiro, por sincretismo a N. S. dos Navegantes; no Rio de Janeiro, no dia 15 de agosto, por identificação a N. S. da Glória, bem como na passagem do ano; em São Paulo, no dia 8 de dezembro, por assimilá-la a N. S. da Conceição.

MACUMBA OU MAGIA NEGRA

De duas maneiras pode se dar um trabalho de magia negra ou macumba: a primeira é a perseguição tenaz que move o espírito trevoso (quiumba, ou exú como lhe chamam) sobre sua vítima, contratado pelo macumbeiro, a pedido de alguma pessoa que lhe paga por isso. Assemelha-se a uma obsessão, com a diferença que o trabalho feito se resume na contratação do espírito mau para arrasar a vida do infeliz marcado para sofrer. A troco de moambas, que lhe satisfaçam caprichos frívolos, dada a sua natureza ou condição ainda apegado às coisas materiais, interessado, indiferente à sorte do encarnado apontado, coloca-se a serviço do feiticeiro ou macumbeiro, porque sabe, tàmbém, que este último será seu escravo após a morte do corpo físico. Assim, persegue a vítima, ocasionando-lhe toda sorte de contrariedades, aborrecimentos e inconveniências, quebrando-lhe qualquer resistência que por ventura ainda possa oferecer.

Conhecedor das fraquezas, manias, tendências, inclinações, defeitos do perseguido, tenta-o, sugerindo-lhe justamente o contrário daquilo que deseja. Lenta, mas constantemente, vai guiando-o para seu objetivo. Sugere idéias erradas, modifica o seu caminho

certo, envolve-o em desavenças, fá-lo perder dinheiro, coloca pessoas de conduta duvidosa em suas atividades, inclina-o à bebida, enfim, ataca-o sorrateiramente, escondido nas sombras da invisibilidade, até produzir-lhe esgotamento nervoso, neurastenia, desânimo. Com o sistema nervoso abalado, perturbado e descontrolado emocionalmente, o paciente torna-se presa fácil, sendo conduzido ao trágico objetivo maldosamente proposto.

Às vezes, o espírito matreiro utiliza um outro companheiro ingênuo, que se presta a esse tipo de obsessão. De outras, usando a alquimia astral, firma um ponto radiativo em determinados locais, donde é projetada uma carga fluídica maléfica a bombardear seguidamente a aura do pobre coitado submetido a essa espécie de tortura espiritual. Na segunda, se o macumbeiro é exímio conhecedor da magia negra, ele mesmo firma o ponto, sem auxílio de comparsa do Além, utilizando objetos ou animais.

Mas, em todos os casos, a própria vítima é que se destrói. A Magia Negra apenas dá-lhe condições para que se destrua. Como? Explicamos: Todos temos instintivamente ou latente em nós, certas tendências perigosas. Uns, em ocasiões críticas, procuram fugir à realidade incômoda, ingerindo bebidas alcoólicas ou drogas, cujos efeitos são desastrosos e as conseqüências imprevisíveis; outros se inclinam ao suicídio, devido à fraqueza de ânimo e vontade; há quem se desmazele, perdendo o senso do ridículo, e mete-se em confusões, escândalos e situações vexatórias; alguns partem para a violência, brigam e cometem inconscientemente crimes absurdos, dos quais se arrependem tardiamente. Não é o espírito perseguidor ou os fluidos maléficos projetados quem coloca o copo contendo a bebida alcoólica em seus lábios nem quem lhe injeta a agulha hipodérmica com a droga em suas veias; também não é o algoz obsessor que o empurra de cima do viaduto, prédio, ponte ou aperta o gatilho da arma, nem põe em sua boca o copo do veneno, nos casos de suicídio; tampouco é o portador da faca ou revólver assassínio com que o sugestionado vai tirar a vida de um semelhante ou feri-lo, envolvendo-o nas malhas da Justiça. O carrasco espiritual somente provoca situações perigosas, induzindo o infeliz a praticar o ato extremo ou o gesto criminoso.

Se a vítima não possui inclinação para nenhum desses desfechos trágicos, entidade alguma o fará cometer desatinos ou crimes, porque, não alimentando no íntimo tendências inferiores, fraquezas, instinto mau, logicamente não estará propenso a esses defeitos. Não poderá emergir do fundo de um recipiente uma substância que o recipiente não tenha. Mesmo que o espírito trevoso lhe inspire certas atitudes estranhas de caráter pernicioso, seu subconsciente as repelirá, por não estar coerentes com os princípios virtuosos que acolhe. Pode lamentar, conformar-se, chorar, en-

tristecer, ou atirar-se à sarjeta, sofrendo; nunca, porém, dará aquilo que não possui. Entretanto, bem difícil alguém não ter uma fraqueza escondida, que não venha à superfície em ocasião oportuna, razão por que um "mal feito, bem feito" produz seus efeitos.

Contudo, para nossa sorte, poucos são os que entendem de Magia e a ela se dedicam em sentido maligno, porque, caso contrário, com tanta gente maldosa a praticá-la, metade da população mundial já teria perecido, estaria em péssimas condições de saúde ou apresentaria mutilações físicas.

—oOo—

II — COMENTÁRIOS

TERREIROS FRACOS E FORTES

Uma senhora chegou-se ao pai-de-santo da tenda onde começava a freqüentar e disse-lhe que fora aconselhada por outras pessoas a procurar outro terreiro, porque aquele era fraco, não resolveria seu caso. O babalaô, instruido e delicado, respondeu simplesmente: "A senhora pode procurá-lo, se julgar de seu interesse. Mas, por que pensa a senhora que o outro seja mais forte?". "Bem", explicou a mulher, "é porque lá os trabalhos são diferentes. Os atabaques soam mais fortes, os guias dançam mais bacana, é mais colorido; sei lá . . . enfim, é mais sugestivo e poderoso". O chefe do terreiro então advertiu-a: "Desconheço terreiros fracos ou fortes, a não ser comparando o honesto ao mistificador. Lembre-se de que a solução de seus problemas, em grande parte, depende também da senhora, modificando seu modo de agir, tendo paciência e melhorando-se para corrigir erros do passado. Se dançar aparatosamente, pular mais alto, sacolejar em excesso, berrar, desse forças a uma tenda, curasse enfermidades e solucionasse problemas, não alimente dúvidas, minha senhora, que eu faria meus médiuns subirem nas paredes, darem saltos mortais e até traria à minha tenda uma escola de samba. . ."

Explicação racional e fundamentada. Gritos, quedas, rodopios, exorcismos, práticas sofisticadas desnecessárias, por ultrapassarem o rito natural exigido, não saldam dívidas compromissadas. Por isso, as cerimônias devem ser as mais autênticas possíveis, sem exteriorizações burlescas, às vezes até cômicas, sem aparatos folclóricos de interesse turístico, nem lhes dando cunho sensacionalista ou sacrificando financeiramente o devoto pobre

com misticismo exagerado. Certos trabalhos requerem apenas compreensão, orientação, firmeza de fé e de concentração, compenetração dos deveres espirituais para com o próximo e à Sociedade, prática do Amor, do Bem e da Caridade, simultaneamente à liturgia singela, e extritamente devida ao culto. Não obstante os ensinamentos sadios de nossos guias e protetores e malgrado as conseqüências danosas do procedimento errôneo, as cópias, as imitações, as falsificações sofisticadas da verdadeira Umbanda não corrigem seus defeitos.

Compensam a vacuidade espiritual na ostensividade das cerimônias mentirosas, fúteis mesmo, e nas liturgias de caráter espalhafatoso, notório nivelamento às origens pagãs, quando já se lhes despontam lampejos de inteligência e visão dos objetivos divinos, tornando-os incompatíveis com o grau de espiritualidade que já alcançamos, com a agravante de muitos deles serem médiuns, lidando, dest'arte com entidades do mundo espiritual, portanto, com provas da continuação da vida após a desintegração do corpo físico.

—oOo—

GESTOS ANTI-HIGIÊNICOS

Um dono de loja de artigos religiosos contou-me que estava em um terreiro, quando, em dado momento, o exu (?) pediu uma cerveja gelada — vejam bem: cerveja gelada — destampou-a, colocou um pouco na boca, fez gargarejo e tornou a pôr dentro da garrafa, dando-a para os freqüentadores bebê-la. Cada qual um gole na boca do recipiente.

Se eu nunca houvesse visitado terreiros, não acreditaria no fato, embora quem me contou estivesse junto a outra pessoa, que também estivera presente, confirmando-o. Porém, tal caso fez-me lembrar de um outro idêntico ocorrido comigo, há alguns anos atrás.

Certa vez, fui a uma tenda, dessas que fazem arrepiar até cabelo em cabeça de careca, e na hora da engira dos exus, foi servido marafo (cachaça, para quem não sabe) às entidades baixadas. Uma delas, com o cuité cheio, deu uma cuspida na aguardente e serviu-a aos presentes, obrigando-os a tomarem um trago. Ao chegar a minha vez, recusei amavelmente. "Não bebo", falei. O exu disse ser uma ordem. "Eu não bebo", repeti. "Se você não beber, vou azarar sua vida, seu Filho da P...", forçou ele, ofendendo-me.

Diante da discussão que se iniciava, o cambone interferiu e alegou que eu não poderia recusar a beber, sob pena de acon-

tecer-me algo ruim, pois o exu era vingativo e ninguém ali se responsabilizaria pelo que me sucedesse. Aí, perdi as estribeiras. Eu era, àquela época, policial e, embora visitando um templo religioso, a título de estudos e pesquisas, o revólver me acompanhava. Estava sozinho entre estranhos. Berrei que não iria beber e pilantra nenhum ali dentro forçar-me-ia a beber. Briguento como era na minha razão e já entendendo bastante de Umbanda, percebi que o "burro" mistificava, pois com ele não havia entidade incorporada. Mesmo que houvesse, eu, de modo algum, ingeriria aquela sujeira para satisfazer caprichos de quem quer que fosse.

Ao gritar que se me forçassem a beber — pois, parecia-me, era regulamento do local que ninguém podia negar o que lhe oferecessem — dei um tapa no copo, jogando-o ao chão e ameacei dar uns sopapos no "burro" para ver quem sentiria dor: se o "burro" ou o exu. Então a turma do "deixa disso" interce-deu e os ânimos foram serenados. O médium anti-higiênico se afastou e a sessão continuou.

Vejam, meus irmãos, que gesto ridículo: cuspir na pinga e dá-la a outros para beber! Isto é ação anti-higiênica, porca, imunda, própria de indivíduos sem escrúpulos. Forçar uma pessoa a ingerir baba de maroteiros, sabe lá se não são portadores de doenças infecciosas e contagiantes . . . E há quem tome por medo de represálias, de pragas, ou por timidez, temerosos de ferir suscetibilidades de espíritos sujos e indecorosos, se é que o médium realmente esteja incorporado.

Não aceitem esse tipo de coisa. A Umbanda não é chiqueiro, onde porcos se lambuzam na imundicie. Recusem, sem medo e sem receio de que algo lhes possa acontecer e, ato contínuo, retirem-se, pois ali não é ambiente para quem for limpo, asseado e higiênico.

—oOo—

"PAI CANGIBRINA"

Certa senhora contou-me haver consultado um médium, que dava consultas na residência. Disse, que após esperar quase quatro horas, pois havia muita gente, chegou a sua vez.

Dirigindo-se ao sujeito, que atendia sentado em um banquinho, cumprimentou-o. Ele respondeu e de sua boca exalava forte e insuportável hálito de pinga azeda. Embora estranhando, a consulente sentou-se perto dele para conversar. Diante dela, ele apanhou uma garrafa de aguardente e tomou uns três goles, como se

estivesse bebendo água. A consulente, repugnada, retraiu-se arrepiada. Mas passaram à consulta. Ela expôs o drama que a trouxera ali.

Demonstrando visíveis sinais de estar alcoolizado, ele começou a indagar-lhe a vida. Malgrado o constrangimento pela indiscreção do médium e mesmo desanimada, o que pôde ela contou. Os conselhos e orientações, então, constituiram-se em aberrações e absurdos. Prometendo que solucionaria o caso, disse à mulher necessitar de "moambas" e o trabalho a ser feito na mata, importaria em vultosa importância, que ela haveria de pagar, metade antes e metade após a arriada do despacho. "Mas", alegou ela, "É o senhor ou o guia que vai cuidar do problema? Eu queria falar com um guia". "Ora, e com quem pensa que está falando?" — disse o médium — "Eu sou o "Pai Fulano". A senhora não me conhece? E comigo é fogo!". Aí, ela não aguentou. "Bem, não me parece que o senhor esteja com preto-velho. Malgrado tenha visto um guia beber, não me consta fiquem falando mole, tontos e com os olhos esbugalhados . . .". "E o que a senhora quer?" — berrou o médium — "Ninguém a chamou aqui. Se não estiver satisfeita, vá embora!". Ela saiu resmungando e foi embora.

Lamentavelmente, isso acontece. Mas, o pior é que diariamente, dezenas de pessoas procuram médiuns assim, que recebem o "Pai Cangibrina", o "Caboclo Mata-Bicho" e outras denominações que se dá ao ato de beber, sendo, conseqüentemente, orientadas por . . . uma garrafa de cachaça! O atendente não é médium, mas um obsediado, necessitando ele mesmo de caridade. Curioso é essa gente que o busca, não ter inteligência nem perspicácia para notar a farsa. Será que gostam de ser iludidas, enganadas ou o médium lhes serve como confessionário, onde, infelizes, descarregam mágoas, complexos, ressentimentos, desabafos, emoções, aliviando-se momentaneamente? Mesmo fosse só isso, ainda seria inadmissível, pois de que vive o charlatão? Ele não trabalha, ou melhor, o seu serviço é o de arrancar dinheiro dos incautos.

Muito cuidado, pois, com esse tipo de malandragem. Se é para consultar o "Pai Manguaça" ou o "Caboclo Parati" é preferível ficar com o problema. Se não, ir-se-á ficar com dois: o que tinha, mais a perda de tempo e dinheiro em consultas e trabalhos vazios, que não resolverão seus problemas, mas os do pilantra. Se é simplesmente para alívio momentâneo, desabafe com seu santo de devoção. É mais simples e barato, ou procure uma tenda honesta. Há milhares delas em todo o Brasil.

A SOMBRA DO BURRO

Em Atenas, certa feita, fizeram uma reunião pública, a fim de tratar de assuntos de relevante interesse para os cidadãos e para a Grécia antiga. Demóstenes — célebre orador grego — *ao* querer dirigir a palavra à multidão, foi por ela vaiado e as pessoas presentes pretendiam sair sem ouvir-lhes as palavras. O orador, então, ergueu a voz numa altura em que todos pudessem escutar e falou que tinha uma história agradável a todos. Fez-se silêncio total na assistência para ouvir a história. Demóstenes iniciou:

— "Um homem, necessitando ir de uma cidade a outra, em pleno verão causticante, alugou um burro e juntamente com o dono do animal, pôs-se a caminho. Ao meio-dia, quando os raios solares estavam mais quentes, o homem que alugara o burro e seu proprietário pararam e pretenderam descansar à sombra do animal. Como na sombra refrescante só cabia um, ambos puseram a empurrar-se um ao outro, desejando o lugar. O dono do burro alegava que alugara somente o burro, mas não a sua sombra. O locatário declarava que, tendo alugado o asno, logicamente também havia alugado a sua sombra e tudo o mais que pertencesse ao quadrúpede. E a discussão continuava . . .

Nesta altura da história, o orador parou a narrativa e preparava-se para ir embora, quando os assistentes reclamaram em altos brados, querendo saber o final da história. Foi então que Demóstenes, erguendo mais a voz, quase aos berros, censurou-os:

— "Atenienses! Que espécie de homens são vocês, que insistem em saber a história da sombra de um burro e recusam-se a ter ciência de assunto mais importante para todos nós e para a própria Pátria?".

Envergonhados, os assistentes fizeram silêncio e escutaram atentos ao discurso que o orador pretendia fazer antes de contar a história do burro, cujo final ninguém ficou sabendo.

Vejam os leitores, se tal conto não se enquadra direitinho dentro de nossa Umbanda, onde muitos procuram saber e inteirar-se de assuntos banais da vida material, da vida efêmera, de coisas sem importância, nada desejando aprender sobre fatos de real interesse para a vida espiritual de cada um, que é a verdadeira e duradoura. Nós somos, em nossa personalidade, o produto do que fomos, aprendemos e praticamos em vidas anteriores. Se sofremos hoje, a dor é de alguma forma, embora não a rigor, conseqüência de faltas, erros e ignorância em encarnações passadas, nas quais nos portamos de maneira idêntica a atual, não procurando estudar para conhecermos a nós mesmos, nos seus ínfimos pormenores, bem como sobre a razão da existência. À me-

dida que vamos espiritualizando-nos, enxergamos melhor as realidades da vida, conhecendo nossos erros e reforçando nosso conceito a respeito de Deus e do Universo.

—oOo—

É PRECISO COLABORAR

Conhecemos terreiros honestos que encerraram as atividades, porque lhes faltava o mínimo para poderem se manter. Tal se dá, quando praticamente ninguém procura colaborar. Certo que o Mestre Oxalá disse "dai de graça, o que de graça recebestes", mas existem coisas que não vêm de graça aos terreiros. É o caso do aluguel, da luz, da água, das velas, dos defumadores, dos impostos e outras necessárias ao funcionamento dos trabalhos, que custam dinheiro. O pai ou mãe de santo não pode arcar sozinho com despesas efetuadas para o bem-estar geral, tanto dos médiuns, como dos freqüentadores. Afinal de contas é para o conforto de todos. A tenda não pode funcionar no escuro, faltando água para a higiêne local ou sem velas e defumadores, que fazem parte dos trabalhos. De alguma fonte deve sair o dinheiro. É do couro que saem as correias.

Há pessoas que freqüentam tendas há vários meses, sendo as que mais pedem e as que menos contribuem. Existem outros que recebem a caridade e mostram-se mal-agradecidos, julgando que dor de barriga só dá uma vez. Conseguem o que querem e depois esquecem de se tornarem sócios contribuintes, para ajudar outros que virão depois. Há até aqueles que vão às escondidas no terreiro e, recebendo a graça, afastam-se envergonhados, tendo ainda a ousadia de chamar de macumbeiros a quem lhes minorou o sofrimento. Julgamos de grande profundidade uma frase significativa que lemos escrita em uma casa de artigos religiosos. Dizia: "Se te atraves a praticar o Bem e a Caridade, deves ter coragem para suportar a Ingratidão". É uma verdade inconteste. Representa uma realidade milhares de vezes repetida por pessoas ingratas.

A tenda de Umbanda, pelo seu próprio registro, é uma sociedade. E por isso deve contar com sócios que contribuam para a sua manutenção. Todos os que fazem parte dela e mesmo aqueles que dela se servem, devem colaborar espontaneamente com a quantia que puderem para as despesas do centro. Existem religiões que cobram o dízimo de seus fiéis; outras cobram sacramentos e mantém cofres de esmolas, erguendo grandes templos, enquanto a tenda de Umbanda se instala precariamente e não dis-

põe sequer do mínimo necessário para as despesas. Já visitamos tendas funcionando em cozinhas ou salas da própria residência dos dirigentes e até em barracos. É dever de todos cooperarem com a igreja a que pertencem, mesmo que dela não se utilizem constantemente. Ela será a porta que estará sempre aberta para socorrer-nos quando o desespero nos fizer transpô-la em busca de consolo e lenitivo.

—oOo—

EXIBICIONISMO

A gente lê e ouve por aí, coisas que não dá para entender. Ou dá? Dá, sim. A Umbanda para alguns é uma religião mística, misteriosa, com forças ocultas, fascinante. Por isso, muitos leigos se empolgam ao entrar nela. Vislumbram um futuro de sabedoria e poder, se a praticarem. Desenvolvem a mediunidade, a jato, nem conhecendo direito os guias que os assistem, e montam terreiros. Ficam fanáticos, paranóicos, deslumbrados, ou servem de fantoche a entidades zombeteiras. Há quem goste de aparecer, de contar vantagens. E lá vem as conseqüências.

Já lemos e ouvimos contar que um pai-de-santo tira de um obsediado, oitenta exus, num só dia! Vai ter força assim na casa do chapéu! E a vítima, então? Um só já esculhamba a vida do coitado, calculem oitenta exus de uma vez! É muito vampiro para pouco sangue . . .

Outro diz que incorpora, atentem bem, o espírito de Francisco de Assis e até já ouvimos gente dizendo que incorpora Jesus Cristo . . . Mas é de lascar! Imaginem o mestre Oxalá "baixando" em médium, cujo procedimento deixa muito a desejar, isento de virtudes e . . . até mentiroso . . .

Jesus é anjo planetário ou talvez até dirigente de sistema solar. Sua vibração altíssima não lhe permite baixar em médiuns de baixa potência vibratória e ainda por cima, manchado de pecados. Ele não precisa incorporar-se nem sua freqüência é própria para tal, por encontrar-se em outra dimensão mais sutil. Mas, leiam esta outra.

Certa pessoa contou-nos que, visitando uma tenda, viu uma entidade manifestar-se em um médium, relinchando e pedindo capim. Ao lhe perguntarem quem era, respondeu ser o cavalo branco que Ogum monta . . . Ah! Essa eu não agüento. É demais!

E querem ser sabichões e entendidos em mirongas. Se você perguntar a essas pessoas, de que cor são as meias que o exú usa, eles até brigam entre si. Uns afirmam que são pretas; outras teimam que são vermelhas . . .

Às vezes, em comentários jocosos e humorísticos damos "umas botinadas" de leve, sem, contudo, procurarmos acertar quem quer que seja. Não podemos ficar alheios a certas aberrações, raras, felizmente, mas que depõem contra o nosso conceito, que denigrem nosso culto sério e lógico. Precisamos conscientizar-nos de que há fantasistas imiscuindo-se em nosso meio, isto é, pessoas prendendo-se ao fanatismo religioso e culminando por perder o senso do ridículo, prejudiciais tanto à Umbanda, como a nossos irmãos que as procuram, necessitados de um atendimento honesto e caritativo e não para perderem o tempo e a fé, que ainda lhes restam, esperando alguma coisa de quem nada tem para dar.

Também eles, os imaginosos, se não mentirosos, devem entender que necessitam, pelo menos, saber o tipo de guia, a que dão passividade, a fim de não sofrerem decepções mais tarde, nem se empolgando pelo nosso culto, que é puro, singelo e real, tendo por base a humildade, o amor e a caridade, nunca o exibicionismo, a mentira, que fazem parte do orgulho e da vaidade pessoal.

—oOo—

OS ASTRAIS

Aonde os quimbandeiros vão buscar espíritos desencarnados para a prática da magia negra?

A Terra, onde nos encontramos, é constituída não só de matéria, como também de substância astral ou etérea, dividida em camadas de vibrações superpostas (talvez até paralelas), sem, entretanto, acasalarem-se. Na parte mais baixa vivem os espíritos trevosos ou imperfeitos, endurecidos no mal. É uma região sombria, triste e desolada que, segundo alguns estudiosos, entra terra a dentro. Na superfície terrena, logo acima, estão os espíritos um pouco melhores, mas que não deixam de ser imperfeitos. É neste plano que ficam as almas errantes. Mais acima, em outra camada vibratória, ficam os espíritos bons, zelosos e caritativos. O conjunto das três espécies de almas, mais os encarnados, constitui a população do globo e astral adjacente terrestre.

Pois bem. É nas camadas inferiores que os bruxos ou mandingueiros vão buscar seus comparsas para fazerem o mal. Esse pessoal não "baixa" no terreiro, ao contrário, "sobe". Porém, por pouco tempo, o suficiente para poder atuar negativamente em nossos irmãos vítimas de macumba. A ação depois se processa através de objetos e animais usados como "ponto" radiativo a descarregar energia de vibração enfermiça na aura da vítima, bombardeando-a de fluidos viscosos e sujos.

A região onde habitam esses infelizes espíritos se assemelha ao Inferno das outras religiões. Dizemos "se assemelha" porque, na realidade, Inferno como querem os irmãos de outras religiões, não existe. Não é um lugar geográfico, sujeito a tempo e espaço, onde se sofrerá eternamente, pois, quando um exu ou alma errante se arrepende e procura sair desse inferno mental, então lhe é dada oportunidade de reencarnação, a fim de depurar as maldades pelo sofrimento benigno, adquirindo pouco a pouco a luz necessária para não mais voltar ao abismo de sombras criado por sua própria mente tenebrosa.

O macumbeiro, quibandeiro, bruxo, feiticeiro, mandingueiro, etc., que trabalha com essa baixa classe de espíritos, está-se candidatando a ser habitante daquela região escura, após a morte física. Essa espécie de seres não procura fazer o bem e quem deles se utiliza, só os usa para o mal, equiparando-se a eles em maldade e não pode ir a outra parte que não àquela fria, trevosa e triste.

Daí se conclui que quem faz o mal, fá-lo a si próprio. Aparentemente parece ser contra outra pessoa. Mas se essa pessoa for paciente, resignada e boa, logo se livrará do mal, através de ajuda de seu anjo protetor. Naturalmente, desde que não crie barreira à ação do guia. Pois, nesses casos, ou seja, quando uma pessoa é atingida por um trabalho de macumba, geralmente se desequilibra mental, emocional e fisicamente e se revolta, criando uma aura ou escudo grosseiro em torno de si, impedindo o auxílio de seu anjo de guarda.

—oOo—

EMBARALHANDO AS CARTAS

Por diversas vezes, presenciei babalaôs tentarem, sem resultado, incorporar o guia no filho que os consultava pela primeira vez. Comigo já aconteceu uma infinidade de vezes. Percebendo ser um médium, vários dirigentes de terreiro procuraram forçar-me a receber o guia, sem eu ter passado por uma fase de desenvolvimento. Ante minha dúvida, fui posto no centro de um círculo, rodeado de médiuns ou de pontos riscados e o babalaô, por mais que insistisse, meu guia — que segundo ele estava a meu lado — não se incorporou.

Isso prova que o médium não dando passividade ou não querendo, o espírito não lhe toma o corpo. Não se apodera dele. No meu caso havia resistência inconsciente de minha parte, não admitindo a incorporação, mesmo que verbalmente eu concordasse. Há médium que opõe resistência à vinda do guia, seja por

medo, seja por escrúpulo e nesse caso nenhuma entidade fá-lo-á entrar em transe. Por mais esperto ou inteligente que seja, um espírito não tem o poder de violentar o nosso livre arbítrio, a nossa vontade. Não desejando que nos incorpore, ele não terá forças para fazer com que o recebamos ou, à nossa revelia, se aposse de nosso corpo.

Assim, não compreendemos como e por que alguns médiuns, mesmo desenvolvidos, ficam entregues a caprichos de espíritos zombeteiros ou quiumbas, praticando uma série de mazelas reprováveis, contrárias à moral, desculpando-se depois, ao alegar que se encontravam "tomados" por este ou aquele exu. Ora, se o "cavalo" permite a incorporação é porque sente prazer em praticar certos atos (ou será alegação mentirosa em que ele mesmo faz a bandalheira e joga a culpa nos próprios "guias"?). Diz um ditado popular, que quando um não quer, dois não brigam e cabe perfeitamente aqui. Se o médium e até o pai de santo sabe — e isso é verdade — que trabalha com exu malicioso, zombeteiro ou desmoralizado, que lhe resolve alguns casos a troco de presentes e o mantém a seu serviço, é porque ou não tem senso de responsabilidade ou há interesse pessoal em trabalhar com ele.

São constantes os casos noticiados em jornais ou comentados pela Televisão, os quais, lamentavelmente, ocorrem para causar-nos tristeza, a nós que lutamos por uma Umbanda sadia. Sabemos como e por que acontecem. Quando não mistificados, são ocasionados por médiuns apenas. A mediunidade sempre existiu e existe independentemente da religião. Mas o pior é que acontecem em "tendas umbandistas", "roças de candomblé" e "centros espíritas". O povo leigo não entende dessas coisas. Pensa que só pelo fato de o sujeito ser médium, obrigatoriamente é religioso. E o aponta como umbandista. A mediunidade não pertence a nenhuma religião, não obstante algumas espiritualistas dela se utilizarem. O indivíduo pode ser médium sem ser umbandista e pode ser umbandista sem ser médium. Umbanda e espiritismo são uma coisa e mediunidade é outra.

Porém, infelizmente, ambas são confundidas em prejuízo de apenas uma: A Umbanda. Precisamos colocar cada coisa em seu devido lugar e não embaralharmos as cartas, porque, enquanto com imenso sacrifício e longo tempo conseguimos elevar o conceito da Umbanda, vem um mentiroso ou interesseiro e o derruba em poucas horas. Ah, Xangô, sua balança e machado precisa funcionar! . . .

Ouvimos dizer da existência de gente maldosa procurando desmerecer a Umbanda. Não acreditamos, sinceramente, possam sepultar-lhe o conceito. Cremos, isto sim, que atacam maus umbandistas, o que é muito bom para nós. Atacar a Umbanda em si é outra coisa bem diferente, porque aí é dar murros em ponta de faca.

Se há grupos tentando apagá-la, saibam que perdem tempo. Se ela tivesse de desaparecer, nem teria surgido. O que a religião do Caboclo 7 Encruzilhadas sofreu de perseguição, ataques, desprezos, de segregação a até poucos anos atrás, não está escrito. E vejam aonde ela chegou.

Aliás, não foi só ela. Aqueles que a segregam, agitando outras bandeiras religiosas, deveriam olhar para trás. Católicos, protestantes, cardecistas, que hoje formam elites cristãs (?) devem olhar o passado. Lembrar o martírio dos cristãos nas arenas romanas pagãs; o sacrifício de Martinho Lutero criando seita dissidente, na Reforma da Igreja poderosa do Século XVI; a perseguição e as críticas que sofreu Allan Kardec, quando da codificação do Espiritismo. E hoje, aí estão, prósperas e pescando almas para o rebanho de Cristo.

Não se iludam aqueles que nos ferem. As feridas abertas hoje, serão, amanhã, cicatrizes simbolizando troféus de almas pacientes, humildes e perseverantes. O poder econômico? Mas Cristo também o enfrentou! Calúnia? O Mestre sentiu seus efeitos malignos! Desprezo? Não nos afeta, como não afetou os ensinos de Jesus. Se é só isso o que podem contra nós, então não devemos temê-los. Graças a Deus, não nos podem prender, nem matar-nos. Então, o que temer? Nada!

A Umbanda é uma luz. E se sombras surgem em seu caminho, são meras nuvens passageiras: por mais que cubram o sol, elas passam e o astro-rei volta a brilhar solenemente. Com as pedras que nos atiram, construiremos futuramente o altar do sucesso e do perdão. Mas, para tudo há uma explicação.

Somos uma religião espiritualista, baseada unicamente na doutrina do "Amai-vos uns aos outros" do mestre Oxalá (sincretizado com Jesus), que não adota em seus rituais e trabalhos, matança de animais nem a utilização de cadáveres em suas oferendas, visto tal prática contrariar os princípios cristãos e os ensinamentos de nossos guias e protetores nos terreiros. Tal ato é mais comum nos trabalhos de bruxaria e macumba, muito utililizado na feitiçaria da Idade Média ou em ritos de Quibanda, que é a continuação dessas práticas degradantes próprias dos bruxos do passado.

Nossa religião, infelizmente, vítima de equívocos e mal-entendidos é, por sua natureza ritualística, confundida com atos e fatos excêntricos, até aberrativos, sem que possa defender-se, pois macumbeiros, feiticeiros e magos negros imiscuem-se em nosso meio, sem possibilidade de identificação imediata pelos incautos, ante a dificuldade natural de descobrí-los, pois são lobos vestidos de cordeiros em meio a rebanho de ovelhas mansas e pacíficas.

Lamentavelmente, só são descobertos quando casos deprimentes vêm à superfície e por incrível que pareça, acham-se encobertos pelo sagrado manto da Umbanda, à vista da natureza cerimonial de nossos métodos de trabalho. De todas as religiões, a nossa é a mais vulnerável a certos tipos de infiltrações de marginais religiosos, por encontrarem facilidades em misturar-se a ela, dada à mediunidade generalizada e a analogia de certas formalidades de que nos utilizamos em caráter benigno, passíveis de imitações por mistificadores malévolos para fins excusos.

Os umbandistas sinceros que não se entristeçam. Façam a parte que lhes cabe dentro da doutrina e deixem os falsos às voltas com a Justiça. Ela saberá dar-lhes o merecido castigo e, caso se livrem dela, há ainda outra mais severa e infalível a esperá-los, da qual jamais poderão safar-se.

—oOo—

UMBANDA SOFISTICADA

Acreditamos que tudo neste mundo possa sofisticar-se, enfeitar-se, modernizar-se, menos, é óbvio, a Moral e a Religião. No passado, nossa Umbanda era natural, original, autêntica e, baseada nesses fatores, veio a progredir estatisticamente, porque, na realidade, havia em seus ritos e trabalhos originalidade, autenticidade, peculiares à devoção aos deuses, bem como naturalidade e sabedoria até nos objetos utilizados em suas práticas ritualísticas.

Hoje, vemos adaptações e substituições que lhe tiram toda força mágica, restando tão somente a parte mediúnica de seus trabalhos. Assim é que vemos bugigangas e quinquinharias até irônicas, quando não ridículas.

Outro dia, ao dirigir-me para casa, divisei em uma encruzilhada, uma luz forte dirigida em sentido horizontal. De longe parecia vela especial. Ao aproximar-me, deparei um farolete preto colocado bem no meio do cruzamento. Alguém ali o depositou, não sei para quê. Perdido não foi, ainda mais aceso.

Ora, já as velas que hoje se acendem, são de substâncias neutras, impróprias para trabalhos, calculem um farolete... De quem teria partido a idéia? Quem teria desperdiçado um objeto que lhe custou dinheiro? Sè a idéia veio de um pai de santo, vejam a "sabedoria" do dito cujo... Se do ofertante, imaginem o conhecimento das mirongas que esse incauto deva ter... Aliás, esse caso não é único. Há-os aos milhares. Inclusive eu li um livro, psicografado por um "guia" que me desculpe esse mentor espiritual, mas dentre centenas de despachos, não há sequer dez que possam ser feitos, dada a dificuldade em se conseguir as moambas: É ouro em pó, coco da Indonésia, diamante verdadeiro, jasmim da Rússia, lagarto do Japão, sapo da China, pedra de Vênus e outros, que só o "guia" conhece...

Mas, não é só. Com referência aos objetos do culto, então, nem é bom falar. Aliás, não vou citá-los aqui, para não pisar em calo de muita gente. Porém advirto meu povo, minha gente, que raciocinem um pouco. Na Umbanda, onde os orixás são autênticos, originais, naturais, os objetos e utensílios também devem ser autênticos, nunca imitados, substituídos ou sofisticados, porque não têm eficácia nem poderes para emitir vibrações necessárias e próprias, onde os guias se apoiem para agirem no plano material. Na Zona Norte de São Paulo, vi centenas de despachos arriados em pleno asfalto e à luz de lâmpada a vapor de mercúrio, no lugar denominado Palmas de Tremembé e cujos apetrechos deitados na via pública eram logo após recolhidos por pessoas escondidas nos terrenos baldios ali existentes. E a esses indivíduos que recolhiam as moambas nada acontecia... Por quê? Porque os despachos eram mal feitos, mal orientados, constituídos de objetos neutros, tais que, guias de plásticos, defumadores feitos à base de pó-de-serra e resina perfumada, velas de parafina amarelada como se feitas de resíduos apanhados em cemitério, sapo seco, etc., sem nenhuma força vibratória. Agora, o dia em que eles meterem a mão em despacho feito por um babalaô competente e conhecedor das mirongas, que faça seus trabalhinhos com objetos naturais, aí, meu irmão, eu não quero estar na pele deles...

—oOo—

ESCLARECENDO

É comum nos terreiros de Umbanda, até mesmo nos de Candomblé, louvarem-se santos católicos, no início dos trabalhos. Há terreiros onde se fazem ladainhas e existem os que costumam ler um versículo da Bíblia e comentá-lo antes de cada trabalho.

Há os que misturam tudo isso. Outros oram a "Prece de Cáritas" e fazem corrente, com orações aos doentes, presidiários, sofredores, etc. Por aí se vê que os cultos de terreiros mantém-se num poli-sincretismo bem brasileiro.

Na Umbanda, especificamente, é mais comum a roupa branca, mesmo quando as médiuns se vestem de baianas. Mas a maioria aceita vestes coloridas, principalmente blusas, conforme a cor da linha de seu Pai de Cabeça. Outros permitem que os caboclos usem cocares, fumem seus charutos e tomem seu marafo, bem como a seus Pretos-Velhos é permitido fumar e beber. Alguns pretendem não aceitar isso, mas é artificialismo, pois os médiuns são os "cavalos" dos guias e, quando na Terra, estes mandam e se lhes deve permitir o que julgam melhor. Há mironga no charuto ou pito, há mironga no marafo e eles sabem porque querem fumar ou beber, a nós cabe obedecer.

Embora sejamos contrários ao uso de bebida alcoólica e cigarros nos terreiros, a verdade é que, quando o centro ou tenda é freqüentado por médiuns honestos e conscientes de suas responsabilidades, nenhum inconveniente existe no uso do cigarro, fumo, cachimbo e do marafo, pois são os guias que se utilizam desses ingredientes para reforçarem seus trabalhos de magia. Entretanto, quando usados por terreiros mistificadores, seu uso e abuso constituem uma calamidade, já que quem fuma e bebe são os médiuns, os quais, entorpecidos pelos efeitos do álcool, perdem o senso do ridículo e cometem absurdos que depõem contra o conceito da Umbanda.

—oOo—

SEMPRE A VAIDADE

A mãe de Santo, toda vaidosa e altiva, recebia homenagens e cumprimentos de fãs, admiradores e filhos do terreiro. Era dia de festa na tenda. Percebia-se que ela queria derramar de si, algo que lhe não cabia dentro do corpo ricamente trajado com roupas típicas, elegantes até para o culto humilde que praticava, toda ornada de pedrarias e bugigangas penduradas. Sentia-se uma rainha entre súditos. Em dado momento, chegaram, simultaneamente, um advogado e uma filha da tenda, ambos para saudá-la. Toda cheia de si, eufórica e maneirosa, sorriso fácil, desfez-se em gentilezas para com o doutor, ao mesmo tempo em que, desdenhosamente, estendia a mão para que a filha de fé a beijasse. Nem sequer ousou olhar a moça, que, beijando-lhe o dorso da mão, disse respeitosa e humilde: "Bênção, madrinha!". Indiferente, recolheu a mão, em cujos dedos cintilavam anéis de ouro e pedras brilhantes, nada respondendo e desfazendo-se em corte-

sia para com o doutor fulano. Eu, que a um canto presenciava a cena, balancei a cabeça e monologuei cá com os meus botões: — "Por que toda essa vaidade discriminativa? Ao menos poderia ter dado um pouco de atenção ou um sorriso à filha. Por que toda atenciosa com o advogado e indiferente com a menina? Aliás, fato notório e muito comentado: com gente da sociedade, autoridades, negociantes, gente bem, ela se derretia toda em gentilezas, tratando-os com afabilidade e com os pobres e infelizes que a procuravam, atendia mal e até com menosprezo . . .

A mediunidade não é dada aos que a possuem, como prêmio ou honra ao mérito. Dirigentes, babalaôs, ialorixás, zeladores de santo, chefes de terreiros, também não são pessoas diferentes dos filhos que os procuram, porque não são eles os portadores dos conhecimentos espirituais, que simplesmente transmitem; são puramente bagageiros da sabedoria que ministram. Se não, por que então e ainda se utilizariam de guias e protetores?

Mediunidade e liderança de grupos não é recompensa, simbolizando que a pessoa que as possui seja superior às demais. Antes é castigo, prova, experimentação, que lhe é imposto para ter um meio de trabalhar em benefício de uma comunidade, praticando assim a Caridade. Tanto é verdade, que é difícil um chefe de terreiro que não tenha tido fases críticas e dolorosas na vida, principalmente quando não era desenvolvido e sabe Deus, e os guias, o sofrimento por que passou no desenvolvimento. Acontece que quando chega à situação de dirigente, esquece o passado infeliz e estufa o peito de vaidade, fazendo cortesia com o chapéu alheio, quando deveria reconhecer-se pior que os doentes e angustiados que o procuram, pois sem os guias é gente igual aos outros e sua missão espinhosa, ingrata mesmo. Além do mais, toda sabedoria, toda ciência, todo cabedal de conhecimentos, emanam não dele, não de seu próprio espírito, mas dos guias, dos quais é simples aparelho transmissor, equiparando-se ao instrumento musical, que sem o artista que o maneja, não existe a melodia harmoniosa que enternece a alma. Ele é apenas o "cavalo" do orixá, cujo vocábulo já diz tudo, pois são os cavaleiros que conduzem a montaria . . .

Ninguém deve orgulhar ou envaidecer-se por algo que não possui pelo fato de servir aos guias, porque sua posição se assemelha à do mordomo, empregado servindo o patrão. E o dia em que o patrão despedi-lo, por mau procedimento ou indignidade, pagamos para ver a máquina escrever sem o datilógrafo . . .

Conversando com uma pessoa, comentou ela ter sido certa vez, convidada por um seu colega, dirigente umbandista, para assistir a certo trabalho de "Umbanda". Atendendo ao convite, disse ter ido aos ditos trabalhos, saindo horrorizado e escandalizado com o que presenciou na sessão. Confessou-me nunca antes ter assistido a um ritual de Umbanda, mas o que viu, deixou-o impressionado e perplexo. Foi testemunha de haver o babalaô sangrado um bode preto e lhe chupado avidamente o sangue, à guisa de vampiro, enquanto o animal se debatia nos estertores da morte. Achou bárbaro o ritual, só comparável às bacanais diabólicas da Idade Média. Comentou outros ritos ali praticados, que o deixaram temeroso. "Não, amigo", disse-me, "não sabia que Umbanda era aquilo! . . ."

Não, amigo, digo eu. O ritual a que você assistiu não é de Umbanda. Malgrado o rótulo sagrado de Umbanda, aquilo não é Umbanda. Você esteve presente a uma sessão de Macumba, a outro culto afro ou até pagão. Pelo seu desconhecimento, você foi levado a "confundir alhos com bugalhos", o que justifica sua repulsa e posterior descrédito pela nossa religião. Você logicamente está pensando que Umbanda é aquilo e que todos são iguais, com ritos idênticos. Daí, no seu entender, Umbanda é seita integrada por vampiros, bárbaros, ignorantes, etc.

Pode ser também que o seu colega "umbandista" confunda os cultos, o que é admissível somente pela ignorância. Talvez até se julgue nosso confrade. Você está perdoado, ele não. Mesmo que tenha diploma de babalaô, para nós não é nosso companheiro religioso. Mas, mesmo que fosse.

Embora, digamos, se acredite umbandista, isto é, pensa sê-lo; mesmo assim, você foi levado a tomar o ínfimo pelo máximo, ou seja, analisou o micróbio e não estudou o corpo todo, em cujo pequeno órgão vive esse micróbio. Pois, mesmo que um umbandista proceda mal, um tijolo quebrado não impugna toda a construção; uma nota desarmônica emitida por um músico, não inutiliza toda a composição musical; um umbandista incoerente e maldoso não invalida toda a doutrina. É certo que há vozes desafinadas, mas pertencem a outras orquestras, não à nossa.

A Umbanda é baseada nos ensinamentos dos orixás, ou seja, dos guias e protetores, cuja essência é tirada do Evangelho de Oxalá. Por isso o ABECEDÁRIO cristão está em primeiro lugar. O ABCDEF é a sigla representativa dos sentimentos de Amor, Bondade, Caridade, Despreendimento, Evolução e Fé, tanto que seus rituais sérios e trabalhos autênticos não ferem o Código de Ética e de Moral nem lhes tiram o caráter de benevolência para com seus semelhantes, ainda que esses semelhantes

sejam animais inferiores, porque criaturas de Deus como nós. Desfaça a má impressão sobre a Umbanda, porque não somos aquilo que o bom amigo pensa, muito embora tenham-lhe feito julgar que Umbanda seja sinônimo de vampirismo, violência, ignorância. Gostaria que o irmão assistisse a outras sessões, em outros terreiros, que não aquele, para inteirar-se da realidade do que afirmamos. Aí, vai certificar-se do engano e conscientizar-se de que tanto nas atividades comuns da vida, como nas religiosas, há adaptações grotescas e inconvenientes, tentando ofuscar a verdade redentora, tal qual sombras querendo ofuscar a luz ou nuvens pretendendo encobrir o Sol.

—oOo—

ABSURDO!

Soube, através de pessoas e mesmo presenciando pessoalmente, que alguns babalaôs, pretendendo verificar se há mistificação entre seus filhos, submetem-nos a testes absurdos. Dizem que se o médium estiver efetivamente incorporado, ele nada sofre. E, assim, procuram experimentá-lo de modo aberrativo. Um coloca pólvora nas mãos dos médiuns e ateia fogo; outro, queima-os com charutos acesos ou velas, para verificar-lhes a reação; há o que ferve azeite em vasilha de lata, joga uma moeda dentro e "ordena" que o médium a retire com a mão, sem se queimar . . . Mas, mesmo que o "cavalo" não sinta no momento a dor, sempre lhe causará ferida dolorosa!

Isso não é procedimento religioso: é crime!

Tal processo era usado pelos povos bárbaros na Idade Média para fazer justiça. Quando desejavam saber se alguém era inocente ou culpado, submetiam o acusado a provas, tais como queimar-lhes as mãos, afogá-los por alguns minutos, espetá-los com estilete e outros. Se o acusado resistisse, era inocente; se não, julgavam-no culpado. Daí o juramento popular ainda hoje usado de "pôr a mão no fogo por alguém".

Na Umbanda esse ato é descabível, cruel e sem sentido, além de crime previsto no Código Penal, ou seja, "ofender a integridade física de outrem". Há outras maneiras de verificar se o médium finge ou simula receber guia, sem recorrer a esse expediente absurdo. É certo que em alguns casos é difícil saber quando o transe é mediúnico, hipnótico ou simples mistificação. Mas é certo também ser um contra-senso o chefe espiritual incorporado não saber se um de seus auxiliares está presente ou não. É só conversar na língua deles ou observar a maneira como se porta no terreiro. Se o guia-chefe não sabe, quem o saberá?

Por isso, submeter o médium a provas de fogo e suplício é sinal de incompetência do guia-chefe e, por conseguinte, do pai de santo. Eles conhecem o filho desde que este os consultou pela primeira vez e o acompanham no desenvolvimento. Se o médium mistifica, a culpa é do chefe do terreiro, que não o preparou adequadamente. No caso de ser algum estranho ao terreiro, que lá chega mostrando o que não possui, o caso é de simplesmente ignorá-lo em sua manifestação, deixá-lo prá lá, como se diz, e depois advertí-lo.

Agora, o processo bárbaro de acusar ou absolver através de testes cruéis e inconvenientes não faz parte da Umbanda; mas, do paganismo, assimilado, adaptado ou utilizado por algum exuquiumba maldoso ou até seja o próprio babalaô o mistificador que, para fazer alguém, com quem não simpatiza, sofrer, impõe-lhe provas absurdas e lamentáveis. Entretanto, atentem bem, são casos raros e talvez nem aconteçam na Umbanda ou no Candomblé, pois confundem Quibanda, Vodu, bruxaria e até cultos diabólicos com Umbanda.

—oOo—

O BOM DIRIGENTE UMBANDISTA

— Não enriquece à sombra dos ensinamentos de Oxalá
— Não se envaidece de sua posição insegura e transitória
— Não bajula ricos e poderosos, humilhando pobres e infelizes
— Não se gaba de uma força que lhe não é propriedade
— Não procura ser um pequeno rei ou rainha dentro de suas atividades
— Não esquece que outros também têm missão idêntica à sua
— Não faz do terreiro um antro de perdição ou de conquistas amorosas
— Não contrata exús maléficos para trabalhos bem remunerados
— Não demanda com colegas tão somente por ciúmes egoísticos
— Não ensina uma coisa e pratica outra bem diferente
— Não espezinha filhos e filhas no terreiro por severidade excessiva
— Não separa casais que têm contas recíprocas a ajustar
— Não impõe sacrifício financeiro ao consulente pobre desesperado
— Não mancha o nome da Umbanda, mantendo conduta repreensível
— Não alardeia falsos milagres para atrair consulentes
— Não cobra curas ou orientações que provém dos orixás

— Não olvida que, sem os guias, é uma pessoa igual às outras
— Não exibe coreografia folclórica ou aparatosa
— Não nega assistência espiritual a quem lhe busca a caridade
— Não se rotula de o melhor dirigente, menosprezando o trabalho de outros
— Não permite badernas e bagunças com as coisas sagradas
— Não é intolerante com os filhos inexperientes ou novatos
— Não quer ser dono absoluto da verdade e da religião
— Não aceita adaptações, nem inventa rituais grotescos e inexistentes
— Não tece críticas, censuras ou comentários ao trabalho de outros
— Não se revolta, nem se lastima: está sempre contente por cumprir sua nobre missão.

—oOo—

O PAI DE SANTO

"A pessoa vulgarmente chamada de Pai ou Mãe de Santo, Babalorixá, Babalaô, Babá, Cacique ou Comandante de terreiro, tata, dirigente de culto, etc., deverá ser um sacerdote ou sacerdotisa de uma religião, que é a Umbanda, que é o Candomblé, o Omolocô, o Babaçuê, a Pajelança, o Caatimbó ou outra qualquer crença, seita ou fé, ditos de terreiros.

Se o leitor necessitar do auxílio de um deles, de desenvolver a mediunidade, de freqüentar a tenda, verifique bem onde está pisando — assim dizia um grande mestre — Muita gente viu na Umbanda e nos outros cultos, um meio de ganhar dinheiro fácil, por isso há muitos pilantras aí se intitulando de "Pai" ou "Mãe" de Santo, para ser chamado de "padrinho" ou "madrinha", sem conhecer nada de cultos afro-brasileiros. Se e quando você necessitar de auxílio, siga estas regras simples:

a) sinta em você mesmo as reações psicológicas ambientais do local ou da proximidade da pessoa. Se sentir-se mal, antipatizar-se, sentir opressão ou outro sinal qualquer de mal-estar, fuja! O lugar não lhe é aconselhável;

b) converse com a pessoa que se diz "pai" ou "mãe" de santo. Teste sua filosofia, seu jeito, sua aparência, veja se ela entende mesmo do assunto. Não interessa a sua cultura, ele (ou ela) pode ser até analfabeto(a), mas deverá ser humilde, simples, correto e efetivamente entender das mirongas;

c) se ele (ou ela) só faz serviços caros, mas garantidos, vá embora! Não serve;

d) se ele (ou ela) bebe, cheira mal ou tem péssimo conceito, retire-se!

Se você quer apenas freqüentar ou pretende seguir a crença, faça as mesmas observações:

a) se o ambiente lhe for simpático, fique. Caso contrário, fuja!

b) se os médiuns, inclusive o chefe do terreiro, forem fisisamente limpos, mesmo pobres, fique;

c) se há fofocas, ciumeiras, críticas, comentários, maledicência entre o quadro de médiuns, vá embora!

d) se o pai ou mãe de santo é vaidoso(a), metido a conquistas amorosas, interesseiro, ambicioso, retire-se imediatamente!

O babalaô que afirma não trabalhar com exus, ou diz a verdade, mas não é pai ou mãe de santo coisa nenhuma, pois demonstra completa ignorância da Lei de Equilíbrio ou está mentindo e o faz às ocultas, nesse caso não merecendo confiança.

O verdadeiro dirigente de culto trabalha com exus, os guardiães do Astral, os Mensageiros dos Orixás, solicitando-lhes auxílio para uma demanda pesada em pról do bem estar de um filho necessitado. O sacerdote ou sacerdotisa de Umbanda e Candomblé ou outro qualquer culto afro, que trabalha com a esquerda para o Mal, está simplesmente provocando uma reação maléfica que o atingirá mais dia menos dia; mas isso é problema que só a ele (ou a ela) mesmo pode interessar".

—oOo—

APRENDIZ DE FEITICEIRO

Há muito tempo, li uma pequena estória, que pode ser aplicada a alguns médiuns desejosos de abrir terreiros. Um rapazinho, entusiasmado por artes mágicas, empregou-se na casa de um feiticeiro como aprendiz. Observava o patrão lidar com objetos, ervas, animais, usar fórmulas cabalísticas, rituais excêntricos, conseguindo fenômenos miraculosos.

Empolgado, passou a decorar frases mágicas, exorcismos e obter pequenas artes enfeitiçantes.

Certo dia, o bruxo saiu e deixou a casa sob os cuidados do aprendiz. Este aproveitou a ocasião para pôr em prática seus conhecimentos, julgando-se já um mestre na arte. Pegou uma vara comprida com a qual seu patrão, usando palavras mágicas conseguia fazer com que a madeira, no meio da qual havia um balde, fosse até o poço e trouxesse água. Recitando palavras decoradas, obrigou a vara a ir buscar um, dois, três e mais baldes d'água. Entretanto, no momento de parar o encanto, não sabia como proceder. Recitava, pedia, orava, exorcizava, invocava e

nada. O pau continuava a buscar água e a despejá-la em um barril já transbordando. Nervoso, cortou a madeira ao meio, na ânsia de parar o feitiço. Aí, cada parte ia com um balde buscar água. Desesperado, quebrou os dois pedaços ao meio, fazendo-os quatro. Cada fração por sua vez, ia com um balde ao poço e trazia mais água. Apavorado, sem saber o que fazer, tornou a cortar cada pedaço de madeira ao meio, fazendo oito. Cada um dos oito pedaços ia buscar água. Furioso, pegou os oito pedaços e fê-los dezesseis. Mesmo assim, cada uma dessas dezesseis partes, com um balde, não se sabendo como apareciam tantas caçambas, voava para o poço em busca de água. A casa já estava inundada e não havia jeito de parar o encanto. Chorava, atemorizado, já pensando em fugir, quando chegou o mago mestre que, proferindo algumas palavras misteriosas, fez cessar a magia.

Advinhem se alguns médiuns que desejam se arvorar em pais-de-santo não se enquadram nesse conto . . . Freqüentando terreiros sob a tutela segura do babalaô, mestre experiente, movidos por ciúmes injustificáveis ou vaidades tolas, pretendem abandoná-lo para abrir tendas por conta própria, sem sequer ter aprendido o suficiente para lidar com energias invisíveis, forças ocultas ou entidades malévolas do astral inferior.

Lembrem-se ogãs e médiuns, mães ou pais pequenos e cambones: A longa observação, o aprendizado eficaz, o estudo sério, a obediência paciente e a prática durante anos, são as melhores e mais seguras lições para adquirirem conhecimentos e tarimba, tornando-os mestre na arte de trabalharem na lei de nossa religião, sem chamar a si responsabilidade e conseqüências de atos levianos e negligentes.

A Umbanda tem pago caro por erros e falhas que são humanas e não doutrinárias.

—oOo—

INSTRUÇÃO PRÓPRIA

Médiuns há, inclusive pais e mães de santo, inconscientes, aliás, que não se instruem nem se educam em assuntos culturais ou espirituais, sob a errônea alegação de não necessitarem estudar ou ler, porque seus guias sabem tudo.

Seria o caso de perguntar: Eles sabem, mas e você? E se por um motivo qualquer seus guias se afastarem, será que deixarão com você a sabedoria deles? Hein? . . .

A alegação, como se percebe, não explica nem justifica a ignorância, a ausência de conhecimentos, principalmente espirituais, por parte daqueles que têm por missão justamente dirigir

grupos ou congregações de irmãos, ensinando-os, instruindo-os para entenderem os elevados ideais cristãos, em os quais os próprios guias e protetores se apoiam para exercer o sagrado trabalho da Caridade. Todos, portanto, têm de aprender. Todos. Até os freqüentadores, pois, como podem os guias enviados dos orixás, curar uma enfermidade, se o próprio doente, por negligência, não ajuda a curar-se; como resolverão o problema do consulente que os procura, se o consulente mesmo não concorre, pela ignorância, para achar a solução; como orientarem o filho de fé no caminho espiritual, se o filho mesmo se perde na trilha de seus próprios erros; como esclarecerem o irmão de fé sobre sua missão na Terra, se, por preguiça mental, não está apto a compreender seu papel de personagem terreno; como consolarem o semelhante que chora e lamenta a sorte, se o infeliz não entende a razão de seu sofrimento; como um médium sem cultura, preguiçoso, descuidado pode atrair espírito sábio, ativo, prudente e com ele trabalhar, se não oferece condições mentais, culturais, para tal?! . . .

Freqüentemente, guias e protetores sentem imensa dificuldade em ajudar seus protetores, porque estes, através da indolência e descuido, não procuram ajudar-se mutuamente, buscando informar-se, instruir-se e adquirir conhecimentos que os façam elevar-se na faixa de vibração, capazes de entrar em sintonia com espíritos iluminados, fornecendo ambiente psicológico semelhante.

Preferem alguns ajustar-se ao comodismo da indiferença em relação ao próprio aprendizado espiritual, confiando na sabedoria dos caboclos e pretos-velhos, julgando que somente estes têm o dever de orientar e instruir, cabendo-lhes tão somente a parte passiva de instrumentos imperfeitos, vazios de conteúdo espiritual, esquecendo-se, médiuns, pais e mães de santo, que também eles, ao falecerem, serão guias e protetores de outros. E que belos e inteligentes guias serão, se nada aprenderam, portanto, nada sabem! . . .

Esperam milagre de Deus, enchendo-os de sabedoria e cultura após a morte do corpo físico, sem merecer, sem o sacrifício do estudo e sem a vontade própria de aprender? Pois, sim! . . .

—oOo—

RECOMENDAÇÕES AOS MÉDIUNS

Os médiuns, para bem atenderem em seus trabalhos, devem observar:

— Fazer exercícios respiratórios, de manhã, perto de campos ou matas, a fim de fortalecer-se com o fluido cósmico vital, muito bom para a saúde;

— orar, sempre que possível, a fim de ficar em contato com Deus, pedindo-lhe que fortaleça seus guias e protetores para a prática da caridade;

— ler, nas horas de folga, um livro ou jornal instrutivo sobre Umbanda, Espiritualismo ou o Novo Testamento da Bíblia, assim reeducando o próprio espírito;

— fazer tudo para ter um dia calmo, sem aborrecimentos, nem discussões, preparando-se durante o dia para realizar bons trabalhos à noite no terreiro;

— se as sessões forem à noite, deve-se comer pouco no jantar, dando preferência a saladas e outro alimento leve e delicado, para facilitar a incorporação dos guias;

— nos dias de sessões, abster-se de carne, pois esta diminui o magnetismo, enfraquece o teor vibratório e desgasta as energias vitais, dificultando as incorporações;

— se puder, alimentar-se de peixe, legumes, frutas, sendo estes dois últimos, de preferência crus.

— sempre que possa visite doentes, presos ou pessoas carentes, abandonadas e sofredoras, dando-lhes consolo e incentivo espiritual para que vençam a situação crítica em que se encontram;

— o médium que estiver doente, muito cansado, indisposto, bom é que não vá às sessões. Se se sentir fraco, debilitado, deprimido moralmente ou com esgotamento nervoso, mesmo que compareça aos trabalhos, não dê passes.

— não se fanatize pelos cultos afro-brasileiros, evitando discussões estéreis, violentas ou exageradamente apaixonadas ou falando a todo instante a respeito de fatos relacionados com a Umbanda. Troque idéias nos momentos certos, em conversas sérias, onde haja interesse em se aprender algo útil;

— a força de seus trabalhos em benefício dos irmãos, depende do seu amor a eles. O lema a ser adotado é: — "Amar e perdoar; aprender e servir".

— Lembre-se: Trabalhar em pról do conceito da Umbanda é dever de todos nós.

—oOo—

O feitiço, também conhecido pelo povo sob os nomes de macumba, quizumba, cangerê, mal feito, quizilia, bruxaria, mandinga e outros, é praticado na Terra desde a aurora do gênero humano. Em geral é feito de modo verbal, mental e físico. Verbal, quando rogamos pragas ou xingamos alguém; mental, ao desejarmos mal a pessoas que nos são antipáticas ou às quais tenhamos inveja; física, quando utilizamos de objetivos ou seres vivos para a prática do mal contra o irmão que julgamos inimigo ou de quem temos mágoa, ódio, ressentimentos e queremos prejudicá-lo. Geralmente é provocado pelo nosso descontrole emocional ou psicológico.

Embora haja quem desconheça ou descrê do feitiço, hoje largamente praticado por quase todo mundo, tal fato, porém, não as livra de seus efeitos funestos e daninhos. Mesmo porque tais pessoas, ignorando ou descrendo que o mal-feito exista, pretendem com isso anular as conseqüências de um ato real. Agem como o avestruz que, diante do perigo, esconde a cabeça na areia, ficando o corpo a descoberto, quando o certo seria estudar o que de verdadeiro existe a respeito de uma prática geral e antiga.

O feitiço é produto de manipulações de forças mágicas existentes no quimismo etéreo ou catalização de energia condensada em objetos e seres. Magia significa "obter efeitos visíveis e ponderáveis, através de causas invisíveis e imponderáveis". Sabemos que as coisas invisíveis existem em maior quantidade que as visíveis: E as que não vemos são justamente as que possuem maior força e energia. Haja vista a eletricidade, a gravidade, o ar, o magnetismo, ondas eletromagnéticas, radiações, emanações, átomos, etc.

Embora discutido, o feitiço ainda não poderá ser estudado sob as mesmas experiências e investigações dos fenômenos que regem as causas físicas, vez que se disciplinam a leis astrais ainda desconhecidas da ciência acadêmica e só conhecidas dos magos e feiticeiros, exímios manipuladores da alquimia etérea, com a cooperação de espíritos trevosos. Mas não quer dizer seja inexistente. Que o digam quantos já sofreram na própria carne as conseqüências maléficas! Entretanto, atualmente escasseiam — para nossa sorte — os feiticeiros autênticos. Aqueles que sabiam verdadeiramente manejar forças invisíveis para prejudicarem o próximo, como acontecia na Idade Média. Nem por isso, contudo, o feitiço enfraqueceu. Ainda há pessoas que fazem o Mal através do pensamento, da mente, do macumbeiro, movidas por in-

veja, ciúmes, olho gordo, cobiça, maldade, vingança, desprovidas de fraternidade e evangelização. O pensamento é uma força. Prova-o a telepatia; a mente, um mecanismo gerador de ondas cerebrais de forças poderosas; o macumbeiro, um sócio de espíritos interesseiros e obsessores.

Como o feitiço é uma ciência, o maior feitiço da História até hoje provocado, foi feito pelos cientistas modernos, os mesmos que descrêem da macumba, pois, construindo a bomba atômica em seus laboratórios, por processos idênticos à magia, conseguiram o inacreditável efeito maléfico de destruirem 120.000 pessoas no Japão, na Segunda Guerra Mundial, coisa que nenhum feiticeiro conseguiu igualar . . .

—oOo—

VIBRAÇÕES

Há quem não entenda como pode haver duas ou mais entidades contrárias tomando conta de um mesmo lugar, tal como matas, encruzilhadas, rios, pedreiras e outros. Tal se dá, por exemplo, com as encruzilhadas, onde há o Caboclo das 7 Encruzilhadas, e um quiumba, também 7 Encruzilhadas. Se cada cruzamento tem um dono, como podem duas ou três entidades mandarem no mesmo local?

Acontece que cada entidade se situa numa faixa de vibração diferente no plano vibratório espiritual e, desse modo, cada um chefia a parte astral que lhe cabe, dentro da freqüência oscilatória que lhe é peculiar. Cada qual tem o seu setor.

Tal sucede com as ondas hertzianas (ondas de rádio) de freqüências distintas, que se cruzam no espaço em direções e sentidos contrários ou idênticos, sobrepondo-se umas às outras ou caminhando juntas, sem, no entanto, se acasalarem, sem se misturarem. Em um recipiente pode haver duas ou mais substâncias, como vidro (sólido), água (líquido) e ar (gás), sem se colarem, sem se unirem, face ao estado físico de cada uma, conseqüência da vibração própria respectiva. Às vezes, até a mesma substância não se mistura. Haja vista o vapor d'água que paira acima, não se juntando à água do rio ou lago, nas manhãs frias, não obstante a mesma composição química. Uma vez, liquefazendo-se, pela maior coesão das moléculas, o vapor d'água baixa sua vibração e facilmente se mistura, incorporando-se ao elemento líquido.

A única diferença existente é que, na matéria, uma substância pode passar de um estado a outro. No plano espiritual, porém, isso não acontece definitivamente. Uma entidade superior pode

baixar sua vibração, mesmo com dificuldade, e ingressar provisoriamente, por alguns momentos, na faixa oscilatória inferior, embora não se adapte a esta última, ao passo que o espírito inferior acha-se impossibilitado de penetrar o plano superior, tal qual o homem que usando aparelhos especiais, desce às profundezas dos mares, mas os peixes não podem vir e viver no ar atmosférico.

—oOo—

DOUTRINAÇÃO

A Umbanda, religião pertencente ao Espiritualismo, além de seus rituais, cerimônias, trabalhos, etc., tem ainda uma doutrina, isto é, um conjunto de princípios e fundamentos que servem de base a um sistema religioso. Calcado nesse alicerce, possui também a sua parte doutrinária, sustentáculo de todo o seu objetivo e finalidade.

Ela não é somente ritual, ou seja, prática formal visando a uma causa materialista. Há, outrossim, o lado espiritualista, no qual busca a razão da existência. Donde viemos, o que fazemos e para onde vamos. Estes últimos conhecimentos dão ao ser humano a explicação racional de sua vida. Para que e porque ela existe. Dentro da amplitude desse conceito filosófico, há deveres e obrigações que devem ser respeitados, sem o que o homem, não entendendo o motivo de sua estada na Terra, nem a própria razão de ser o que é, procura apenas viver, já que para isso nasceu e está vivo. Se pratica algum culto é porque teme secretamente algo sobrenatural. Assim, desconhecendo sua origem e razão de existir, por inconsciência, indiferença, negligência ou ignorância dos princípios espiritualistas, se torna materialista, sem o perceber, pensando tão somente em termos de viver até a morte física, esquecendo o que virá depois.

É certo que nós, umbandistas, temos práticas materialistas; aliás, todas as seitas têm. Mas, não devemos esquecer que o lado espiritual é o verdadeiro, duradouro, eterno, enquanto o lado material é enganoso, passageiro e perecível. Daí a necessidade de nos espiritualizarmos, evangelizando-nos, porque o outro lado é mais vantajoso. Por isso, a certeza de que a moral evangélica se sobrepõe à prática ritualística; a espiritualização se eleva acima da simples e pura incorporação passiva. A mediunidade é uma prova da existência da vida além da sepultura, eis que lidamos, pela faculdade mediúnica, com seres fora do corpo físico e um meio que

se nos oferece para, através dela, instruirmos e aprendermos os fundamentos e princípios da Espiritualidade.

Tal não acontece em certos terreiros, onde seus dirigentes dão mais valor à prática do ritual, achando que apenas incorporando orixás, guias e protetores, já é o suficiente, o todo, o tudo, quando mediunidade é só uma pequeníssima parte da incomensurável sabedoria universal.

A maioria dos que militam em terreiros, tendas, ilês e outros, aí trabalha mais por temor, que vontade de conhecer toda a Verdade Espírita. Freqüenta as sessões por imposição do receio, de que a vida não lhe correrá bem, se não desenvolver e trabalhar, dando passividade ao orixá-guia, procurando com isso diminuir simplesmente problemas aflitivos. Vão a terreiros em busca de algo que não sabem definir, explicar, a não ser a solução de seus casos complicados. Só sabem que precisam ir, se não, continuam sofrendo. Como, geralmente, o pai ou a mãe de santo também procura tão somente fazer a parte que lhes cabe, sem a devida aquisição de entendimento e cultura espiritual, deduz-se que poucos entendem de espiritualismo. Nem se interessam. Julgam que o guia sabendo, já basta, é tudo.

Porém, não é assim. Umbanda não é pura incorporação, ritualismo, coreografia. Há muitas outras coisas a aprender, as quais constituem verdadeiramente o conteúdo da religião, o seu íntimo, a sua essência. O ritual é secundário. É unicamente uma forma exterior de culto e adoração, peculiar à Umbanda. Mas, há outra forma interior, que se chama doutrinação, conhecimento e aprimoramento espiritual, que é a base primária e primordial em que ela se assenta e que fornece o método mais seguro, racional e eficaz de evitar-se futuras privações e provações, do que pretender-se a fugaz e parcial resolução de problemas mentais, psicológicos, físicos e materiais, agentes de complexos processos reencarnatórios provenientes de dívidas de existências anteriores, nas quais vivemos tal qual nesta encarnação, isto é, não nos interessando, por negligência, conhecer as causas que geraram hoje toda a bagagem do sofrimento, angústia e males que inconscientemente teimamos em colocar sobre nossos ombros.

Portanto, vamos nos aperfeiçoar em conhecimentos espiritualistas, procurando a razão de certos atos e fatos que nos sucedem e buscando a lógica dos principais acontecimentos que atuam tanto em cada um, como em toda a humanidade.

—oOo—

FANATISMO RELIGIOSO

Em todas as seitas, religiões, credos religiosos, desde a mais remota antiguidade, sempre existiram fanáticos prejudicando o culto que professam, trazendo-lhes prejuízos morais quando não se exterminam obsessivamente. O fanatismo religioso é fato largamente comprovado em todas as épocas da história universal. Haja vista as Cruzadas, na Idade Média; a Noite de São Bartolomeu, em Paris; as guerras religiosas do passado e no presente, na Irlanda, Europa e Oriente Médio; as perseguições religiosas entre os próprios protestantes, na América do Norte; os santos mártires; o Circo Romano; as flagelações do Oriente, notadamente na Índia e tantos outros casos que seria aborrecido enumerá-los. Há-os de verdadeiras aberrações, casos mórbidos de Paranóia (doença mental que se caracteriza por idéias fixas alucionatórias), verdadeiro contraste com o fundamento ético religioso, que busca oferecer equilíbrio mental. As doutrinas procuram harmonizar a mente do homem com suas atividades, oferecendo paz de espírito, consciência tranqüila, fé em Deus, confiança no futuro e, sobretudo, resignação ante as adversidades e compreensão da vida, mesmo parecendo ela incoerente face aos defeitos e às imperfeições do ser humano, culpa exclusivamente sua, pela assimilação do Mal e adaptação a ele, por julgá-lo mais agradável, cômodo e fácil, que a prática do Bem, da Caridade e do Amor, qualidades e virtudes a oferecer-lhe realmente uma existência sadia e harmoniosa.

O fanatismo torna o indivíduo cego, já que o coloca intempestivamente nos excessos psíquicos religiosos, às vezes agravados com a cegueira do egoísmo disfarçado. Mesmo nas seitas cristãs, profanas e pagãs havia-os em quantidade. Antonio Conselheiro, na Bahia, em fins do século passado, levou milhares de pessoas a resistir até a morte, sem nenhum proveito espiritual; na Guiana, recentemente, novecentas pessoas foram levadas ao suicídio coletivo, por um fanático, sem qualquer motivo lógico ou racional; em Campina Grande, na Paraíba, havia um dirigente de seita que fez com que indivíduos insensatos e ignorantes vendessem tudo quanto possuiam para segui-lo e... esperar o fim do mundo que, conforme avisos de uma "médium" que se dizia porta-voz, atentem bem, de Jesus Cristo, aconteceria no dia 13 de maio de 1980, contrariando a própria Bíblia, onde não lemos tenha o Mestre precisado data para tal, nem tampouco falado em fim do mundo, mas em fim dos tempos.

Esses destruidores do bom senso, hipnotizados pela obsessão de algum exu ou quiumba zombeteiro e maldoso, vestem-se de

cordeiros para dirigir ovelhas. São cegos guiando cegos, cuja queda no abismo tenebroso da miséria moral é líquida e certa. João de Freitas, em seu livro "UMBANDA", refere ao fanatismo como "horrorosa chaga social gerada pela obediência cega aos ditames de uma doutrina sem o devido raciocínio".

Na Umbanda, como não poderia deixar de ser, há os empolgados, os fantasistas, os deslumbrados. Só que, felizmente, agem mais acionados por vaidade pessoal ou interesse próprio e seus efeitos, embora perniciosos a nós, são mais leves. Não atingem proporções catastróficas, vulto de massacre coletivo ou mesmo de um assassinato, como ocorreu em Cantagalo, no Estado do Rio, e sucedem a outros grupos e pessoas religiosas. Os acontecimentos grotescos e lamentáveis equivocadamente a nós atribuídos, eclodem isolados e individuais, geralmente ocasionados por quem lida com a "outra banda" — ou seja, magia negra, Quibanda — que sabemos não ser Umbanda.

—oOo—

MATERIALISMO OU COMODIDADE?

Conversava com algumas pessoas, quando o assunto caiu em religião. Uma delas, demonstrando ceticismo, afirmou que, a seu ver, tudo se acaba, quando se morre. Por isso procurava gozar a vida naquilo que ela tem de melhor: prazeres, orgia, comida, dinheiro, etc., pois, morrendo, nada levaria. Não gosto de discutir crenças ou correntes filosóficas. Mas às vezes é preciso. É necessário instruir.

Ora, quanto à afirmação, ou melhor, ao ponto de vista, respeito-a, por compreender a situação de seu dono. Vê-se que é materialista ou ateu: não crê na existência de vida fora da matéria orgânica, nem em Deus. É um coitado. Filho com vergonha de dizer que o Pai existe. O seu futuro é vazio. O nada absoluto. Esquece ele, porém, que nada neste mundo morre e desaparece. Nem a matéria, base de sua crença. Lavoisier, célebre químico francês, já afirmava cientificamente "que nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma". Se a própria matéria não se destrói, calculem a alma, algo independente da matéria e pré-existente antes dela. Percebe-se que as idéias negativas da existência de Deus e da sobrevivência do espírito, adotadas pelos materialistas, são inferiores às de qualquer humano, por mais rude e ignorante que seja, pois os antigos, abrangendo o homem das cavernas, os índios,

os bárbaros, os pagãos, tinham percepção bem mais superior, eis que acreditavam em um ser supremo, criador do céu e da terra e na vida extra-corpórea.

Com efeito; quem estuda o universo, nota a inteligência, a racionalidade, a perfeição que regem os mais ínfimos pormenores nele existentes. A matemática, a harmonia, a ética, tudo concorre para a lógica, à correção, provando a existência de um ser inteligente. E uma obra inteligente só pode ter sido feita por um sábio. O acaso, o imprevisto, a geração espontânea ferem o bom senso. Não se concebe matéria inerte criar efeitos inteligentes... O ser vivo sempre proveio de outro vivo. A substância morta, estéril, improfícua, não pode gerar seres, principalmente vivos. Se tal ocorresse, não seria essência morta.

O argumento é o de que nenhum morto voltou para contar como é o outro lado. Puro sofisma, produto da indiferença e da idéia fácil. É mais cômodo negar a existência de vida fora da matéria, que buscar a verdade. Raciocinar, pesquisar, para saber onde está a realidade, ninguém quer. Assim, preocupam-se mais em saber o dia do pagamento, o lucro nos negócios, se vai ser feriado na sexta, se o time deles vai ganhar, comentar erros dos outros e os mais variados assuntos triviais mundanos. Não vão a centros espíritas, a terreiros, não consultam livros espiritualistas, não pesquisam, não estudam a racionalidade da existência. Não procuram saber donde vimos e para onde vamos. Não percebem a perfeição de tudo, inclusive da matéria, dos órgãos, dos membros que lhes compõem o corpo frágil e do cérebro, sede da alma, cujas propriedades, tais como a inteligência, o raciocínio, as idéias, a memória, não podem ser produtos da matéria infecunda, sem o princípio espiritual, pois conforme se observa de um cadáver, é ele apenas um monte de carne a apodrecer e a alimentar vermes, outras formas de vida.

Por que não estudam a filosofia espiritual? Por que não pesquisam as comunicações dos supostos "mortos"? Por que não buscam ouvir os pretos-velhos, os caboclos, os baianos, nos terreiros? Ah! Mas é muito trabalho. Cansa. Então preferem pura e simplesmente negar, por ser mais fácil, mais cômodo, a procurar a verdade insofismável da espiritualidade a bater-nos à porta da ignorância e da indiferença. Quando se lhes depara algum caso insólito de aparições, efeitos físicos, materializações, mediunidade, alegam truques, charlatanismo, ilusão dos sentidos, alucinações e outras explicações vãs. Se lhes aparecesse um parente falecido, diriam projeção da mente. Ainda assim, não acreditariam, aliás, confirmando o que o mestre Jesus, o nosso Oxalá, afirmou: "o

pior cego é aquele que não quer ver". De fato não querem enxergar, porque teriam de acreditar em algo além da matéria bruta e tal não se coadunaria com seus ociosos conceitos filosóficos, ainda com a agravante de acusar-lhes orgulho, indiferença, comodismo e presunção, sugerindo mudança na consciência pecadora, não muito conveniente aos seus interesses terrenos.

Entretanto, como disse alguém: "Já que os vivos não querem acordar os mortos, os mortos aí estão acordando os vivos"...

—oOo—

II — DOGMAS RELIGIOSOS — CONSIDERAÇÕES

VOCÊ ACREDITA EM ASSOMBRAÇÃO?

O rapaz dançara com a moça a noite toda. Ao levá-la para casa, cedeu-lhe a capa para se abrigar da chuva fina e aborrecida que saracoteava no ar úmido da madrugada. No outro dia, ao cobrar o casaco emprestado, levou um choque. A mãe da moça jurava haver a filha falecido há muito tempo e para confirmação mostrou uma fotografia, reconhecendo o mancebo ser a da jovem com quem dançara. O moço duvidou. Foram ao cemitério a fim de dirimir as dúvidas e lá, sobre o túmulo, estava o abrigo emprestado.

Este caso, muito comentado e discutido, dizem acontecido na cidade de Santos. Houve prós e contras a respeito da existência de seres do outro mundo.

Silveira Bueno conta em um de seus livros gramaticais, curioso caso, adjetivado por ele de maravilhoso. Uma moça desce a avenida São João, em São Paulo, quando é interpelada por um rapaz magro, pálido, perguntando se ainda reside em Vila Mariana. Ante resposta afirmativa, solicita um favor: vá a casa da mãe dele, vizinha à da jovem e dê um recado. Ela concorda em transmití-lo. Porém, retornando a sua residência, a moça esquece a mensagem. Súbito, o telefone toca e do outro lado da linha uma voz alerta-a do esquecimento. Incontinenti, dirige-se à casa indicada. A genitora do rapaz estranha o recado, alegando ser o filho, com quem a jovem conversara, falecido há algum tempo. Ante a incredulidade de ambas, a velha exibe um retrato do filho morto. "É este mesmo! Lembro-me bem de sua fisionomia!", exclama a jovem emocionada, acrescentando: "Só que ele tem uma cicatriz embaixo de um dos olhos". "Exatamente — confirma a velha — essa cicatriz é da perfuração da bala que o vitimou, quando imprudentemente limpava uma arma".

Não sabemos onde o conceituado escritor foi buscar o conto. Sugestiva imaginação se inspirado pelo seu cérebro idealizador; maravilhoso mesmo se captado de fonte digna de crédito.

Na verdade, muitos desses casos que circulam por este mundo de Nosso Senhor, trazem certo cunho de veracidade. Quem os conta, bate o pé e jura "por esta luz que me alumia" ou "por tudo

quanto é sagrado", que os viu com os próprios olhos, carimbando-os com o "Reconheço e dou fé" todo especial.

Em Guaianazes, subúrbio de São Paulo, recentemente, um fantasma punha em polvorosa os moradores e a vizinhança de uma casa, quebrando móveis, utensílios, provocando ruídos, arremessando pedras e promovendo desordens, caso inclusive registrado na Delegacia de Polícia. O interessante no caso é as pedras partirem de dentro e não de fora da casa...

No Jabaquara, um avião caiu sobre parte de uma residência, deixando os cômodos restantes "mal-assombrados", o que levou a família lá residente a comparecer a um programa de Televisão, para explicar o fenômeno e pedir ajuda a dirigentes espíritas, padres, pastores, pais de santo, etc.

Na Inglaterra, o Governo nomeou, certa vez, uma comissão de teólogos, psicólogos, médicos, parapsicólogos, para estudar o problema surgido com boatos difundidos, relativos à aparição de fantasmas que nos velhos castelos da Grã-Bretanha, estariam assustando e afastando turistas. A comissão tinha por finalidade provar a inexistência de espíritos. Após algum tempo de pesquisas, investigações, observações pessoais e experiências, os membros do conselho chegaram à conclusão de que, realmente, os fantasmas... existiam!

Malgrado as fraudes, a descrença e o combate que sofrem, estudiosos umbandistas e cardecistas continuam pesquisando os fenômenos referentes ao espiritualismo, buscando neles a certeza e a prova para a firmação do dogma principal e básico, sustentáculo de toda a doutrina espírita: A sobrevivência do espírito após a morte do corpo físico.

O fenômeno da materialização se dá, quando o médium em estado de transe fornece o ectoplasma (espécie de fluido vital) de que o espírito se utiliza para a aparição. Cientificamente é viável a materialização. De uma revista, extraimos os seguintes tópicos que servem aqui como ilustração. É que "baseada na lei da relatividade, a operação — transformar energia em matéria — é teoricamente possível. Só que a energia necessária para materializar uma pessoa de 70 quilos, por exemplo, seria algo extraordinário. A fórmula é a seguinte: $E = mc^2$ ou energia (E) é igual a massa (m) vezes a velocidade da luz (c^2) ao quadrado. Por conseguinte, a energia será igual à massa (70 quilos) vezes a velocidade da luz ao quadrado (300.000 Km. por segundo). Procedida a operação, a energia requerida para materializar um homem seria de $1{,}75 \times 10^{12}$ KWH (Kilowatt-hora) ou o equivalente, numa hidrelétrica, como a de Jupiá, ao trabalho de 293 anos, dia e noite, sem interrupção.

Transformada em calor essa energia, seria suficiente para derreter o minério existente na Serra dos Carajás, a maior jazida de ferro do mundo"...

Acontece que para nós, espiritualistas, não há dúvidas de sua existência e esses fantasmas que assombram casas, aparecem nas ruas, nos aposentos, assustando, avisando, obsediando ou prevendo acontecimentos futuros, orientando e ajudando, são da mesma espécie dos que, nas sessões umbandistas e cardecistas, baixam nos médiuns, conversam, choram, riem, materializam-se, orientam, consolam e realizam fenômenos de efeitos físicos, mas não assustam ninguém, graças ao nosso entendimento da doutrina espírita.

—oOo—

SOBREVIVÊNCIA DO ESPÍRITO

Publicamos atrás, artigos reais de "assombrações", aparições ou casos curiosos relacionados a espíritos desencarnados, que nos impressionam pelas características ou circunstâncias singulares como acontecem. Esses fatos sucedem desde os princípios da humanidade, em toda parte, em todas as épocas.

Quanto à veracidade desses acontecimentos, não se lhes opõem dúvidas. Tanto acontecem com gente ingênua, simplória, como com pessoas sérias e cultas. Em quase toda família, há pelo menos um de seus membros que já teve visões, audições, aparições ou foi testemunha de estranhos fenômenos atribuídos a seres do "Outro Mundo".

No entanto, nada têm de estranho, curioso ou inexplicável e prova uma certeza: a sobrevivência do espírito após a morte do organismo carnal. Nós somos constituídos de corpo material, perispírito e espírito. Pois bem. Quando "falecemos", o que morre, ou melhor, se decompõe, se desintegra, é apenas o corpo físico. O espírito, como criação de Deus, símbolo da vida, não se desagrega ou morre, mas se desprende, acompanhando o perispírito — espécie de corpo fluídico idêntico a uma névoa, neblina, imperceptível e invisível — e sobrevive para ingresso na vida espiritual, que é o mundo real do espírito.

Aliás, todas as religiões, inclusive as dos antepassados mais remotos, e as dos indígenas, admitem o homem como ser imortal. Até a pouco tempo, quase nada se sabia a respeito da alma. As aparições, visões, audições, relatos, acontecimentos invulgares, base dessa imortalidade, embora freqüentes, eram explicados apenas pela fé, uma fé cega, irracional. Com a codificação do Espiri-

tismo, estudos e experiências levadas a efeito nesse setor, pouco a pouco foi-se tendo entendimento e certeza de que não morremos, não entramos no nada absoluto, nem repousamos, aguardando julgamento final.

A mediunidade utilizada pelos umbandistas, cardecistas, teosofistas, a filosofia do Budismo, Hinduismo, as ciências ocultas dos caldeus, babilônios, assírios, egipcios, dos gregos, vieram à parte, iluminar idéias obscuras que se fizeram a respeito do prolongamento da vida, através do espírito, provando até a possível comunicação entre vivos (encarnados) e mortos (desencarnados).

Recentemente um médico iniciou uma série de investigações sobre o assunto, inquirindo pessoas consideradas clinicamente mortas, nas quais o coração havia parado, o sistema nervoso central não reagia a qualquer estímulo, não respiravam, isto é, perderam totalmente as funções vitais, por espaço que variavam entre 5 a 20 minutos, prevendo-se que o paciente expirara. Através de massagens no coração, respiração boca a boca, injeções reativantes, choques elétricos e aparelhos científicos, conseguiram "ressuscitá-las". Essas pessoas interrogadas sobre o que viram e sentiram no estado em que eram consideradas mortas, revelaram pontos coincidentes, não deixando dúvidas quanto à imortalidade da alma.

Foram unânimes em afirmar que experimentaram sensação de bem-estar; sentiram espécie de vertigem num imenso túnel, onde, do outro lado, viram intensa luz, jamais vista no mundo material; notaram estarem ainda ligadas ao corpo físico por pequenos cordões etéricos luminosos; que, após alguns instantes, se viram obrigados por uma força desconhecida a retornarem à vida material, pois não queriam regressar; outros, que, nesse lapso de tempo, reencontraram amigos e parentes já falecidos, que os vieram ao encontro; alguns disseram, atentem bem, se encontrarem fora de seus corpos físicos, assistindo aos esforços de médicos e enfermeiros para restituirem a vida a seus organismos inertes...

Vários contaram que seus espíritos, separados do corpo, assistiram, como meros espectadores, às conseqüências de acidentes, nos quais viam seus corpos ensanguentados e estirados ao solo ou presos às ferragens dos veículos destroçados.

Muitos incrédulos têm-se convencido da realidade da vida após a vida, quando, perdendo entes queridos, inconformados, revoltados até, procuram explicações ou consôlo, recorrendo ao Espiritismo. Assim, dirigem-se ao médium Francisco Cândido Xavier, do qual obtém mensagens, cartas e bilhetes psicografados de parentes falecidos. E não suspeitam nem duvidam quando lhes são entregues, pois o estilo, o modo, o tratamento íntimo, as confi-

dências pessoais e a própria assinatura são prontamente reconhecidos, porque a mensagem deixa patente ser o morto quem a transmite, pois fala de outros parentes, inclusive o falecido indagando de pormenores, problemas, que só os familiares conhecem, tais como apelidos, tratamentos carinhosos, fatos acontecidos, nomes de animais de estimação e outros detalhes íntimos da vida da família, que o médium desconhece, jamais ouviu falar.

Os espiritualistas não precisam de provas científicas, por tais fatos serem evidentes em sessões nas quais participam e crêem indubitavelmente na sobrevivência do espírito após a morte. Nôlas mostram os trabalhos rotineiros mediúnicos onde se incorporam, materializam-se almas que se comunicam conosco, provando que a vida não termina na sepultura.

—oOo—

PORQUE NÃO ENXERGAMOS ESPÍRITOS

Uma das interrogações mais freqüentes é sobre a faculdade de somente alguns médiuns videntes enxergarem ou dos auditivos escutarem espíritos não materializados. Isso se dá por uma predisposição dos órgãos da visão ou audição, de certas pessoas, que os possuem especialmente desenvolvidos. Muita gente não acredita nessa realidade, nem que exista o mundo invisível de almas que nos rodeia, por julgar fantasia ou alucinação de quem os vê ou os ouve e simplesmente descrerem, por não compreenderem, da existência de outro mundo no mesmo plano material, embora espiritual, pelo simples fato de não poder ser visto por todos.

Atribuem o fenômeno a alucinação, mistificação, projeção da mente, miragem, etc., cujas explicações não chegam a explicar coisa alguma, mas esclarecendo apenas a posição de descrença e a disposição preconcebida em não admitir tal fato.

Até a pouco tempo, a ciência acadêmica admitia tão somente três estados da matéria: sólido, líquido e gasoso. Hoje, sabe-se de outros estados, tais como o etérico, o magnético, o fluídico, o astralino e outras formas sutis de matéria que, apesar da invisibilidade, constituem estados independentes entre si, podendo ser enquadrados ou aproveitados em forma de energia. Embora não vistos, logicamente existem. Aliás, a solidez da matéria depende da coesão de suas moléculas. Quanto mais desligadas, mais informe a substância.

O sentido da visão no homem é tão imperfeito, que necessitou ele de construir aparelhos para suprir essa deficiência. Para

tanto, a fim de ver o infinitamente pequeno, onde vivem microrganismos, desconhecidos e negados pelas gerações passadas, precisou inventar o microscópio; para penetrar o mundo infinitamente grande, o espaço sideral, onde movem infindáveis corpos celestes, teve de construir telescópios possantes, que o faz ver à enorme distância da Terra. Esse macrocosmo era-lhe desconhecido desde séculos atrás. Seus olhos não o atingiam.

Tudo o que vemos e ouvimos são produtos de vibrações. Assim é que um objeto luminoso só nos impressiona a retina, quando estiver vibrando na faixa compreendida entre 450 a 700 trilhões de vibrações por segundo. Tal o caso do som, também produto vibratório, que só tangem nossos tímpanos, quando na freqüência oscilatória entre 16 a 32.000 vibrações. O que estiver aquém ou além das respectivas faixas, não vemos nem ouvimos. Se o som vibrasse com maior intensidade, ou seja, na mesma faixa da luz, poderíamos ver o som... O mesmo sucederia se a luz vibrasse na mesma faixa do som. Poderiamos escutá-lo.

Ora, um espírito sem o corpo orgânico, vibrando aquém ou além dessa faixa de visão material, nós não podemos vê-lo. Como sabemos que a linguagem de que se utiliza para comunicar é o pensamento e este emite micro-ondas magnéticas, claro que não o podemos escutar. O mesmo se dá com as cores, também vibrações. O vermelho pulsa numa faixa diferente da do azul ou da do amarelo. Porém, existem cores que não percebemos, por escaparem ao nosso campo visual. Tais são os raios ultra-violetas e infravermelho, muito utilizados na Medicina. E não vamos longe. No ar que respiramos há milhares de sons e imagens, emitidos por rádio emissão, cruzando-se no espaço, sem se acasalarem, que nós não ouvimos nem vemos, por estarem em altíssima freqüência — quilociclos e megaciclos — somente audíveis e videntes através de captação e ampliação por aparelhos receptores e conseqüente transformação por intermédio de peças elétricas em ondas sonoras ou imagens.

Os médiuns videntes e auditivos, por uma disposição peculiar aos seus sentidos de visão e audição, têm a propriedade de sintonizarem a zona de vibração dos espíritos, vendo e ouvindo-os. Essa disposição é-lhes dada em condições especiais. Não é distribuida a todos indistintamente e com muita razão. Se vivêssemos dia e noite a ver almas desencarnadas junto a encarnados, sem sabermos se são vivos ou mortos, ouvindo uma infinidade de vozes misturadas, em diversos idiomas e dialetos, seria uma balburdia fantástica, que não nos deixaria sossegados. Eis por que Deus,

em suas sábias e lógicas leis, soube colocar cada ser, coisa ou objeto em sua vibração própria e devida.

A espécie animal nos fornece significativos exemplos: o cão tem o sentido olfativo (do cheiro) bem maior que o do homem, distinguindo perfeitamente a vibração individual de cada um; o gato e a coruja enxergam no escuro; o morcego se guia pelo radar; e outros mais que conhecemos. O mais curioso é que o cão e o cavalo enxergam espíritos. Há sinais evidentes, pois quem não sabe de fatos nos quais se portam de modo esquisito, sem causa aparente: o cão uiva e se inquieta; o cavalo empaca e hesita em locais tidos por mal-assombrados. Que digam os vaqueiros.

A alegação — tornada infantil face às explicações espíritas e científicas — de que não pode existirem mundos povoados de seres diferentes em suas constituições num mesmo plano, por não os enxergarmos, não procede, nem tem mais base quer racional, filosófica, científica ou religiosa.

—oOo—

CÉU E INFERNO

O espírito, se não morre, onde fica após o desenlace do corpo material?

Religiões tradicionais nos explicam que, conforme o modo de vida que levou na Terra, vai para o céu, purgatório ou inferno. Existe quem afirme que dormirá no túmulo, até o dia do juízo final, quando haverá ressurreição. Os maus irão para a esquerda do Cristo: o Inferno; os bons, para a direita: o céu.

Ambas as teorias são idênticas, inclusive no tocante ao tempo em que permanecerão nos lugares sentenciados pela conduta terrena: a eternidade!

Semelhante conceito ou dogma religioso não resiste a uma análise superficial do mais leve raciocínio. Em primeiro lugar, antes de entrarmos na base lógica, perguntamos: Se uma pessoa vai para o inferno, ficará sofrendo para sempre, sem meios de lá sair. Quem for para o céu, permanecerá infinitamente gozando as delícias do Paraíso Celeste. Mas, que ficará fazendo no céu: Dando vivas ao Criador? Louvando-O eternamente? Dando-Lhe hosanas indefinidamente? Servindo-o como a um rajá, rei ou califa? Será que nosso Pai é tão vaidoso que necessita disso?

De outro lado. Seria o espírito feliz nessa ociosidade perene? Seria Deus egoista a ponto de requerer que seus filhos entoem loas à sua onipotência? Absolutamente não! O homem em sua

ignorância e presunção O julga assim. Fá-Lo antropomórfico, atribuindo-Lhe todas as fraquezas humanas, invertendo valores. Daí, é de se supor não haja Deus criado o homem à sua imagem e semelhança e sim o homem é que O criou à sua cópia e identidade... Até neste ponto, notamos falhas provenientes da imaginação do ser humano. Mas, vamos ao contra-senso maior, sobre o destino da alma, oferecido pòr algumas religiões.

Suponhamos uma mãe amorosa, cuja vida foi inteiramente dedicada ao filho amado. Ela morre e vai para o céu. Porém, seu filho dileto, por pecados, frutos talvez da imperfeição, instintos e fraquezas humanas e naturais, também faleça e vai para o inferno. Raciocinem: Estaria ela realmente feliz no Paraíso, sabendo estar o filho querido no inferno, sofrendo eternamente? Teria efetivamente alegria ao vê-lo padecendo, sem possibilidade de salvação? Ou embora o tenha amado na vida material, morrendo seu corpo físico, morreu-lhe também o amor maternal, o mais sublime amor que se conhece? Mas, não foi precisamente esse amor soberano, a paixão afetuosa dedicada ao fruto de seu ser, a causa de sua ida ao Lar Celeste? Pode o ser humano, cujo amor incondicional o levou para junto de Deus, perder a amizade, o afeto, o carinho doados com calor e entusiasmo ao filho, pai, mãe, irmão, irmã ou amigo durante muitos anos, não mais os possuindo só porque foram para o inferno?! Então o seu amor — aquele do qual nos falou Jesus — era fingido, hipócrita, fugaz, pois no céu, em pleno júbilo devocional, esse sentimento profundo não mais habita seu coração! Porque se ainda o abrigasse, em hipótese alguma deveria sentir-se contente e feliz, sabendo haver um ente amado sofrendo eternamente nas regiões sombrias... Como harmonizar esse dogma doutrinário ante a discrepância insensata do argumento? Nenhuma pessoa bondosa, benevolente, caridosa aprovaria essa situação. Desejaria, isto sim, descer do céu, abdicar de seus gozos celestiais, para estar junto ao ser querido! Ninguém que cultive o verdadeiro amor, mesmo cá embaixo na Terra, aceitaria decepcionante circunstância ou fato.

Céu e inferno são situações mentais por nós criadas, sendo o último uma condição transitória para quem semeia trevas e suplício ao seu redor, através do desequilíbrio nas leis divinas. Ora, se quebramos a lâmpada que nos ilumina e não recolocamos outra em seu lugar, logicamente teremos de tatear no escuro. Se sujamos a água límpida do poço e não a limpamos, teremos de beber o líquido sujo. É a lei, evidente e racional. A sobrevivência do espírito após o desencarne e sua permanência no espaço — o seu

lugar próprio, pois é imaterial — serve como tomada de consciência para observar erros, falhas e pedir a volta ao organismo carnal, para depurar-se, reajustar-se na lei do amor e reequilibrar-se nas regras morais, descarregando para a terra — abençoado pó — através do sofrimento redentor, as impurezas que ainda porta consigo, para, então, despojado dos vícios e instintos materiais, evangelizado e puro, evoluir-se a planos mais elevados, onde todos, cedo ou tarde, reencontrarão pais, filhos e irmãos, formando novamente a família espiritual.

Céu e inferno não existem como regiões geográficas demarcadas, senão como condições mentais criadas pelo próprio indivíduo ao seu redor. É certo haver na espiritualidade, ou melhor, na dimensão em que se encontram as almas, lugares sombrios, tristes, angustiantes, tais quais círculos de sombras, onde elas procuram situar-se, por ser o plano sintonizante com a freqüência vibratória trevosa de cada um. Entretanto, a permanência ali depende do próprio indivíduo e será por tempo mais ou menos longo, conseqüência da intensidade dos atos maus praticados. Nunca eterno, contradizendo a bondade e a justiça de Deus.

—oOo—

VOCÊ ACREDITA NO DIABO?

A Umbanda, embora religião mesclada de espiritualismo e cultos afros, ainda possui adeptos que creêm no diabo. Aliás, há até quem garanta que o exú é o diabo. E pintam-no e o esculpem à semelhança do satanás bíblico. Talvez, fruto do condicionamento trazido de outras doutrinas, sob as quais foram educados por tradição familiar, ou desconhecimento dos ensinos espiritualistas.

Belzebú, Lúcifer, Demônio, Capeta, Tinhoso, Coisa ruim, Gênio do Mal e outros nomes que o denominam, é figura lendária criada pela imaginação de povos antigos e nos moldes da figura humana, que lhe atribuiram todas as características da maldade do homem. Diz a lenda que Deus criara um anjo tão perfeito e luminoso, que o chamou Lúcifer, ou seja. anjo de luz. Esse anjo, posteriormente, pretendendo o trono de Deus, rebelou-se contra Ele e, reunindo uma legião de outros anjos que o seguiram, travaram violenta batalha no Céu, tendo Lúcifer sido derrotado pelo anjo Gabriel e atirado à Terra, juntamente com seus seguidores, tornando-se o anjo mau e senhor das trevas.

Percebe-se que tal narrativa peca pela lógica. Não se compreende como o anjo perfeito, por isso isento de ambições, co-

biças, maldade, imperfeições, ignorância, fraquezas, haja sido tão ingrato e mau, a ponto de ambicionar o lugar de Deus. Ora, um ser humano como nós, vá lá, seja passível de erros e fraquezas. Mas, um anjo perfeito? Jamais! Quando a criatura chega à condição angélica, torna-se pura e perfeita, despojada de quaisquer falhas ou vícios, principalmente dos de cobiça. Ou, Lúcifer não era perfeito, nem possuia luz. Supondo-se o tivesse realmente, então Deus se enganara ao criá-lo... ou não sabia o que iria criar... É certo também que a bondade do Pai nunca criaria um espírito eternamente votado para o Mal. Mesmo que houvesse criado anjos puros para depois se rebelarem contra Ele, Deus não seria onisciente, pois não tivera capacidade de prever o futuro — coisa que qualquer médium faz — a ponto de frustrar-Se, pois equivocara-Se na criação de seus filhos.

Esse cavalheiro, o Sr. Diabo, não pertence aos cultos afros, nem é seu orixá. O espiritismo o desconhece como tal. Logicamente, também o ignoramos. Acreditamos, sim, em espíritos imperfeitos, que se comprazem no mal, tal qual crianças teimosas... Nunca, porém, mantendo-se eternamente nessa conduta, nem possuindo Inferno para atormentar indefinidamente infelizes irmãos que erram por imperfeições ainda latentes em seus espíritos. Não se concebe criatura inteiramente voltada para o mal, a disputar o trono celeste. Se assim fôra, teríamos dois deuses: o da luz e o das trevas, com o risco de o segundo vencer e nós pertencermos ao reino das sombras, o que seria desastroso para Deus e, consequentemente, para o gênero humano.

Ademais, o Diabo, em que acreditam, já deve estar desmoralizado, fazendo jus à aposentadoria por ineficácia, vez que tem sido ultrapassado em maldade pelo próprio homem. Basta ler a História Universal: Àtila, Anibal, Gengis-Kan, Nero, Cezar, Hitler e outros. Acresce, ainda, malgrado o avanço da Ciência, que ele continua a utilizar o caldeirão de água fervente para cozinhar o pecador, o tridente para espetá-lo como churrasco ou o forno para assá-lo ao molho de enxofre! Falta de imaginação ou atraso científico? O homem já o ultrapassou em sadismo e maldade. Imaginem o pobre diabo triste e frustrado em seu poder maligno ao apreciar o homem que, operando a ciência e a tecnologia, com o poder de inventar máquinas capazes de prolongar o sofrimento de seu semelhante, ou matá-lo mais rapidamente, jogando apenas uma bomba atômica sobre uma cidade e reduzindo a trapos e cinzas um milhão de pessoas, coisa que o diabo jamais foi capaz de fazer!...

É como diz aquela frase pitoresca: "Do jeito que andam as coisas, o diabo nada mais tem a fazer; o homem está agindo por conta própria..."

—oOo—

A REENCARNAÇÃO

Certa feita, alguns confrades espíritas visitavam as Casas André Luiz, em São Paulo, quando depararam uma criança cega, muda, surda, toda torta, ainda débil mental, ali abandonada pelos pais. Sensibilizados, procuraram, posteriormente, saber a causa por que a criatura passava por tão dura prova. À noite, em sessão no centro espírita, perguntaram ao guia do templo, o motivo pelo qual o pobre ser humano era submetido àquela terrível provação. A resposta caracterizou-se pelo bom senso: "No passado, aquele espírito fora comandante de legiões romanas e tinha por prazer mórbido e sádico, arrancar olhos, orelhas, língua e mutilar prisioneiros indefesos capturados durante as batalhas".

Apesar de lógica, nem todos os credos religiosos ou correntes filosóficas estão de acordo com a Reencarnação. Há quem não a aceite, acreditando possuir o ser humano apenas uma vida. Como conciliar a crença de uma só existência à Justiça, Bondade e Sabedoria de Deus, sabendo-se existirem acentuadas diferenças sociais, distinção de raças, desequilíbrio na estética física pessoal, aleijados, cegos, surdos, mudos e doentes incuráveis desde o nascimento? Por que — perguntamos, crendo haja somente uma vida — Deus concederia privilégios a determinados indivíduos, dando-lhes tudo de bom e do melhor, mas privando outros de normalidade física, do mínimo necessário à sobrevivência, de situações estáveis, normais? É inconcebível alguns nascerem perfeitos, em berços de pais ricos, equilibrados mentalmente, belos, inteligentes, enquanto seus irmãos vêm à Terra cegos, aleijados, feios, tortos, miseráveis, loucos, passando a vida inteira em duras privações e provações, porque somos todos filhos do mesmo Pai.

Será que Ele, magnânimo e justo, teria protegidos, beneficiando uns, mas desamparando outros? Por que essa vantagem, esse deferência injustificável se todos nascem apenas uma vez e isentos de débitos pretéritos? Ou a culpa de pais pecadores recai sobre o filho inocente? Sem o dogma da reencarnação muitos problemas e situações permanecem sem explicação aceitável, ferindo a razão. Allan Kardec aborda inteligentemente o assunto e

no livro "O Que é o Espiritismo", esclarece: "Se provado está que certos efeitos são inteiramente inexplicáveis sem a reencarnação, forçoso é admitir que são, portanto, conseqüência dela".

Quando alguma pessoa me afirma que não crê na pluralidade das existências, peço-lhe apenas que me apresente outra teoria, crença ou filosofia mais exata do ponto de vista racional, para justificar as diversas e diferentes situações e condições humanas. A resposta é sempre a mesma: "Sei lá! Não entendo essas coisas"...

Pela reencarnação, temos oportunidade de completar, em outra ocasião, o aprendizado espiritual iniciado em época anterior. Se não, como fazer com que todos se aperfeiçoem em apenas uma vida? Lembremo-nos dos povos antigos, pensemos nos selvagens, julguemos os loucos, as crianças que morrem em tenra idade, o homem das cavernas, os ignorantes, os bárbaros e outros, cuja formação precária, deficiente, não os capacitam a ingressar em planos superiores. Onde iriam obter nova oportunidade para aprimorarem o caráter e se redimir de faltas, erros e pecados irresponsáveis? Na sepultura, no espaço ou no Inferno? Na primeira não há condições; no segundo, nem nisso acreditam, isto é, que o espírito vá para o espaço; no Inferno é irreversível: a criatura, segundo certas correntes religiosas, jamais sairá de lá. E então? Onde e quando?

A reencarnação é a resposta para certos fatos. Resposta racional, lógica, justa, acertada. Pouco importa se alguém a aceita ou não. Sempre afirmamos e tornamos a repetir: A reencarnação faz parte das leis sábias e justas de Deus; e se de Deus, são sensatas e imutáveis. Portanto essas leis se executam, independente de nossas opiniões ou crenças.

Eis, abaixo, um dos problemas intrincados, cuja solução não é encontrada sem a crença na Reencarnação:

AS GRANDES TRAGÉDIAS

Poucos anos após as tragédias dos edifícios Andraus e Joelma, em que centenas de pessoas perderam a vida de maneira terrível e chocante nos pavorosos incêndios, procurou-se explicação para o trágico evento, pelo lado da lógica comum, ou seja, o material, na ânsia de conciliar essas tremendas catástrofes à crença da existência de um Deus boníssimo e piedoso. Não encontrando resposta adequada, buscou-se então o esclarecimento no lado religioso.

Em uma sessão espírita, realizada em Uberaba, algumas pessoas inquiriram a Entidade, que se apresenta e se assina como

Emmanuel, por que Deus, a excelsa Justiça, a perfeição em Amor, a Bondade por excelência, autorizava o desencarne angustiante de várias criaturas, centenas, às vezes, presas e indefesas, como nos dolorosos incêndios, naufrágios, terremotos e outros.

O Espírito inquirido, em racional e inteligente resposta, esclareceu que, efetivamente, aceitávamos Deus como a perfeição em Amor, Justiça e Bondade. E o ser humano, sua criatura, crescendo em compreensão e amor, trás consigo a Justiça latente; assim, torna-se, em qualquer caso, no mais rígido julgador de si mesmo. Por ocasião do regresso da alma, da vida material para o mundo dos espíritos, ela toma consciência de suas próprias responsabilidades e procede ao levantamento de suas imperfeições e dívidas passadas, implorando os meios necessários para saldá-las inteiramente. Nesta circunstância, geralmente ela pede para reencarnar na Terra, em grupos contratados para expiação coletiva de suas culpas.

Dest'arte, conquistadores agressivos do Passado, ambiciosos e opressores de habitantes indefesos, na voluptuosidade do roubo, que retornam à Terra com trabalhos e atividades diversas, porém, com encontro marcado para a morte idêntica e conjunta em desastres fatais;

esfoladores do povo, que lhe sugavam a vitalidade em benefício próprio, pedindo regresso à matéria física para ombrearem e sofrerem juntos a ceifa funesta de pestes e epidemias destruidoras;

fomentadores de conflitos bélicos, armados para o ataque e a violência, pela ambição do ouro e do poder, que buscam fortalecer-se para a correção moral e pedem a volta ao corpo material, para compartilharem a morte julgada imerecida, em sinistros sangrentos e lastimosos;

piratas, que apresavam e incendiavam naus e povoados, subjugando povos e criaturas, em nos olhando de Além-túmulo com seus sentimentos de culpa, solicitam retorno ao orbe terrestre, a fim de resgatarem débitos em passamentos coletivos nos angustiantes naufrágios ou grandes incêndios, sem explicação plausível se não houvera a reencarnação.

Significa, pois, que nós mesmos criamos a culpa e nós próprios procuramos o meio adequado para apagá-la, reeducando-nos e depurando-nos na cruz da redenção, aliás, mais suave, pela misericórdia divina, que o martírio que impusemos a muitos pela nossa incompreensão e maldade.

Embora profundo e complexo o processo reencarnatório, nem por isso deixa de ser lógico e compatível com a Bondade de Deus

— aliada também à Justiça, porque Bondade sem Justiça, não é Justiça, é Baderna —. Ele não impõe castigo ao filho maldoso. Estabelece apenas leis sábias e justas de efeito reeducativo. A criatura humana comete crimes e mazelas; adquire faltas e culpas, desarmonizando-se psíquica e vibratoriamente. Depois terá de pagá-los e resgatá-los, pois, atormentada pelo remorso — que é a própria consciência a acusá-lo a todo instante no mundo espiritual — ela mesma pede a volta à Terra para reparar erros e crimes, reequilibrando-se moralmente dentro da Lei do Amor Universal.

—oOo—

O ESQUECIMENTO NAS REENCARNAÇÕES

Um dos dogmas principais das religiões espiritualistas é a Reencarnação. É um dogma, por isso, aceito incondicionalmente por seus adeptos. Mas, a razão de ser aceito não é porque constitui um dogma e sim pela racionalidade de seu conceito. A despeito, porém, dessa racionalidade, nem todos acreditam em sua ocorrência, duvidando com o simples sofisma de que não se recordam das vidas pretéritas e não sabem estar resgatando dívidas passadas, quando deveriam recordar-se, para se conformarem com as situações incômodas, instáveis ou aflitivas por que passam.

A reencarnação é ponto pacífico, face ao já explicado. Vêmo-la nas diferenças sociais, nos cegos e aleijados de nascença, em casos de algumas lembranças espontâneas, na hipnose retrocessiva, nas provações, na ética espiritual, na bondade de Deus. Por intermédio dela, as oportunidades de purificação, aprimoramento e elevação são renovadas a todos indistintamente, para que ninguém se candidate ao Inferno perene. Os pobres de hoje serão os ricos de amanhã e vice-versa; os aleijados atualmente serão os perfeitos na existência posterior; muitos completos agora poderão ser os mutilados do porvir; os maus e imperfeitos nesta encarnação serão os futuros anjos. Tudo depende do procedimento atual, da semente que plantarem, do uso que fizerem dos benefícios que ora possuem.

Quanto ao esquecimento de existências passadas, esse fator se faz necessário. É imprescindível apagar-se da memória as imperfeições e iniquidades do pretérito, para que a alma reencarnante, com a recordação isenta das chagas que porta, tenha nova oportunidade de expurgá-las livre e inconscientemente. Não vamos citar Allan Kardec em sua maravilhosa codificação espírita, para justificarmos ou reforçar conceitos. Apenas transcrevemos um tre-

cho do livro "Psicologia Geral", de Afro do Amaral Fontoura, sobre o esquecimento, aliás, obra que nada tem a ver com o Espiritismo. Ei-lo:

"O ESQUECIMENTO. Tão importante quanto a memória é o esquecimento. Se não fosse este, não haveria aquela. Com efeito, a cada momento estamos tendo dezenas de impressões, que se acumulam em nosso espírito. Se em determinada ocasião não pudessemos esquecer de todos esses fatos, para só lembrarmos de um, nossa consciência viveria numa balbúria tremenda.

Assim, a cada instante que pensamos num fato, num estado, num projeto nosso, esquecemos momentaneamente de todos os nossos demais conhecimentos. O esquecimento é, pois, força inibidora, permitindo que a cada momento só uma idéia ocupe o foco de nossa consciência.

Mas não é só. Todos os dias novos conhecimentos, novas imagens vêm se ajuntar às anteriores, em nosso cérebro. Devemos ter milhões de noções, de fatos, de impressões, armazenados. Como poderíamos viver e pensar, atormentados por esse cortejo de lembranças, boas e más, de alegrias e desgraças, que nos ocorrem desde a infância? O esquecimento é, assim, a força mágica e benfazeja que permite nos despirmos dos fardos passados para concentrarmos nossa consciência no presente e prepararmos o futuro.

O mal de esquecermos algumas coisas agradáveis, que nunca desejaríamos olvidar, é largamente compensado com o esquecimento das desagradáveis, que estariam sempre a atormentar-nos. Apesar de que, geralmente, é mais fácil nos lembrarmos do que se passou de ruim conosco do que relembrarmos os momentos felizes... É que o mal fere mais fundo, impressiona mais do que o Bem".

Notem os leitores a base racional da explanação. E foi ela aplicada à psicologia do ser encarnado apenas. A uma vida somente. Como se portaria uma criatura pobre agora, se se lembrasse de na outra encarnação ter sido nobre riquíssimo? Que procedimento teria o empregado miserável, se soubesse que na vida anterior fora um rei? Em que situação se achariam os cegos de nascença, se recordassem a luz que viram na encarnação passada e que inteligentemente lhes é tirada inclusive nos sonhos? É sabido que os cegos de nascença não têm sonhos de vidência, porque, se os tivessem, ser-lhes-iam um martírio ou prefeririam passar os dias sempre... dormindo. Não pagariam seus débitos. Qual seria a reação do espírito belicoso do passado, um general conquistador romano, despótico, cruel, que cegava prisioneiros indefesos ou lhes arrancava sadicamente os membros físicos para

gozar o espetáculo e que agora voltasse em um corpo cego, mudo e aleijado? E os loucos e idiotas hoje, que na encarnação passada tivessem abusado de suas inteligências a serviço do mal? Como se portariam com tantas lembranças más a ferir-lhes ainda mais o estado deplorável em que se encontrassem atualmente? Teriam forças e resignação para carregarem a pesada cruz? Ou sucumbiriam inexoravelmente, sabendo o peso do fardo que necessitassem carregar, como depurativo das vibrações baixas acumuladas na alma e reeducação de si mesmos?

E os inimigos que se reencarnam como parentes no mesmo lar, como reagiriam se lembrassem que são desafetos em épocas passadas? E o filho que soubesse que seus pais foram seus algozes? E os irmãos que recordassem terem-se prejudicados como antagonistas perversos?

Sabemos que, mesmo unidos pelos laços da parentela consanguínea, pais e filhos, inimigos do passado, ainda se odeiam; irmãos, educados juntos sob o mesmo teto, guardam inconscientemente rancores que se despertam com violência e explosões emocionais, em disputas sangrentas; esposos que transformam o lar em palco de rixas ciumentas ou arena de lutas conjugais antipáticas e odientas. Se tais fatos, flagrantes e notórios, eclodem instintivamente, quais reminiscências íntimas e inconscientes de existências anteriores como inimigos, que o Alto os reúne agora para cultivarem o amor recíproco, que não sucederia se memorizassem acontecimentos desagradáveis e trágicos de um pretérito escabroso? . . .

Raciocinem, sem idéia preconcebida contra ou a favor do esquecimento. Pensem, analisem e tirem as conclusões. Sintam se há lógica em se esquecer de tudo o que nos sucedeu em épocas anteriores.

No entanto, nem todas as experiências de antanho estão totalmente esquecidas. Acham-se incorporadas ao nosso caráter, à nossa personalidade, guiando-nos em todas as atividades e manifestações individuais. Como herança, pautando-nos a conduta atual, o conjunto de atos e fatos vividos, os sentimentos, os vícios, os hábitos, as tendências, inclinações e temperamentos que tivemos, estão presentes em nossa índole, em nossa disposição, em nossa vontade, personificando e dirigindo-nos a maneira de agir e reagir, sob o aspecto psicológico peculiar de cada um.

—oOo—

Embora pareça sensível a semelhança entre Ciência e Religião, no tocante ao objetivo comum, isto é, proporcionarem conforto à humanidade, no entanto, ambas seguem caminhos diferentes na busca do mesmo ideal. Enquanto uma procura oferecer comodidade material, a outra se esforça em dar conforto espiritual ao ser humano. O homem tem progredido em ciência e tecnologia, mas quase que estacionado em religião, no sentido moral que ela prescreve. Haja vista as grandes descobertas e o progresso alcançado pelos cientistas nos últimos anos. No campo ético-religioso, porém, até parece que regredimos. Nota-se que as religiões tradicionais já não oferecem freios à ação pecaminosa de mais ninguém. Quem hoje tem medo do Inferno e do Diabo? Lucifer foi aposentado por ineficiência e ninguém o substituiu.

A ciência se baseia quase que exclusivamente no materialismo. A religião na fé. A primeira cuida do corpo, a segunda do espírito. Erroneamente nos apegamos mais ao materialismo, quando este deveria ser assessor do espiritualismo, por vir em segundo plano. E a resposta é o que vemos atualmente: uma humanidade ainda sofredora.

Com efeito. Se a ciência conseguiu erradicar ou diminuir algumas doenças, tais como a varíola, febre amarela, coqueluche, etc., outras atacaram assustadoramente. Eis que o câncer, as neuroses, a cardiopatia e outras psicossomáticas hoje incidem com mais vigor pelo globo terrestre. Podemos até prescrever que o conforto material tem trazido desvantagens à humanidade. Atualmente o homem não mais se exercita, andando, pois o carro o deixa preguiçoso; o serviço da cidade, de pé ou sentado substituiu o trabalho movimentado do campo; os eletrodomésticos já não permitem mais à mulher exercitar os músculos; o telefone, a televisão, o escritório, obrigam o homem a levar vida sedentária, e a não mais se locomover. E o resultado é o que vemos: angustias, neuroses, doenças psíquicas, músculos flácidos, obesidade. E no aglomeramento das grandes cidades sente-se só, irritado com a agitação, angustiado, neurastênico. Como perdeu a fé na religião, nada mais o conforta.

Vejamos a contradição científica. Enquanto olhamos estrelas no possante telescópio, não conseguimos ainda curar a miopia e a cegueira; construimos cérebros eletrônicos, mas não acertamos ainda o cérebro humano descontrolado, a debilidade mental ou a simples moléstia psíquica; tapamos a cárie dentária e não

conseguimos fazer nascer um dente natural; construimos veículos rápidos e somos impotentes para curarmos o paralítico. A ciência aperfeiçoa engenhos bélicos mortíferos, fabricando aleijados, cegos, mutilados e neuróticos, que ela mesma não consegue depois consertá-los . . . Todavia, percebe-se que procura curar o corpo, para confortar o espírito.

A religião ao contrário, busca reeducar moralmente o ser humano, dando-lhe entendimento e paz espiritual e cuidando mais da alma. Mais da mente. Isto é, visa a educar e a aprimorar o espírito, para obter também a cura do organismo. É sabido que noventa e cinco por cento das enfermidades do corpo são causadas pela mente. Isto é verdade, pois até os descuidos, a negligência, o egoismo, a vaidade, a ira, a maldade e os excessos, que ocasionam doenças, são produtos da mente desequilibrada. Uma pessoa virtuosa, espiritualizada, de mente sã, não cometeria abusos que lhe resultassem males orgânicos.

Portanto, embora não prescindindo da ciência, necessária ao progresso do gênero humano, vamos nos apegar mais aos preceitos religiosos, a fim de reeducarmo-nos na ciência espiritual, a única que pode oferecer paz, alegria e conforto material e mental à humanidade.

A DOR BENFEITORA

Segundo conceito de religiões espiritualistas, a dor é sempre conseqüência de desajustes, sendo, portanto, um fator de resgate de faltas passadas. Em que pese o radicalismo dessas correntes religiosas, não entendemos assim. A dor pode ser decorrente de erros do pretérito, mas não a rigor. O sofrimento geralmente é processo de aperfeiçoamento ou de técnica retificadora, necessário ao aprimoramento do ser vivente e à depuração de seu caráter, a fim de progredir isento de falhas e defeitos que lhe salpicam a alma. Se fora regra fixa, sem exceções, que pensar do animal que sofre cego, aleijado ou caçado impiedosamente. O animal irracional não pode responsabilizar-se por supostas faltas praticadas, eis que é guiado pelo instinto natural, próprio de sua condição, circunstância imposta pela sabedoria divina, para sobreviver no meio inóspito e nenhuma culpa lhe toca por matar outro animal mais fraco, em busca de alimento. Essa é a lei natural da vida.

Se a dor fosse unicamente fruto de pecados ou maldade de outras encarnações, como encararíamos a situação de João Batista. Diríamos que foi degolado porque no passado era homem mau? E Francisco de Assis? E o próprio Jesus, crucificado no madeiro, após sofrimento cruel, será que fora criminoso em existências passadas? Logicamente que não!

Dor e sofrimento, tanto físicos como morais, é processo regular existente em toda atividade. O bom músico não se obtém de hora para outra, mas após longo e exaustivo estudo e treinamento; o exército vitorioso alcança sua glória, após encarniçados e sangrentos combates; o artista logra êxito em sua carreira, somente depois de muitas angústias e esforços. Aliás, a própria natureza nos fornece exemplos: Entre os minerais, o carbono só se transforma em brilhante, após sofrer lapidação; a pedra só será bela estátua, depois de esculpida; a terra se torna mais produtiva após o lavrador rasgar-lhe o ventre, revolvendo-a com o arado; a videira podada, decepada em seus galhos, desponta com mais vigor e melhores frutos; o animal selvagem se transforma em melhores espécies, em seguida à seleção, sobrevivendo o mais astuto. Nessa luta e atividade dolorosa, os animais vão-se aperfeiçoando para mais tarde ingressar na fase humana.

Portanto, a dor é necessidade, principalmente do ser humano. É através dela que a criação se depura, aperfeiçoa-se e adquire méritos e virtudes santificantes para subir a planos mais elevados na hierarquia espiritual. O bom soldado consegue-se no treino árduo e penoso; sem procurar resolver a aborrecida questão de matemática, não se aprende engenharia; sem o estudo maçante de ciências, o médico não adquire seu diploma; sem se submeter às cruciantes fórmulas químicas e físicas, o cientista não será capacitado; não se pode tirar doces melodias de um instrumento musical, se não se subordinar ao cansativo e tedioso estudo da arte. Tudo é natural e gradativo. Nada se faz aos saltos, omitindo o sacrifício da dor benfeitora; mesmo aqueles que encontram facilidade para certas atividades e empreendimentos, seu dom e inclinação para eles, obedecem a longo aprendizado em existências anteriores. Por tudo isso, vamos bendizer a dor necessária, pois é através dela que chegaremos futuramente a ser verdadeiros anjos.

—oOo—

Há quem se orgulhe e se envaideça por desfrutar posições sociais privilegiadas na Terra. Assim procede, porque desconhece a filosofia lógica da vida. Aliás, poucos buscam estudar a origem e finalidade das existências e das coisas, nem mesmo pretendem ganhar um pouco de tempo, a título de perdê-lo. Pensando bem, quem se encontra em situação cômoda, não quer saber como a conseguiu, se é merecedor ou não em relação a outros sofredores, o que fez por merecê-la e por qual motivo lhe foi dada. Estudar a fundo o assunto para compreender o que se passa e não incidir em erros futuros. Mas, não é a eles que me dirijo e sim aos humildes que militam na Umbanda. A estes procuro consolar, dando-lhes fé, esperança e confiança no Pai Supremo.

Em princípio, irmãos, não deveis lamentar-vos diante das dificuldades e problemas. Eles são necessários para exercitar a mente e a paciência, moldando-vos o caráter para a vida espiritual, donde viemos e para onde vamos, que é o verdadeiro "habitat" do espírito e jamais esquecendo que a vida na matéria, mesmo vantajosa, é ilusória e passageira. A felicidade na Terra, tal qual sonhamos, é impossível, porque todos temos corpo de matéria e esta está sujeita a vicissitudes e necessidades; a transformações psicológicas e a instabilidades emocionais; a ciclos magnéticos e a imposições biológicas; a injunções do espírito e a impulsos de instintos, culminando em decadência e morte.

Quanto a suposta situação de superioridade física, financeira, cultural e espiritual, lembrai-vos de que muitos fortes já pereceram em mãos de fracos; a sorte e a fortuna são como o vento: sempre mudam de direção, soprando em diferentes rumos; a cultura pode ser índice de superioridade aparente em relação aos demais, porque o Universo — nossa pátria real — é infinito e eterno, cuja ciência está longe do alcance dos terrícolas; quanto à ascendência espiritual, que pretendam, basta lembrar-vos de que, freqüentemente, as posições sociais estão invertidas no mundo material, não refletindo fielmente a verdade. Quereis a prova? Ei-la: Pilatos era governador e o apóstolo Pedro, pescador; Herodes era rei, enquanto João Batista era camponês; Augusto e Nero foram imperadores, mas Jesus foi carpinteiro . . .

Portanto, não vos lastimeis: corpo e espírito são distintos como cobra e cisne; um foi feito para rastejar sobre o pó asfixiante dos charcos; o outro, para deslizar suave nos céus arejados pela brisa dos lagos. . . Céu e Inferno não são latitudes geográficas, mas estados d'alma situados no âmago do ser humano, pois quantos não amargam dores cruciantes com os co-

fres cheios, enquanto outros adoçam-se em alegrias com os bolsos vazios . . .; quantos não choram com o corpo perfeito, enquanto aleijados cantam, pedindo esmolas nas feiras . . .; quantos não se entristecem em belas tardes primaverís ensolaradas, ao passo que outros se alegram nos dias invernais sombrios e cinzentos . . . A felicidade não está fora, mas dentro do corpo físico. Depende do interior, onde está o espírito e não do exterior. Muitos sábios e filósofos confirmaram esta grande verdade.

Quanto à posse dos bens terrenos, deixai-os para os insensatos e aproveitadores. Este planeta não pertenceu nem pertence a ninguém. Eles passam como nuvens e a Terra permanece como os picos dos montes, aonde elas resvalam e apenas molham; assim, muitos poderosos já passaram e deles só nos restam tristes memórias. Onde estão seus espíritos? Que é de seus títulos e posições? Cadê a situação privilegiada? Onde, o orgulho e a vaidade?

Um mundo como o atual, pleno de ódio e violência, cheio de malícia e maldade, amplo de tristezas e sofrimentos, deixai-o para os prepotentes, arrogantes e poderosos. Eles são dignos dele. Nós, não. Ao deixarmo-lo, não perderemos grande coisa, pois pretendemos outro bem melhor, abundante de amor e compreensão, de carinho e fraternidade, onde almas isentas das paixões mundanas repartirão conosco, a felicidade verdadeira, sem as implicações da matéria.

E, em relação ao futuro, alegrai-vos, porque sois filhos do maior Architeto do Universo infinito e eterno. O que constrói mundos coerentes e perfeitos; sois filhos do melhor Pai que o Cosmos já teve. Aquele que age com Bondade, Sabedoria, mas com Justiça também . . .

—oOo—

ÍNDICE

I — UMBANDA Pág.

Que é Umbanda 7
Qual a razão da Umbanda? 10
O Nascimento da Umbanda — A África 12
Guias e protetores da Umbanda 17
Guias e seus trabalhos 18
Rituais de Umbanda 23
Os Pretos-Velhos 29
Os Erês (Crianças) 33
Iemanjá 36
Os Exús 39
Linhas da Quibanda 41
As Linhas da Umbanda 44
Mediunidade 48
Triste Retorno 50
Desenvolvimento mediúnico 51
O valor da Mediunidade 52
Mistificação Mediúnica 54
Cardecismo e Umbanda — Semelhanças — Diferenças 56
Pontos fundamentais 58
Glossário 60
Cores das linhas — Bebidas dos Orixás — Saudações
Aos orixás 63
As guias (colares) 64
Trabalhos Públicos ou Sessões 65
Ritos Cerimoniais 67
O Desenvolvimento — O Batismo 68
Cerimônia de cruzamento 69
Coroação de Médium 70

Ritual de Batizado — Preparação 71
Sacramento do Matrimônio 75
Encomendação de Mortos 78
Os Passes 80
Defumações 81
O Charuto 82
A Aguardente 82
Banhos 84
Pólvora 84
Oferendas e Despachos 84
Simultaneidade 87
Corrente Magnética 88
Pontos Umbandistas 88
Significação Principal dos Pontos 91
Como Ler Pontos Riscados 93
O Número 7 Na Umbanda 94
Calendário das Festas 96
Macumba ou Magia Negra 97

II — COMENTÁRIOS

Terreiros Fracos e Fortes 99
Gestos Anti-Higiênicos 100
"Pai Cangibrina" 101
A Sombra do Burro 103
É Preciso Colaborar 104
Exibicionismo 105
Os Astrais 106
Embaralhando as Cartas 107
Ataques e Críticas 109
Umbanda Sofisticada 110
Esclarecendo 111
Sempre a Vaidade 112
Engano 114
Absurdo! 115

O Bom Dirigente Umbandista 116
O Pai de Santo 117
Aprendiz de Feiticeiro 118
Instrução Própria 119
Recomendações aos Médiuns 121
Você Acredita no Feitiço? 122
Vibrações 123
Doutrinação 124
Fanatismo Religioso 126
Materialismo ou Comodidade? 127
III — DOGMAS RELIGIOSOS — CONSIDERAÇÕES
Você Acredita em Assombração? 130
Sobrevivência do Espírito 132
Porque Não Enxergamos Espíritos 134
Céu e Inferno 136
Você Acredita no Diabo? 138
A Reencarnação 140
As Grandes Tragédias 141
O Esquecimento Nas Reencarnações 143
Ciência e Religião 146
A Dor Benfeitora 147
Mensagem Aos Umbandistas 149

7200-7
5-20
C
B--T

PERMA-BOUND®

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 042216660